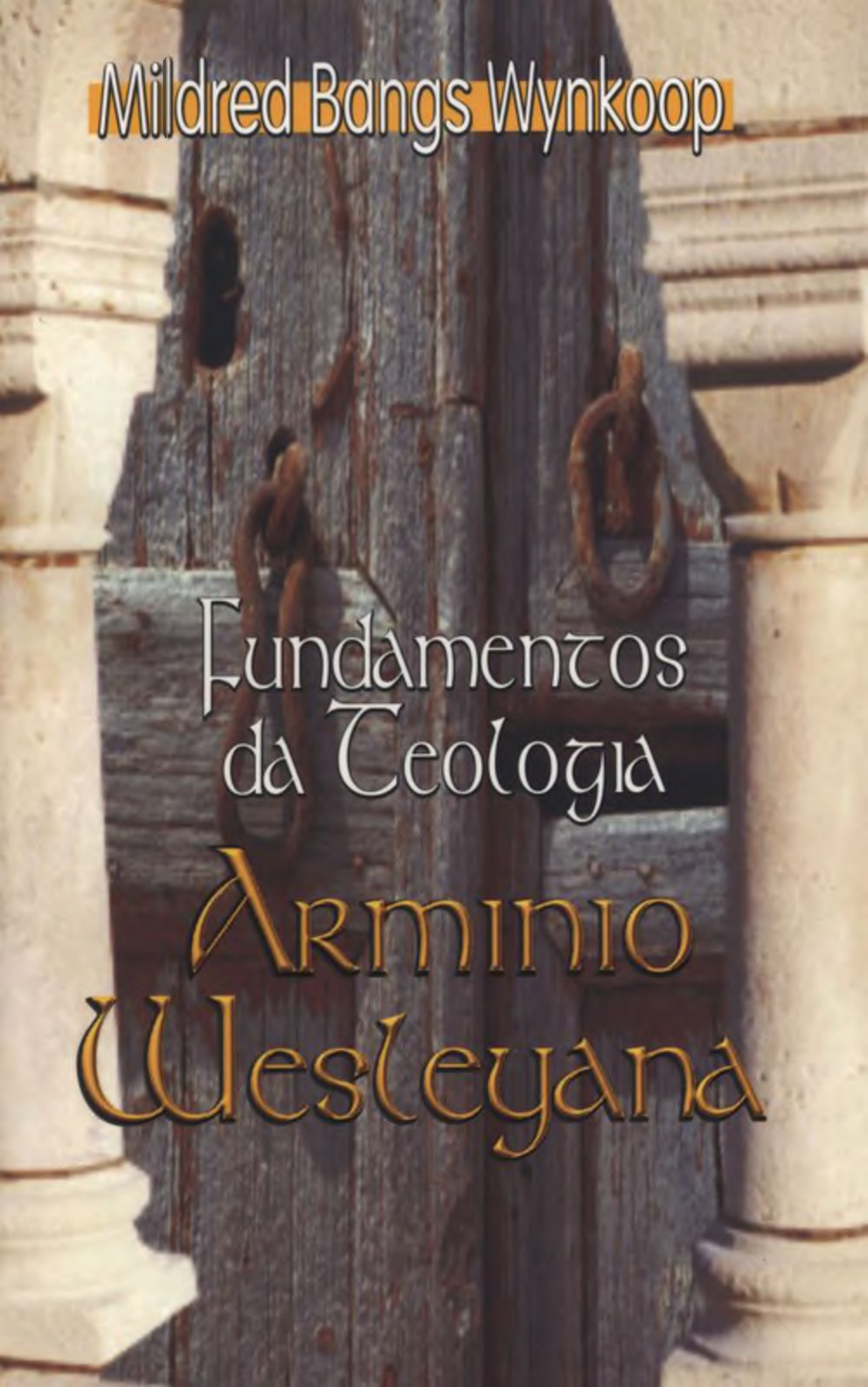


The background of the book cover is a photograph of a large, dark, weathered wooden door. The door is set within a frame of light-colored stone or concrete pillars. On the left pillar, there is a small, dark, arched opening. On the right pillar, there is a large, ornate metal ring handle. The door itself has several smaller, circular metal handles or knockers. The overall scene is dimly lit, with the light coming from the sides, highlighting the texture of the wood and the stone.

Mildred Bangs Wynkoop

Fundamentos
da Teologia

Arminio
Wesleyana

Fundamentos da Teologia Arminio Wesleyana

Fundamentos da Teologia Arminio-Wesleyana é um excelente estudo das diferenças básicas entre o Calvinismo e o Arminianismo históricos.

É com a autoridade de quem conhece o assunto que a autora trata dos pontos críticos, peculiares a cada uma destas tradições teológicas. Essa postura adotada ressalta o que realmente a obra pretende: traçar a significativa contribuição de João Wesley para definir e enfatizar a Doutrina da Santificação como uma experiência pessoal.

MILDRED BANGS WYNKOOP foi uma teóloga da tradicional *Teologia Wesleyana de Santidade* e contribuiu para o seu corpo de escritores por várias décadas.

Serviu como professora do SEMINÁRIO TEOLÓGICO NAZARENO por vários anos e seu mais conhecido e notável livro é: *A Theology of Love The Dynamic Of Wesleyanism*.



Arminianismo - 230,7
Predestinação - 234,9



Casa Nazarena
de Publicações

Mildred Bangs Wynkoop

Fundamentos
da Teologia

Arminio
Wesleyana

Ficha Catalográfica

G233 Wynkoop, Mildred Bangs.
Fundamentos da Teologia Arminio Wesleyana/ Mildred Bangs
Wynkoop
- Campinas: Casa Nazarena
Publicações, 2004.
144p ; 21cm.

ISBN 85-89081-14-1.

I. Arminianismo Fundamentos da Teologia Arminio Wesleyana
(Teologia). I. Título

CDD 231.76

Índice para Catálogo sistemático:

1. Arminianismo 230.7
2. Predestinação 234.9

Traduzido do Inglês: Foundations of Wesleyan-arminian Theology - 1967

Tradução: Eduardo Rodrigues da Silva
e Beryl Adams

Revisão: Márcio Nogueira
e Juranda Aparecida Moreira Silva

Capa: Munhoz Design (19) 3231-4876
www.munhozdesign.com.br

Editoração: Daniel Lima (19) 9107-9597
daniel@nazareno.com.br

Coordenação Editorial: Ebe Ferreira de Souza

1ª Edição: abril de 2004 – Tiragem: 3.000

Impressão: Imprensa da Fé

Todos os direitos reservados à:

Casa Nazarena de Publicações no Brasil
Rua José Paulino, 1861/1863 – Centro
Campinas – SP – Brasil – 13.023-102
Fone/Fax – (19) 3234-7880
www.casanazarena.com.br
cnp@casanazarena.com.br



Conteúdo

Prefácio	7
Agradecimentos	11
Introdução	13
1- Pano de Fundo da Doutrina da Predestinação	19
<i>Ecumenismo Cristão Primitivo</i>	19
<i>Desenvolvimento das Divisões</i>	20
<i>Provincialismo Teológico</i>	24
<i>A Controvérsia Pelágio-Agostiniana</i>	26
2- Desenvolvimento da Doutrina da Predestinação Pessoal	39
<i>Conceitos de Agostinho</i>	39
<i>Conceito Calvinista da Predestinação Pessoal e a Dupla Predestinação</i>	41
<i>A Dupla Predestinação e os Decretos Divinos</i>	46
<i>Conceito de Armínio sobre os Decretos Divinos</i>	51
<i>Resumo dos Conceitos Arminianos</i>	59
3- Características Teológicas do Calvinismo, Arminianismo e Wesleyanismo	65
<i>O Sínodo de Dort</i>	65
<i>Ultracalvinismo</i>	68
<i>Arminianismo</i>	71
<i>Wesleyanismo</i>	73
<i>Arminianismo Wesleyano</i>	75

4- Influência Wesleyana na Teologia Clássica	79
<i>Neo-Calvinismo (Calvinismo Moderado ou Baixo)</i>	79
<i>Calvinismo Wesleyano</i>	81
<i>Wesleyanismo Calvinista</i>	86
<i>Diferenças Doutriniais à Luz da Interpretação Bíblica</i>	91
5- Tensões Teológicas Levantadas pela Doutrina da Predestinação Particular	97
<i>A Vontade de Deus e a Vontade do Homem</i>	97
<i>A Vontade de Deus e a Graça de Deus</i>	104
<i>A Graça de Deus e o Pecado do Homem</i>	108
<i>Salvação por Decreto ou pela Fé?</i>	111
6- Influência da Doutrina Wesleyana do Espírito Santo na Teologia	117
<i>A Obra do Espírito Santo</i>	117
<i>O Espírito Santo e a Certeza Cristã</i>	129
Conclusão	139
Bibliografia	141

Prefácio

O interesse predominante neste estudo é o de aclarar e dar a devida ênfase à doutrina da santidade. Não se trata de uma abordagem dogmática mas, e sim, de um ensaio histórico. Muitas correntes de pensamento teológico são adequadas e convenientemente entrelaçadas neste tópico geral; porém, até onde seja possível, ajustaremos para estudo o contraste entre:

- ◆ *a teoria da predestinação particular e*
- ◆ *o conceito wesleyano da santificação.*

Muitas das objeções à teoria armínio-wesleyana surgem da tensão existente entre estes dois pontos de vista. Alguns conceitos errôneos acerca da doutrina da santidade são severos obstáculos à doutrina, mesmo que a fonte de conceitos errados não seja reconhecida. Certa “pregação sobre a santidade” perpetua os antagonismos porque se ignora a causa da tensão. Se este estudo puder avançar um passo para uma compreensão mútua, não terá sido em vão.

Mesmo que o foco do nosso estudo fosse um só ponto – a linha de predestinação-santificação –, seria

necessário explorar algumas das correntes de pensamento paralelas com o fim de manter uma perspectiva conveniente. Muitas destas “linhas auxiliares” merecem um tratamento infinitamente mais extenso; porém, neste ensaio, seu tratamento terá que ser limitado a sua mais direta vinculação com o tema principal. Com efeito, este interesse na perspectiva total é afim com a matéria. É nossa tese que o provincialismo teológico consiste precisamente na carência de perspectiva conveniente e em deixar de manter uma relação adequada de um dos segmentos da verdade com a totalidade da revelação.

O estudo começa com a história do desenvolvimento doutrinário das diversas teorias da predestinação e as controvérsias nas quais estão implicadas. As teorias da predestinação surgiram como um corretivo a doutrinas da igreja de Deus que não tinham proteção e a conceitos antibíblicos sobre a graça e a natureza humana. Na controvérsia se perverteu a meta correta da santificação que havia sustentado a primitiva igreja Católica e o humanismo cristão. Então, ao cogitar a correção dos falsos pontos de vista sobre a natureza da igreja, a predestinação começou a levantar-se gradualmente contra a doutrina da santificação (segundo a interpretara, mais tarde, João Wesley); e, por fim, chegou a estabelecer-se como um caminho de salvação, precisamente oposto ao apresentado pelo arminianismo wesleyano.

A seção final examina criticamente as distintas tensões teológicas pertinentes ao tema deste estudo. As mencionadas tensões existem por causa das pressuposições filosóficas que os calvinistas e os arminio-wesleyanos adicionam aos temas que devem discutir. A soberania de Deus e a liberdade do homem são pedras fundamentais na estrutura teológica. Elas, por sua vez, determinam o sentido e a relação entre a vontade de Deus e a graça de Deus. O pecado do homem e a graça divina são definidos por qualquer linha

de raciocínio que se siga nos passos prévios. Esta conduzirá, inevitavelmente, às posições características acerca dos decretos divinos e à salvação pela fé, que são os modos mutuamente exclusivos de salvação.

As conclusões a que se chegue neste ponto determinam o conceito pessoal que se tem da obra do Espírito Santo na vida do cristão e expõem com a maior clareza os ensinamentos peculiares que caracterizam as duas tradições teológicas. Existem conseqüências muito práticas na vida as quais brotam de cada uma destas opiniões. O passo final na argumentação teológica é alcançado nas teorias da segurança eterna e a certeza da salvação; estas teorias, embora antitéticas entre si, respondem à mesma necessidade humana; porém, cada uma delas, com sua conseqüência em assuntos éticos.

É inútil opor “*santificação contra predestinação*” ou o *testemunho do Espírito* contra a *segurança incondicional*; ou melhor, *erradicação* frente a *supressão*, sem um conhecimento e avaliação exata da estrutura de raciocínio de cada opinião. Os conceitos deficientes da mensagem wesleyana de santidade tanto como o das imperfeições que acompanham a graça cristã, são difíceis de corrigir sem essa compreensão.

No caso do ensinamento de Wesley, é minha opinião que as passagens citadas sejam documentadas pelos títulos do sermão, ensaio ou carta específicas. Já que há uma boa quantidade de edições das *Obras de Wesley*, e nem todas estão ao alcance de cada leitor interessado, presume-se que será mais fácil encontrar a passagem pelos meios mencionados. Em cada caso, tem sido nossa intenção citar de fontes fidedignas para dar solidez a uma posição ou ao desenvolvimento de uma tese.

Este esforço começou a germinar em forma escrita, enquanto ensinava durante alguns meses de 1960, em Taiwan. As conferências proferidas em inglês e interpretadas em chinês mandarim foram gravadas e

depois publicadas. Um pastor japonês adquiriu uma cópia e a traduziu em seu idioma, passando-a no mimeógrafo para distribuição. Dali surgiu a solicitação para que a série de conferências chegasse em uma forma mais erudita a um Retiro de Pastores (de Igrejas Japonesa de Santidade). Depois das conferências, expressou-se o desejo de tê-las em forma mais permanente para publicação. A extensão e ampliação que se seguiram para a preparação deste tratado (para sua tradução ao japonês) contribuíram para a base deste livro.

Mildred Bangs Wynkoop

Agradecimentos

A autora está muito grata a todas as editoras cujo material com direito de propriedade está citado nestas páginas. Entre elas estão Westminster Press (*Early Christian Fathers*, editado por Cyril Richardson); Muhlenberg Press (*A History of Christian Thought*, por J. L. Neve); Charles Scribner e filhos (*A History of Christian Thought*, por Arthur Cushman McGiffert). Wm. B. Eerdmans Publishing Co., *Progress of Dogma*, por James Orr, e *Philosophy of Christian Religion*, por Edward Carnell); Abingdon Press (*A Compendium of Wesley's Theology*, editado por Burtner e Chiles); e, por suposição, a Beacon Hill Press of Kansas City (*Christian Theology*, por H. Orton Wiley; *John Wesley's Concept of Perfection*, por Leo George Cox; *The Word and the Doctrine*, compilado por Kenneth E. Geiger; e *The Epistle to the Hebrews*, por H. Orton Wiley).

O reconhecimento de apreço também às revistas "Christianity Today" por permitir-nos citar seus artigos "Debate over Divine Election", "Righteousness", por L. Nelson Bell e "Arminius: An Anniversary Report", por Carl

Bangs, e “*Eternity*” (“*Eight Things God Cannot Do*”, por Donald Gray Barnhouse, e “*Justification*”, por George E. Ladd).

Introdução

Nossa herança de santidade é muito preciosa e sagrada. A doutrina wesleyana não é uma ênfase teológica cuja maior distinção seja sua diferença do calvinismo e que “a gente de santidade” deveria ser separada da corrente maior do cristianismo. A santidade é a doutrina central de toda a fé cristã. É completamente bíblica e leva o selo de aprovação da Igreja desde os tempos remotos da história cristã.

É uma doutrina muito enriquecida, como o são todos os maiores princípios da fé evangélica. Nossos grandes “Pais” cristãos, sensíveis às necessidades da Igreja, trabalharam com os problemas teológicos envolvidos e as expressões verbais mais ajustadas para o entendimento. Aplicaram à tarefa, todo o zelo, graça e inteligência santificados de que eram capazes. Grandes homens e heróis deram suas vidas por suas convicções.

A doutrina da santidade é de grande valor. Não é superficial nem aparente. Não se trata simplesmente de um moralismo, “uma fuga” do mundo, um escape

da humanidade do homem. Não é emocionalismo. Existe sangue nela, desde o sangue de Jesus na cruz do Calvário até o sangue dos heróis que consideravam a Palavra de Deus de mais valor do que a própria vida. O que esses homens creram influenciou poderosamente em suas existências – e segue exercendo, hoje, sua influência sobre nós. O que realmente cremos quanto à santidade influi poderosamente sobre nossas ações e escolhas, assim como influi sobre as vidas daqueles a quem servimos e testificamos.

É bom fazer uma revisão da valiosa doutrina de santidade para poder conhecer o tesouro que recebemos e colocá-la em ação em nossas vidas. Devemos vivê-la e pregá-la com entendimento e com a mesma dedicação, zelo, sacrifício e vitória que caracterizam aqueles que viveram e morreram por sua fé e por nosso enriquecimento espiritual.

Ao observar de maneira crítica a Igreja Cristã, nos damos conta de que existem diferenças entre nós que parecem dividir-nos pelas mesmas doutrinas que, segundo nossas palavras nos unam. O cristianismo está centralmente vinculado à santidade. No entanto, as teorias sobre a santidade ocasionam divisões dentro da família cristã.

Se isto é um problema, é então, precisamente, a razão que motiva este estudo. Admitimos que existem diferentes teorias quanto à santificação. A razão para as várias teorias constitui objeto de nossa investigação. O alvo deste estudo é a diretriz para nossa segurança pessoal.

Não há nenhuma vontade de aumentar mais a brecha existente entre os grupos cristãos e que torne a comunhão mais difícil. Ainda que este estudo seja crítico no sentido de ser investigativo, analítico e objetivo, terá perdido completamente o propósito se provocar qualquer espírito de “caça-heresia”, fanatismo ou amargura. O testemunho cristão tem sido seriamente danificado por crentes que não são capazes de amarem-

se uns aos outros ou que não podem participar da Santa Comunhão com outros crentes em qualquer lugar.

O Propósito do Estudo

1 – Entender as razões de nossa existência como grupo de santidade

Por meio deste entendimento, buscamos aclarar nossa tarefa e fortalecer nosso testemunho. Sem um conhecimento inteligente de como somos, nosso propósito e meta chegam paulatinamente a obscurecer-se e, por fim, se perdem. O perigo não está em que deixemos de existir como corpo social, senão em que permitamos que algum motivo indigno e superficial assuma a primazia em nosso pensamento e lealdade, mais do que os grandes assuntos centrais do evangelho.

2 – Compreender as nossas igrejas irmãs cujas doutrinas de salvação diferem da nossa

O entendimento mútuo é de grande importância para estabelecer uma base de comunhão e apagar más interpretações que dissipam nosso vigor espiritual.

3 – Devemos ser capazes de responder a estas perguntas

São as razões de nossa existência como igreja e movimento de santidade suficientemente significativas, como para justificar o tempo, esforço, dinheiro e empenho pessoal para seu desenvolvimento e manutenção? Se for assim, qual é essa razão específica? Qual é nossa missão? Estas interrogações abrangem assuntos tanto teóricos como práticos. A teoria é importante, porque influencia diretamente sobre nossa motivação pessoal e prática, nossa conduta, nosso espírito e nosso zelo.

4 – Este estudo também é compatível com o espírito de João Wesley e com toda a corrente cristã chamada wesleyanismo.

Wesley era um erudito autocrítico e cuidadoso que submetia todas as suas teorias à prova das Escrituras, ao ensino tradicional cristão e à experiência prática. Quando ele tinha certeza de sua posição, preocupava-se por enfatizar e guardar-se do erro. Não propôs uma nova teologia, mas insistiu na dimensão experimental da teologia cristã. Em cada caso em que Wesley pensou ver alguma teoria teológica do cristianismo que deu ao homem qualquer desculpa para falhar, e não se apropriar da plenitude da graça de Deus nesta vida, decidia que aquela teoria precisava ser corrigida pela Palavra de Deus. Uma das preocupações de Wesley era a certeza de que algo não caminhava biblicamente no calvinismo de sua época. Porém sua polêmica foi doutrinal; jamais foi pessoal. Era valente e enérgica, porém nunca amarga.

O Rompimento com o Calvinismo

Este rompimento com o calvinismo não foi uma ruptura da comunhão cristã, mas uma correção do que ele cria ser uma falsa maneira de interpretar as Escrituras. O homem que tão brilhantemente pôde amontoar argumentos sobre argumentos contra a doutrina calvinista da predestinação (*"Free Grace"*, *"Predestinação Considerada Calmamente"*, etc.) também disse: "É dever de todo pregador arminiano, primeiro: Jamais, nem em público, nem em particular, usar a palavra calvinista em deboche" (*"Que é um arminiano?"*). Wesley também exortou seus seguidores: "Cuidado com os cismas!, de fazer uma separação na Igreja de Cristo" (*A Plain Account of Christian Perfection*). A norma de um metodista, disse, não está em tratar de distinguir-se entre outros cristãos, mas somente dos não-conversos. Os metodistas se devem conhecer pelo seu modo de ser humilde e cristão. Ele o expressou com as seguintes palavras: "É teu coração reto como é o meu? Não te pergunto mais. Se for assim, dá-me a mão. Por opiniões ou termos, esforcemo-nos juntos pela fé do evan-

gelho". (*The Character of a Methodist*). Porém Wesley se dava conta dos problemas teológicos que sua pregação levantava nas mentes dos calvinistas e procurou resolvê-los cuidadosa, bíblica e convincentemente. Disse que, posto que Deus requer a santidade nos homens, não podia estar contente até que seu povo experimentasse a plena graça salvadora de Deus. Os homens têm necessidade de confrontar-se com o *evento de crise* que inicia uma vida de vitória espiritual.

Hoje necessitamos entender a natureza desta crise e tudo o que há implicado nela. Devemos compreender nossa responsabilidade de andar continuamente com Deus como o requer Sua Palavra. O calvinismo e o wesleyanismo diferem nestes pontos vitais; portanto, é essencial um estudo cuidadoso.

A linha divisória entre estas duas tradições cristãs descansa sobre teorias opostas de predestinação. Na realidade, quando avançamos no estudo se notará que as teorias sobre a predestinação, e não ela mesma, constituem a vertente de separação. Esta doutrina é a encruzilhada de assuntos tais como a soberania de Deus e a responsabilidade do homem: o pecado e a graça; a justificação e a santificação; a fé humana e a obra do Espírito Santo. Porém as teorias da predestinação procedem de considerações muito mais profundas. Portanto, devemos explorar estas posições mais essenciais. O ato da predestinação é um ensinamento bíblico; porém necessitamos resolver os problemas que surgiram porque os homens trataram de formular teorias sobre este assunto.

É particularmente importante fazer uma cuidadosa distinção entre predestinação e a predestinação pessoal. No curso do desenvolvimento da doutrina cristã, se levantou a teoria que ensina que indivíduos determinados foram objeto da eleição com preferência sobre o modo do governo de Deus na história numa forma mais geral. Esta é uma questão teológica decisiva.

Nosso estudo, então, começa com uma breve história de como surgiram estas teorias de predestinação. De que fonte tirou Calvino sua doutrina? Sobre que fundamentos se opôs a ela Wesley? Qual é a história de nossos diferentes pontos de vista sobre a predestinação no que se relaciona à santidade? A santidade e a predestinação representam diferentes teorias da salvação em nossas teologias. Sendo que as duas doutrinas são bíblicas, não deveriam dividir a comunhão cristã. Somente com muita oração podemos esperar que seja acrescentado um pequeno raio de luz sobre um assunto obscurecido tão freqüentemente por preconceitos emocionais.



Pano de Fundo da Doutrina da Predestinação

1 – Ecumenismo Cristão Primitivo

A Igreja cristã primitiva em sua totalidade estava unida ao longo de linhas muito claras e definidas. Não tinha uma organização tão hermética como em nossos dias; porém, contava com a suficiente unidade de espírito e um entendimento comum da fé cristã. Por exemplo, para estar em acordo nas grandes conclusões que atualmente conhecemos como os credos ecumênicos, em assuntos tais como a natureza de Cristo, a Trindade e o Cânon das Escrituras. Estes credos foram formulados como salvo-condutos contra as heresias que já haviam começado a surgir sobre os já mencionados temas. Tratam-se das doutrinas fundamentais reconhecidas por todos os cristãos até nossos dias. “Ambas as Igrejas, a Oriental (ortodoxa) e a Ocidental (a primitiva católica) reconhecem quatro Concílios Ecumênicos maiores... Por ‘ecumênico’ queremos exprimir que... está aceito pela totalidade da Igreja como representando-a corretamente em suas definições de fé”.¹

Os Concílios que deram seus nomes a estes credos foram:

- ◆ **Concílio de Nicéia** (325 d.C.), que afirmou a doutrina da verdadeira deidade contra os ensinamentos de Ário.
- ◆ **Concílio de Constantinopla** (381 d.C.), que afirmou o ensinamento da real humanidade de Cristo, em oposição a Apolinário; e da personalidade do Espírito Santo em contraposição a Macedônio.
- ◆ **Concílio de Éfeso** (431 d.C.), afirmando a unidade da pessoa de Cristo contra os nestorianos.
- ◆ **Concílio de Calcedônia** (451 d.C.), que postulou a clara distinção entre a humanidade de Cristo e Sua natureza divina, contra a posição de Êutico. Este concílio deu à Igreja uma declaração de fé sobre cristologia que tem resistido ao teste do tempo.

2 – Desenvolvimento das Divisões

As divisões começaram a desenvolver-se gradualmente na Igreja. A Igreja Oriental, que abordava a teologia com um estilo altamente especulativo, se desviou da Igreja do Ocidente, que era mais prática, até que, por fim, resultou no rompimento eclesiástico e teológico. A Igreja Ocidental tomou o nome de “*Católica*” ou “*Universal*”. Porém acomodou dentro dela os muitos pequenos grupos de cristãos que reconheciam as debilidades e opiniões falsas que se haviam insinuado no seio da Igreja. Estes se irritaram, *in crescendo*, a consciência da Igreja, até resultar em reformas. Estes movimentos “catárticos” ou purificadores exerceram um controle saudável sobre as muitas ênfases indevidas e a desenfreada política de poder dentro da Igreja. Por fim, a “irritação” de Lutero ocasionou uma mudança de curso com respeito a todos aqueles que não podiam e não queriam aceitar cegamente a autoridade eclesiástica.

Na época da Reforma, a Igreja Católica Ocidental se dividiu em duas facções maiores: A Igreja Católica Romana (que já não podia realmente continuar chamando-se “Católica”) e os Protestantes. Essa divisão representava dois conceitos em conflito sobre a Igreja e sua relação com a salvação. Os Católicos Romanos diziam *que a Igreja era o único caminho para Cristo*. Os Protestantes, *que os homens chegam a pertencer à Igreja mediante Cristo*. Esta diferença de pontos de vista tem implicações de imenso alcance nos ensinamentos fundamentais sobre a salvação.

O protestantismo começou a desenvolver algumas rupturas internas sobre alguns assuntos de menos importância; porém, estes assuntos deixaram cicatrizes permanentes. Embora todo o protestantismo concorde quanto às verdades soteriológicas básicas, os luteranos e os calvinistas se encontram mais ou menos separados sobre o fundamento de:

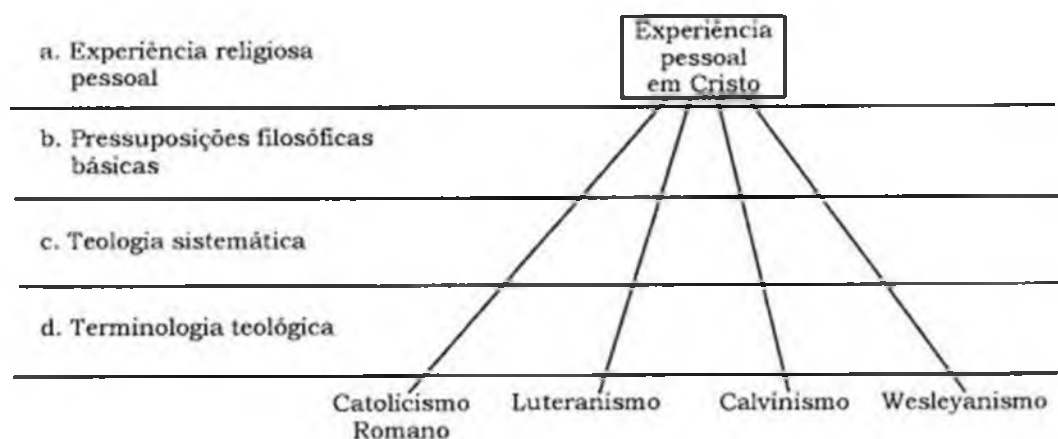
- ◆ **Linhas nacionais** (alemã e francesa),
- ◆ **Conceitos sobre eucaristia** (Lutero sustentava a presença espiritual de Cristo no pão e no vinho; e os calvinistas se inclinavam somente a uma relação memorial),
- ◆ **A doutrina sobre a Igreja** (o realismo de Lutero se aderiu ao ponto de vista católico, menos no tocante à hierarquia; e o nominalismo de Calvino tendia a um conceito mais democrático e individualista).

Em adição a estas divisões amplas, foram levantando-se diversos grupos independentes conhecidos como “*carismáticos*”, cuja inquietude se enfocava mais em uma relação vital e pessoal com Deus do que na autoridade formal das Igrejas organizadas e ligadas por um credo. A contribuição de Armínio à totalidade da situação é de grande importância para posterior correlação dos grupos e para a suavização das linhas rígidas entre as grandes tradições cristãs. Todas as Igrejas Protestantes tradicionais e a maioria das “sei-

tas” maiores podem trazer sua *raison d'être* (razão de ser) em algum ponto dentro do complexo de ideologias que estão debaixo deste breve esboço:

Bases das Divisões

Estas divisões e subdivisões se estabelecem, principalmente, sobre filosofias diferentes, mais do que nas diversas experiências da graça ou o ensinamento bíblico. O papel da filosofia neste assunto é de importância para a compreensão da nossa própria relação com a doutrina de santidade. Um simples diagrama pode ilustrar o assunto que tratamos.



♦ Nível – “a”

Todos os cristãos têm a mesma experiência quanto a Cristo. Todos somos um nEle. Levando em conta a ilustração temos usado os nomes de nossas quatro tradições cristãs representativas: *Catolicismo romano*, *Luteranismo*, *Calvinismo* e *Wesleyanismo*. Todos os membros que “conhecem a Cristo” em seus corações, conhecem o único Cristo. Só nEle pode obter-se a salvação. Quem quer que esteja “em Cristo” é salvo. Neste nível, não há diferenças entre nós.

♦ Nível – “b”

As diferenças começam a surgir tão logo os homens tratam de manifestar o que sabem de Cristo. O que se deu por assentado como verdades “evidentes”, chega a ser o arcabouço de nossas explicações. O problema se assenta no fato de que os homens não con-

cordam naquilo que pode se constituir em um conjunto de verdades básicas evidentes.

A história da doutrina cristã é, em certa medida, a história do desenvolvimento e ascendência das filosofias predominantes, as quais se têm ajustado à fé cristã. Um choque sempre acompanha o surgimento de uma nova filosofia na história e certas características da teologia cristã sofreram, em maior ou menor medida, mudanças significativas. Um caso exemplar é a maneira pela qual Tomás de Aquino ousadamente sistematizou a doutrina cristã sobre *a base da lógica e conceitos filosóficos de Aristóteles*. Até então, a teologia tinha sofrido a forte influência do neoplatonismo. Tomás correu o risco da excomunhão por causa de sua obra; porém, na atualidade, o denominam “Pai da Teologia Cristã”. Em nossos dias, a teologia cristã é confrontada pelo existencialismo e a filosofia “em curso”. A teologia cristã busca um fundamento filosófico adequado à sua verdade e que também se harmonize com a linha tradicional de pensamento.

♦ Nível – “c”

A teologia sistemática é a doutrina cristã organizada de acordo com os princípios inerentes a determinada filosofia que seja aceita como fundamental. Aquilo que é considerado central na teologia cristã torna-se de primordial importância, e todas as demais doutrinas são daí logicamente derivadas. Porém, é neste lugar onde as maiores diferenças teológicas se fazem evidente.

Uma ilustração interessante deste fenômeno é a diferença radical entre as teorias de soteriologia que emergem das diversas “ordens de decretos” que sustentam alguns grupos. A ordem em que se pensou que os decretos seguem um ao outro, provavelmente está determinada mais pela necessidade lógica do que pelo claro ensinamento bíblico; entretanto, a ordem dos decretos divinos estabelece algumas das maiores divi-

sões dentro do protestantismo, como o demonstrará este ensaio.

♦ Nível – “d”

As palavras e termos empregados por todos os cristãos são praticamente os mesmos. Por exemplo, no caso de nossa ilustração, todos os crentes falam de *pecado e graça*, de *justificação* e de *santificação*, da *soberania de Deus* e da *liberdade do homem*, e dos demais termos indispensáveis. Mas, cada um deles está revestido com as interferências e conotações que brotam de filosofias básicas de cada agrupamento – filosofias apenas reconhecidas como tais – ,consideradas ingenuamente, porém, como a herança comum de todas as mentes racionais. A comunicação e o entendimento parecem estar obstruídos em cada encontro entre estes grupos. Falamos “sem tocar o essencial”, em lugar de ocupar-nos em dialogar significativamente. Frequentemente, nos acusamos de improbidade e fanatismo, quando a verdade é que cada um fala partindo de um estreito provincialismo teológico que nos cega ao provincialismo de nossos interlocutores. Vejamos a história de alguns destes provincialismos.

3 – Provincialismo Teológico

Estamos empregando o termo “provincialismo” para nos referirmos a qualquer verdade parcial ou a qualquer ênfase sobre um ponto dentro da totalidade do ensinamento cristão, que tende a obscurecer outros fatores do grande todo, ou que negue ou rechace uma parte qualquer do conjunto. Chamamos provincialismo a elevação de um aspecto da doutrina até uma posição central dominante, colocando-a fora de seu lugar próprio na totalidade da doutrina. Não podemos dizer que estes provincialismos teológicos sejam necessariamente falsidades, porém, invariavelmente, deformam o evangelho, se convertem a si mesmos, em juizes de verdade e de fato do evangelho. O evangelho cristão, como o apresentam as Escrituras, é a Palavra de Deus.

Nenhuma de suas partes pode descuidar-se e tampouco nenhuma, por si mesma, pode chegar a ser o todo sem trair o evangelho. Um equilíbrio próprio, sensitivo, grandioso de todas as partes do ensinamento bíblico é a grande necessidade contemporânea.

A Igreja Cristã do Novo Testamento acreditava e ensinava que Cristo havia sido morto em favor de todos os homens. Diziam que qualquer um podia ser salvo convertendo-se ao Salvador pela fé. Parecia que eles não duvidavam do dom de Deus repartido a todos e a cada um dos homens para poder responder ao convite divino. Esta confiança se refletia no tremendo ímpeto evangelizador e missionário que imperava na Igreja de Pentecostes. Cresceu e se propagou como o fogo numa floresta seca. Igrejas pobres enviaram os seus melhores líderes como missionários (Atos 13:1-3) e seguiram enviando seus homens escolhidos com doações em dinheiro e ajuda a outras Igrejas mais necessitadas que eles mesmos. Isto faziam com gozo e espontaneamente (2 Coríntios 8:1-5).

Os “Pais Apostólicos” (*Barnabé, Clemente, Inácio, Policarpo* e outros) são aqueles líderes cristãos que seguiram imediatamente os apóstolos do Novo Testamento, supondo-se que foram ensinados por eles. Criam e ensinavam que a vontade humana tem a liberdade para escolher o bem ou o mal, Deus ou o pecado. Enquanto que toda a literatura do Novo Testamento foi escrita por judeus, a que se seguiu brotou exclusivamente da pena dos gentios. Depois da morte dos apóstolos, o cristianismo vital foi quase exclusivamente gentio.

Imediatamente depois da idade apostólica, como as jovens Igrejas gentílicas forçosamente tiveram que enfrentar a sociedade pagã sem a direção daqueles que haviam conhecido a Cristo pessoalmente, duas fontes de oposição requererão sua atenção: 1. *O ataque pagão*; 2. *Os cismas internos*. “Os temas dominantes são a unidade da Igreja ao redor de seus líderes e a preservação da fé, para que não se corrompessem. Em

consequência, a espontaneidade religiosa dos escritos do Novo Testamento vai cedendo seu lugar a uma nota mais moral e eclesiástica”.² A profunda preocupação espiritual do Novo Testamento está modificada nestes escritos; porém há um intenso interesse pela mensagem básica do evangelho. Entretanto, posto que estes primeiros cristãos tiveram que encarar os perigos da apostasia em uma sociedade pagã, eles deram uma maior atenção ao comportamento correto, ao arrependimento, ao sistema eclesiástico e à fé correta. Ensinavam a salvação, não tanto pela fé, senão por méritos. Dava-se uma ênfase excessiva à ética até o descuido da graça e da experiência cristã pessoal. J. L. Neve disse que “apenas existem indícios da doutrina da justificação nos escritos daqueles pais”.³ O mesmo autor cita Clemente (Homília de Clemente, XVI, 4), e diz: “A esmola é excelente como um ato de arrependimento dos pecados; o jejum é melhor que a oração; porém, a esmola, é superior a ambos porque chega a aliviar a carga do pecado” e cita Hermas (Similitude, V. 3, 3) na seguinte expressão: “Se podes fazer mais do que Deus pede, ganharás mais glória para ti e mais honra diante dEle”.⁴

4 – A Controvérsia Pelágio-Agostiniana

PELÁGIO

No ano 409 d.C., chegou a Roma um monge britânico chamado Pelágio. Era homem de elevada reputação e conhecido por sua santidade. A. C. McGiffert comentou sobre ele: “Estava profundamente interessado na conduta cristã e se havia dedicado à tarefa de melhorar as condições morais de sua comunidade, que, a seu ver, estava em triste urgência de melhorar. Tinha um grande corpo de adeptos e exercia considerável influência como líder religioso e moral. De acordo com a melhor tradição cristã, colocava, particularmente, ênfase sobre a pureza pessoal e a abstinência da corrupção e da frivolidade do mundo. Ainda quando

ele não era extremadamente ascético, seu ensinamento era rigoroso e Pelágio fez uma enérgica apelação aos mais sinceros da Igreja".⁵

Pelágio sentia que a desmedida ênfase dada por Tertuliano ao pecado original exercia uma tendência a minar o sentido da responsabilidade pessoal. McGiffert continua: "Ele rechaçava totalmente a doutrina do pecado original, insistindo em que o pecado é meramente voluntário e individual, e não pode ser transmitido. A queda de Adão não afetou nem as almas nem os corpos de seus descendentes. Seus corpos provêm dele, porém não suas almas; e sua carne é boa porque tudo o que Deus fez é bom. Até onde alcancem suas naturezas e capacidades, todos os seres humanos estão na mesma condição que Adão no princípio. No entanto, eles sofrem pelo mau exemplo da raça, coisa que não aconteceu a ele. Apesar disto, são livres, tanto como ele o foi e têm a capacidade de escolher sem reservas, o bem e o mal. Como Adão, cada homem é o criador de seu próprio caráter e determinava o próprio destino. Seu caráter lhe pertence e não pode ser transmitido a outro. Ademais, seu caráter não determina sua conduta. Pode trocar seu curso de ação, quando desejar".⁶

Somente uma pequena parte dos escritos de Pelágio foi preservada. A maioria do que sabemos acerca deles é porque estão incluídos nas obras de Santo Agostinho e nas dos discípulos de Pelágio, que lhes agregaram elementos racionalistas e naturalistas. Destas fontes, podemos resumir seus ensinamentos da seguinte maneira: Adão foi criado mortal e a morte é a expectativa natural para todos os homens. A morte não é o castigo pelo pecado. A vontade do homem é absolutamente livre. Fazendo uso de sua capacidade natural, ele pode escolher livremente entre o bem e o mal. Se Deus pediu obediência à Sua Lei, quer dizer que deve ter dado ao homem poder para obedecer. Não existe predisposição ao pecado no coração humano –

nem pecado original que a raça herde. O pecado de um homem – de homem algum – não pode afetar o outro; o pecado de Adão não pode, de maneira alguma, afetar toda raça humana.

Pelágio sabia bem que a maioria dos homens peca e que por isso sofreria o castigo eterno; que os pecadores necessitam ser salvos, que Cristo havia vindo para salvá-los, sendo nosso Exemplo e Inspiração para vivermos cristãmente.

“Ainda que Pelágio tenha exaltado enormemente a capacidade e a independência humanas, falava, no entanto, da necessidade da graça divina, insistindo em que sem ela ninguém podia ganhar a vida eterna. Porém, para ele, a graça divina não era um poder ou essência divina interior, senão instrução e iluminação. Ainda, empregava a palavra graça em um sentido mais amplo para referir-se ao livre-arbítrio e aos dons da razão e à consciência com que estão dotados todos os homens.”⁷

Pelágio havia ido a Roma; porém, é muito duvidoso que tivesse ouvido acerca de Agostinho até que os problemas políticos da cidade fizeram que lhes admitisse, tanto a ele como a seu seguidor Coelestius, transferir-se para Cartago, onde a influência de Agostinho era grande. A partir do ano de 411 d.C., a controvérsia entre os dois homens foi acentuada. Finalmente, Pelágio foi ao oriente e se instalou na Palestina, onde o seu ponto de vista se popularizou e os critérios de Agostinho jamais puderam estabelecer-se. Assim, este último seguiu adiante com a controvérsia por meio da publicação de muitos ensaios.

A recapitulação que Pelágio fez de sua posição teológica chegou a ser o dogma teológico principal da Igreja do Oriente. A natureza especulativa da mente oriental se inclinou em direção à ênfase excessiva sobre a liberdade do homem e sua capacidade de perfeição. O pensamento oriental perdeu o profundo sentimento da culpa e do pecado e, como consequência, da graça.⁸

Wiley pensa que a grande controvérsia entre Agostinho e Pelágio era, num sentido muito mais fundamental, “um conflito entre o Oriente e o Ocidente refletido entre estes dois teólogos eminentes”.⁹

AGOSTINHO

As teorias de Pelágio foram desafiadas pela pessoa que chegou a exercer a maior influência na Igreja Cristã desde os tempo do apóstolo Paulo – Agostinho (354-430 d.C.). Essa controvérsia tem dividido a Igreja desde então. Não há dúvida de que a história pessoal de Agostinho teve algo a ver com sua teologia. Seus talentos e inteligência pessoal eram magníficos e sua força intelectual extraordinária para a apologética, que esteve à altura das circunstâncias de sua vida. Chegou a converter-se de uma vida má ao cristianismo, quase contra a sua vontade. Jamais deixou de maravilhar-se com o irresistível poder da graça e com as orações de sua mãe para alterar a direção de sua vida.

Sua mente investigadora havia explorado todas as tendências filosóficas de sua época “e tantas correntes de pensamento o influenciaram que não logrou sintetizar, em um todo harmonioso, como resultado de que em seu sistema encontramos contradições frequentemente”.¹⁰ Jamais se recuperou por completo do dualismo neoplatônico. Porém, manteve o valor humano contra o conceito maniqueísta da degradação da natureza do homem; e afirmou a depravação humana, opondo-se a Pelágio que ultra-idealizava a capacidade da natureza humana. Na verdade, correntes muito contraditórias de pensamento teológico surgiram do ensinamento de Agostinho: a autoridade eclesiástica sobre a qual se alicerçou a Igreja Católica Romana, seu misticismo e a doutrina da graça, característica do protestantismo.

O violento contraste entre os pontos de vista de Pelágio e Agostinho criou uma tensão exagerada; e no calor da controvérsia, ambos, para refutar a doutrina do outro e sustentar a sua própria, apresentaram dou-

trinas que se tornaram mais extremadas do que teriam sido em uma situação normal. A controvérsia cria uma atmosfera crítica saudável; porém, está mais assediada pelo perigo do extremismo do que pela mera correção de erros. Certamente, os seguidores de Pelágio transformaram em doutrinas aspectos de seus critérios em uma maneira que faz que a história o recorde por uma posição que provavelmente ele não sustenta.¹¹ “Agostinho se viu forçado a conclusões lógicas, onde um estudo subsequente de seus ensinamentos demonstra que eram incompatíveis com seus próprios pontos de vista mais maduros”.

Resumo Comparativo das Opiniões de Pelágio e Agostinho

◆ **O Ensino de Pelágio**

- O homem tem uma vontade perfeitamente livre. Pode fazer o que Deus lhe manda.
- Não existe nenhum impulso inato para pecar, nem pecado original herdado de Adão.
- O pecado é a simples eleição de fazer o mal. A natureza sensual do homem é a ocasião, não a causa, do pecado.
- A graça, como causa, é desnecessária para mover a vontade para Deus. Cristo opera como Exemplo e incentivo para fazer o bem. A perfeição cristã é só um acúmulo de virtudes individuais que operam sem que seja necessário um coração regenerado.

◆ **A Refutação de Agostinho**

- Deus criou o homem *posse non peccare et non mori* (com a possibilidade de não pecar e não morrer). A vontade era quem governava.
- O homem abusou da sua liberdade e voluntariamente desobedeceu a Deus. Como consequência entrou o estado onde *non posse non peccare et mori* (não era possível não pecar e morrer) porque Deus já não dava direção à vontade.

- A vontade se transformou em volição pecadora. Todos os homens participam dela, porque todos estavam em Adão quando pecou e, portanto, pecaram com ele. Todos são culpados.
- A salvação (aqui é onde Agostinho não pôde ver sua própria ambigüidade) se obtém somente:
 - Pelo batismo, que assegura à criança a salvação – e, portanto ele favoreceu o batismo infantil; ou
 - Pela graça, que é absolutamente necessária para a salvação; porque só a graça pode mover a vontade do homem.

Neste ponto, nossa tarefa não é traçar a história da controvérsia pelágio-agostiniana. É suficiente notar a forma lógica do raciocínio de Agostinho que se desenvolveu “partindo de uma necessidade interior pela segurança da salvação”,¹² e em oposição a seu antagonista, Pelágio.

♦ **Desenvolvimento Lógico do Raciocínio de Agostinho**

- Deus é absolutamente soberano. Ele é a causa direta de tudo que existe. Nada pode resistir à Sua vontade. (Esta é sua premissa que refletia o conceito neoplatônico de Deus como completamente distinto* desconhecido, inacessível).
- Portanto, o homem caído é absolutamente impotente para querer alguma coisa contra Deus, ou em favor de Deus. Em contraste com a santidade de Deus, o homem é completamente mal.
- Se alguém é salvo e se volta a Deus, é só porque Ele moveu a vontade do homem para corresponder-lhe; quer dizer que Deus troca a inclinação do coração, de modo que o homem atue em liberdade. A graça muda o coração; porém, na obra de mudança de coração, a gra-

ça opera de tal maneira, que a vontade do homem não pode resistir a ela. Podemos dizer, como expressa Neve, que o homem se converte não porque ele quer, mas que ele quer, porque está convertido.¹³

- A graça é irresistível, porque a vontade de Deus é irresistível. Portanto (seguindo essa linha de pensamento), aquele a quem Deus quer salvar será salvo e não se perderá jamais, porque o Senhor é quem assume a responsabilidade de mover Sua vontade – e Deus não pode mudar.
- Se Cristo morreu por todos os homens, como dizem alguns, então todos seriam salvos. Porém, observou, todos não são salvos. Por quê? (Em anos anteriores, ele havia respondido a esta interrogação relacionando-a com o livre-arbítrio e não com a graça predestinadora.¹⁴).
- Obviamente, nem todos os homens são salvos, porque Deus deve ter selecionado alguns eleitos particulares para a salvação um número determinado de pessoas que não pode mudar. O resto permanece abandonado em seus pecados. É inconcebível que Cristo tenha morrido por alguém que não venha a ser salvo.
- Sendo Deus imutável, só é razoável supor que os predestinados foram eleitos desde a eternidade.
- Portanto, a predestinação individual é a única maneira lógica de explicar a salvação de qualquer homem.

Para Agostinho, a predestinação pessoal não era uma doutrina bíblica, senão uma conclusão inevitável para sua própria linha de pensamento, que ele acreditava ser bíblica. Sua lógica levou-o a responsabilizar por completo Deus pela salvação de certos seres humanos previamente eleitos. Sua doutrina da predestinação não foi a priori senão uma conclusão. Deve di-

zer-se também que Agostinho recusou seguir sua própria lógica a seu inevitável resultado de fazer Deus o autor do pecado ou a causa da condenação de qualquer homem. Anos mais tarde, seus seguidores tomaram esse passo.

Foi assim que Agostinho chegou à doutrina da predestinação pessoal. Como já se fez notar, este ensinamento não o extraiu do estudo da Bíblia, mas da conclusão de sua própria lógica, que ele então creu que tinha que ser bíblica. A doutrina agostiniana da predestinação pessoal se propagou depois que ele desenvolveu seu ensinamento sobre o pecado e a graça.¹⁵

Seu conceito de graça como ação direta sobre a vontade humana, “necessitava de uma crença num decreto divino que determinava o número exato dos que deviam ser salvos.... Partindo desta maneira de raciocinar... gradualmente foi desenvolvendo-se uma teoria de predestinação”.¹⁶

Uma Análise da Teoria Agostiniana

Tem-se observado que a teoria agostiniana da predestinação faz do decreto divino a primeira causa da salvação, e da morte de Cristo uma causa segunda e subsidiária. É muito certo que a salvação por decreto divino e a salvação pela fé na meritória morte de Cristo na cruz são duas coisas sumamente distintas. No primeiro caso, Cristo não é absolutamente essencial para a salvação, senão um elo numa corrente predefinida de eventos. No segundo, Cristo é completamente essencial para a salvação e dEle fluem os benefícios da expiação. Esta última parece ser uma interpretação melhor das Escrituras.

Para servir aos propósitos deste estudo, é de valor observar que Agostinho, um verdadeiro gigante, era cristão e bastante inteligente para não permitir que sua proclamação do evangelho estivesse limitada dentro de sua própria lógica. Pregou a homens com se fossem capazes de exercer a livre eleição moral, tal

como ele mesmo havia rendido seu perverso coração ao amado Salvador, querido de sua mãe. Seus escritos ensinam que os homens podem responder ao chamado de Deus para serem convertidos. Porém, também, que os seres humanos podem ser salvos somente recebendo o batismo da Igreja. Ademais, ensinou que o batismo infantil era necessário para assegurar a salvação a todos.

Isto nos deixa perplexos e com algumas perguntas: 1. São os homens salvos pelo decreto divino predeterminado na secreta decisão da vontade inescrutável de Deus? 2. O homem é salvo pelo batismo da Igreja? 3. Ou é salvo pela fé em Cristo? As três são modos mutuamente exclusivos de salvação; não obstante, Agostinho os ensinou sem nenhuma perplexidade intelectual. Ele “não pôde desenvolver logicamente seu sistema de predestinação, porque não encontrou solução para a dificuldade de que a graça da eleição se ligara com um sistema sacramental de ritos”.¹⁷

Foi um pensador cristão tão formidável, que quase toda a Igreja cristã encontrou um fundamento em seus ensinamentos sobre o qual alicerçou grandes sistemas de doutrinas. Estes sistemas, porém, quando se projetam em formas teológicas independentes, se excluem entre si; assim é, porque cada um se levanta sobre um segmento de doutrina sem relação com a mais ampla compreensão da verdade que surgiu através da inteligência do homem que é considerado o maior dos mestres cristãos depois dos apóstolos. Os sistemas doutrinários resultantes são incompatíveis, porque cada um apresenta um aspecto da salvação em oposição aos outros, e esta contradição se converte numa barreira para a unidade e o companheirismo. Estas divisões teológicas na Igreja Cristã se baseiam, em grande parte, em contradições lógicas mais do que em exegese bíblica; e este ponto é significativo para o estudo sob nossa consideração.

Deveria ter-se em conta que a posição extrema agostiniana sobre a predestinação pessoal foi rechaçada pela Igreja. Prevaleceu um assim chamado semipelagianismo. As opiniões de Agostinho foram restauradas no século nove pelo monge Gottschalk; porém a Igreja voltou a excluí-las de forma definitiva. Gottschalk viu os perigos no semipelagianismo da Igreja; porém, sua louvável tentativa de restaurar a doutrina da salvação somente pela graça se debilitou, porque não logrou reconhecer nenhuma classe de liberdade humana, quer psicológica ou formal. Por causa desta posição extrema, abriu a porta ao antinomianismo e a um possível desmoronamento da totalidade do sistema eclesiástico da Igreja. Levou-se a cabo vários sínodos num esforço para resolver a tensão entre as duas posições e voltou a prevalecer uma postura intermediária sobre a extrema predestinação em favor da piedade prática.¹⁸

Como resumo e conclusão, deve ter-se em conta que tanto Pelágio como Agostinho estavam tratando de manter os conceitos ou verdades válidas. Pelágio estava preocupado com a preservação da dignidade humana e a responsabilidade moral, o que era necessário e devia realizar-se. Agostinho queria conservar a absoluta soberania de Deus e a completa necessidade de Sua graça no concernente à salvação, o que também era correto. Porém, na tensão da controvérsia, se produziu uma falsa antítese entre os dois pontos de vista. Cada homem, ao exagerar a ênfase de sua verdade, contribuiu para que a verdade oposta fosse corretiva ou complementar. Pelágio perdeu a necessidade da graça de Deus; e Agostinho o conceito da verdadeira responsabilidade moral.

Com respeito ao nosso estudo sobre a predestinação e a santidade, deve ter-se em conta que a predestinação pessoal por decreto divino não teve, originalmente, intenção de constituir-se num desafio à doutrina de santidade, senão que surgiu para preservar a

majestade e soberania de Deus contra o perigo de fazer com que o homem se desligasse dEle. Porém, inerente à teoria da predestinação pessoal existe uma negação da possibilidade da santidade prática tal como a entendeu Wesley. A doutrina da predestinação pessoal, no fundo, desafia o ensinamento wesleyano da santificação.

**Afirmção de Wesley
em seu sermão “Free Grace”
(Sobre a Livre Graça)**

Se (a eleição) fosse assim, toda a pregação seria em vão. É necessária para os eleitos, porque com ou sem ela, infalivelmente serão salvos. Portanto, a finalidade da pregação – salvar as almas – é anulado em relação a eles; e é inútil para aqueles que não têm sido eleitos, porque não há a possibilidade de serem salvos. Com ou sem pregação, eles serão infalivelmente condenados...

Isto, então, é uma clara prova de que a doutrina da predestinação não é uma doutrina de Deus, porque anula as ordenanças de Deus; e Deus não pode dividir-se contra Si mesmo. A segunda é que diretamente conduz a destruir essa santidade que é o final de todas as ordenanças de Deus... A doutrina (da eleição) se inclina a eliminar a santidade em geral, porque quita completamente esses primeiros motivos para segui-la... a esperança da recompensa e o castigo futuros, a esperança do céu e o medo do inferno.¹⁹

NOTAS

¹ H. Orton Wiley, *Christian Theology* (Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1940), 1,68.

² "Process" philosophy.

³ Cyril Richardson, ed., *Early Christian Fathers* (Philadelphia: Westminster Press, 1943), p. 17.

⁴ J. L. Neve, *A History of Christian Thought* (Philadelphia: The Muhlenberg Press, 1946), I, p. 38.

⁵ Ibid., p. 39

⁶ Arthur Cushman McGiffert, *A History of Christian Thought* (New York: Charles Scribner's Sons, 1953), II, p. 125.

⁷ Ibid., p. 126

⁸ Ibid., p. 128-9

⁹ James Orr, *Progress of Dogma* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1952), P. 26

¹⁰ Op. Cit., 69.

¹¹ A. W. Nagler, *The Church in History* (N. York: Abingdon-Cokesbury Press 1929), p. 74

¹² Cf. Neve, op. Cit., I, 143.

¹³ Ibid., I, p. 147.

¹⁴ Wholly other

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Cf. Wiley, op. cit. II, p. 234.

¹⁷ Cf. Neve. op. cit., I, 146.

¹⁸ Wiley, op. cit., II, 348-49;

¹⁹ Ibid., p. 349.

²⁰ Neve, op. cit., I, 170.

²¹ João Wesly, *Sermões*.



Desenvolvimento da Doutrina da Predestinação Pessoal

1 – Conceito de Agostinho

A Igreja Católica seguiu os ensinamentos agostinianos no que diz respeito à Igreja como única porta de acesso à graça de Deus e à salvação eterna. A salvação por meio dos sacramentos gradualmente conduz a dar-lhe uma exagerada ênfase ao poder e autoridade total da Igreja e sua hierarquia. “A salvação só mediante a Igreja” chegou a significar a submissão total da consciência de cada indivíduo aos ditames da Igreja. Somente faltava um passo desta posição ao abuso arbitrário, antibíblico e algumas vezes imoral do sistema das “indulgências” que atava o indivíduo de mãos, pés, coração e bens à Igreja e o estimulava a seguir pecando.

Por certo, não se deve responsabilizar Agostinho pelos abusos da Igreja Católica. Se Lutero não se rebelasse, não é difícil imaginar que Agostinho, se tivesse voltado dos mortos, teria feito o mesmo que o reformador alemão. Por outro lado, a lógica do conceito agostiniano da Igreja, não corrigido pela contribui-

ção total de Agostinho, conduz ao abuso do sistema das indulgências.

No século XVI, Martinho Lutero e mais tarde João Calvino fizeram a Igreja retornar à doutrina bíblica da justificação pela fé em Cristo. O fundamento dos protestos destes homens foi contra a soberania arrogante e autodeterminação da Igreja sobre as almas dos homens, que despojava Deus de Sua absoluta soberania. Provavelmente, o problema das indulgências chegou a ser a ocasião do conflito mais do que a sua causa. A pergunta real era: Quem seria Deus? Os reformadores não pretendiam criar uma nova Igreja ou novas doutrinas. Eles simplesmente chamaram a Igreja a retornar aos seus próprios ensinamentos retos, que eles criam haverem sido profanados pela Igreja Católica. Lutero desejava reformar a Igreja, não dividi-la.

Contribuição do Pensamento de Agostinho

A liderança intelectual de Agostinho proporcionou o fundamento filosófico para a Reforma, particularmente seu conceito sobre a soberania de Deus. A salvação pelo soberano decreto eterno de Deus e unicamente pela própria iniciativa divina se ergueu, com audácia, em oposição ao ensinamento da igreja de que a salvação poderia ser obtida somente mediante a obediência a seus mandatos e pelo acúmulo de méritos conquistados pelas boas obras ou pagamento em dinheiro.

A doutrina bíblica da salvação somente pela fé, que desafiou a doutrina católica de obter a salvação pela obras, se alicerçou sobre o tema mais profundo da soberania de Deus. É exatamente aqui que prevaleceu o conceito agostiniano de Deus no protestantismo, e onde a salvação por decreto divino chegou a ser considerada a posição ortodoxa.

Porém, uma nova pergunta se levantou: Somos salvos pelo decreto divino ou pela fé? Ou, expressando-se de uma maneira mais conhecida: Somos salvos pela graça (o conceito agostiniano de graça como uma causa divina) ou somente pela fé? Ambos, somente a gra-

ça e somente a fé foram afirmações protestantes. O problema lógico foi fácil e rapidamente resolvido ao colocar a fé em posição dependente da graça: Deus dá aos homens eleitos uma classe especial de fé para a salvação. Desta maneira, se dava prioridade à predestinação sobre todas as demais doutrinas, chegando a ser o princípio que controlou a teologia da Reforma. Por esta causa, o conceito bíblico da fé foi trocado para fazê-lo encaixar na doutrina da predestinação pessoal. Deste modo, a conclusão lógica de Agostinho – a predestinação pessoal – se transforma no princípio de interpretação bíblica; em lugar da exegese bíblica se tornar a base da teologia.

2 – Conceito Calvinista da Predestinação Pessoal e a Dupla Predestinação

Ao notar a contribuição de Calvino à Igreja em geral e à Reforma em particular, devemos recordar que ele estava tratando de fazer ressaltar com clareza a doutrina cristã e a vida prática nas mentes confusas das pessoas que tão recentemente se haviam distanciado da autoridade absoluta da Igreja Católica. Nela, haviam aprendido a obedecer, porém não a pensar. “A liberdade do evangelho” poderia ser (e era entre alguns) interpretada como liberdade irresponsável. Eram poucos os que podiam ler qualquer coisa, talvez somente a Bíblia e os livros teológicos que estavam em latim. As poucas Bíblias manuscritas existentes estavam fisicamente fixadas em bancadas de leitura nas igrejas, para que os doutos as lessem. Os leigos podiam “ler a teologia somente nos rituais e na arquitetura das igrejas”.

As pessoas tinham necessidade de orientação sólida em teologia e conduta social da parte de seus líderes. Ao tempo da Reforma, a Bíblia estava disponível em línguas vernáculas; porém, sua interpretação e aplicação para a vida eram defeituosas e inadequadas. Era necessário desafiar e corrigir as interpretações fantásticas e alegóricas, herdadas de épocas an-

teriores, e essa era uma tarefa enorme, que nunca se fez totalmente.

Em semelhante situação, talvez, o desafio que se apresentou a Calvino foi o de proporcionar uma liderança. Versado em jurisprudência e com uma tremenda mente lógica, estava eminentemente capacitado para a tarefa. Seu trabalho *Institutas da Religião Cristã*, é uma obra-mestra de teologia. Começa com uma explicação muito breve e simples do Credo²⁰. Pessoas simples podiam memorizá-lo e ancorar-se em sua mensagem.

Depois de certo número de edições, cada uma mais completa do que a anterior, a obra tomou a forma que atualmente conhecemos. Porém, com toda sua ampliação, as declarações claras e simples do Credo se levantam como os ramos de uma árvore. Conforme foram expandindo-se, os conteúdos, logicamente controlados, começaram a resplandecer como jóias polidas. Sua estrutura ajuda à memória; sua lógica satisfaz à mente. As *Institutas* ocuparam o lugar de autoridade no mundo protestante que antes havia pertencido à Igreja. No prefácio à edição de 1559, Calvino disse que os princípios e métodos esboçados e aplicados no livro deveriam chegar a ser princípios de interpretação bíblica. *“Tem sido meu objeto nesta obra, o preparar e tornar idôneos estudantes de teologia para a interpretação da Palavra divina... e avançar nela sem nenhum inconveniente. Porque creio haver dado um resumo tão compreensivo e metodicamente ordenado... que com a devida atenção, nada encontrará dificuldade em determinar quais devem ser os pontos principais para seu esquadrinhamento nas Escrituras.”*²¹

Exame das Institutas de Calvino

Ao examinar as *Institutas* é óbvio que as doutrinas sistemáticas na obra não estão exegeticamente determinadas. As Sagradas Escrituras são empregadas para iluminar e atribuir autoridade às doutrinas. A compreensão de Calvino das verdades essenciais da Bíblia é enorme e impressionante; porém, é evidente que o

sistema filosófico que tem fundamentado sua teologia tem tomado prioridade sobre as considerações exegéticas. Calvino não rechaçava a exegese. Esta, segundo a conhecemos na atualidade, ainda não havia se desenvolvido. O ancoradouro de Calvino é uma apelação às Escrituras como a autoridade.

No entanto, devemos examinar os ensinamentos deste reformador, construídos sobre a filosofia agostiniana. Porém, *a premissa de Calvino era a conclusão de Agostinho*. O raciocínio deste último o levou à conclusão de que Deus predestina alguns homens para a salvação. Agostinho não esteve disposto a levar sua lógica mais adiante. Calvino, porém, foi além do raciocínio agostiniano. Se Deus é absolutamente soberano e predestina alguns homens para a salvação, é de se supor que também elege a outros para a condenação. Assim foi como reviveu na Igreja o ensinamento de Gottschalk da “dupla predestinação”. Agostinho retrocedeu ante a idéia de dar ênfase à “eleição para a condenação” (ainda que seja provável que a tenha ensinado). A mente lógica e honesta de Calvino impeliu-o a afirmar, porém, ele, como Agostinho, não leva sua lógica muito além deste ponto. Ambos eram cristãos vivos e consagrados, mais do que forjadores de teorias.

De modo que a teoria da predestinação pessoal não foi derivada da exegese bíblica, embora tenha sido uma doutrina requerida pela necessidade lógica para defender a absoluta soberania de Deus contra a da Igreja. A predestinação à condenação foi o desenvolvimento lógico e natural de uma premissa aceita.

Calvino desenvolve sua doutrina da predestinação, no Livro III, Cap. 21A, das Institutas. Nesta parte trata de responder às interrogações que se levantam quanto à bondade de Deus, dado que Ele salva a uns e rejeita a outros. Sua resposta enfoca a “necessidade” do homem ao tratar *“de penetrar na profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus”*.²² Não deve-

riamos “nos envergonhar de ser ignorantes”, mas “abster-nos com alegria de perseguir esse conhecimento”. Porém, não se deve “manter em ignorância o que as Escrituras ensinam sobre a predestinação”. Nem todos os calvinistas têm demonstrado ser tão humildes e talvez esta humildade deva crescer em grande parte de nosso próprio pensamento.

O “segundo decreto de eleição” é aquele para condenação.²³ Todavia é necessária outra dimensão para contornar esta verdade, isto é, a da eleição particular, ou seleção de indivíduos determinados. Deus, “não somente oferece salvação, mas também a atribui de tal maneira, que a certeza do efeito não está exposta a incertezas ou dúvidas”.²⁴

Joseph Haroutunian, em suas dissertações de classes, no Instituto Bíblico de Garret (durante os cursos de verão de 1950), recordou aos estudantes que a doutrina de Calvino da predestinação e da eleição representava um repúdio final ao ensinamento católico das boas obras e méritos. O “Terrível Decreto” (Wesley se expressou, assim dizem, sobre este conceito de Calvino) deve ser entendido no contexto da história do desenvolvimento e significado da doutrina.

Calvino não foi mais uniforme com sua própria teologia do que Agostinho. Embora seu sistema fosse lógico – se diz que é uma das teologias mais lógicas que jamais se escreveu – sua pregação, exegese bíblica e sua teoria social, deram lugar a uma maior medida de responsabilidade humana que aquela em que sua teologia se apoiara. À semelhança de Agostinho, Calvino foi melhor cristão do que teólogo.

No vazio teológico do século XVI houve uma necessidade urgentíssima de colégios protestantes para a preparação de ministros. Estabeleceram-se certo número de escolas e em cada uma delas se adotando um aspecto um pouco diferente da predestinação. A igreja jamais havia ficado de acordo com algumas das teorias sobre predestinação. As formas rígidas não haviam

conseguido apelar a um grande setor do protestantismo. A Confissão Belga, mais moderada e flexível, e a de Heidelberg se aproximaram o mais possível da "ortodoxia". Quando se defendeu a interpretação supralapsariana destes credos, muitos intelectuais tiveram temor de "um novo papado", que se formando no ministério, solaparia a liberdade da Igreja. O problema da predestinação não começou com Calvino, nem se limitou puramente a interesses teológicos. Dentro da controvérsia sobre a predestinação estava o problema da tolerância na religião, na política, na eclesiologia e na sociedade em geral.

A Universidade de Genebra para Preparação de Ministros

Calvino que era um erudito, fundou uma Universidade em Genebra (Suiça), para a preparação de ministros. Chegaram ali para estudar, jovens de toda a Europa, em especial dos Países Baixos. Deste modo, a teologia de Calvino se propagou rápida e amplamente pelo continente. Ele mesmo ocupou a cátedra dessa matéria. Ao falecer, um de seus discípulos, Teodoro Beza, tomou o lugar do seu mestre. Desde então, deve-se fazer clara distinção entre os próprios pontos de vista de Calvino e o calvinismo desenvolvido por seus seguidores, que tomou várias direções. Calvino não reconheceria todos os ensinamentos que agora levam seu nome. (Tampouco, Wesley aprovaria todo o wesleyanismo de nossos dias). Como ocorre com todos os grandes líderes, seus discípulos geralmente fracassam em captar a total expressão do campo da verdade vista pelo mestre. Em vez disto, elevam segmentos de verdade, ou pontos de ênfase separados do conceito total ao lugar de maior importância. É assim que se desenvolvem vários "Paulinismos", ou calvinismos ou wesleyanismos, até budismos e mormonismos. É necessário compreender este princípio para poder valorizar os movimentos cristãos modernos.

3 – A Dupla Predestinação e os Decretos Divinos

Beza chegou a ser a mente superior da Universidade de Genebra. Sua interpretação dos ensinamentos de Calvino influenciou toda a Europa por meio dos estudantes para o ministério que freqüentavam esse centro de preparação.

Beza levou a lógica da Reforma a outro passo inevitável. Tanto Agostinho como Calvino eram cristãos muito consagrados e realistas para permitir que seus raciocínios chegassem às últimas conseqüências. A crença de Agostinho em um Deus amoroso ficou satisfeita com a conclusão de que os decretos de Deus asseguram a salvação dos eleitos. Calvino estava demasiadamente “embriagado” de amor por um Deus justo, para ir bem além de sua teoria da dupla predestinação. Já que nenhum homem merece a salvação, Deus não é injusto por salvar uns e condenar outros. Também a alma no inferno deveria regozijar-se por haver sido eleita pessoalmente por um Deus sumamente misericordioso para seu destino particular. De certo modo, a glória de Deus é revelada por seus decretos também no inferno. Deus é justo e eqüitativo.

Entretanto, a mente sagaz e lógica de Beza não se deteve por este mesmo amor de Deus, tão evidente em Agostinho e Calvino. Ele somente concebeu que se Deus é absolutamente soberano e o homem se encontra tolhido pelo pecado, e que, se os seres humanos são salvos ou condenados pelo decreto de Deus, por conseguinte chega-se à conclusão de que Deus induz o homem a pecar, da mesma maneira que Ele faz ou motiva os homens a serem salvos. Esta não foi uma nova doutrina iniciada por Beza, mas que havia sido um elemento intrínseco escondido na totalidade da aproximação à teologia que emana de Agostinho. Nem Beza, nem Calvino previram tal linha teológica, muito menos tinham aprovado dessa maneira tal enunciado.

A lógica de Beza se reflete em sua “ordem dos decretos divinos” conhecida como o ponto de vista

supralapsariano. Implica que o pecado, sendo necessário como instrumento dos decretos divinos para a condenação de alguns homens, também deve ter sido determinado por Deus, anteriormente aos decretos. Esta doutrina da predestinação extrema era agora ensinada na Universidade de Genebra como se fora calvinismo ortodoxo. Os pastores de algumas das igrejas reformadas ensinaram esta doutrina em oposição ao estilo mais moderado da Confissão de Bélgica, que havia sido aceita como ortodoxa pela maior parte das igrejas calvinistas.

Devem-se notar dois fatores no “calvinismo” de Beza. Primeiro, ele aderiu a uma seqüência específica de decretos divinos. Esta seqüência foi a que serviu de apoio à posição teológica extremada que ele sustentava. Em segundo lugar, presumiu saber, à parte do ensino bíblico, qual era a ordem correta. Isto não estava de acordo com a opinião expressada por Calvino quanto ao conhecimento que o homem pode ter de Deus. Que tenham ocorrido outras ordens com diferentes conclusões teológicas sem alguma justificação bíblica melhor ou pior, testifica a instabilidade desta metodologia de construir alicerces debaixo dos sistemas teológicos.

Os wesleyanos, em geral, não falam dos decretos de Deus. Em outras tradições protestantes “os decretos divinos” cumprem uma função muito importante na teologia. A ordem na qual se pensa que os decretos estão relacionados um com o outro determina a ênfase característica de cada sistema. Embora os wesleyanos nem sempre se dêem conta do quanto está estruturada a teologia calvinista em um conceito de decretos, parece óbvio que existe uma relação definida entre esta “ordem” e seu conseqüente ensinamento de soteriologia.

Entre aqueles que fundamentam sua teologia sobre os decretos, tem-se observado que há vários dos assim chamados decretos divinos, ou elementos, no

propósito de Deus para o mundo e o método de alcançá-lo. Este plano foi determinado nos pré-históricos concílios secretos da Deidade. Entre os decretos estão aqueles que têm a ver com a ordem do tempo da Criação, da Queda e da Salvação. O curioso é que existe uma diferença real e significativa nas opiniões acerca da ordem correta destes decretos. A diversidade de critérios se levanta no ponto onde se debate o problema do conhecimento de Deus. Este conhecimento que Ele tem é preditivo (*determinante*), ou Deus sabe meramente de antemão o que fará o homem? Se Deus sabe as coisas de antemão, como conhece um evento que não tem ocorrido se o agente que o produz é verdadeiramente livre? Não limita tal contingência a soberania de Deus?

O sistema SUPRALAPSARIANO coloca o decreto de eleger alguns homens para a salvação e reprovar a todos os demais com prioridade ao da criação humana. O INFRALAPSARIANISMO situa o decreto da criação dos homens antes do que permite a Queda, que por sua vez é seguido pelo "decreto" para prover a salvação. O SUBLAPSARIANISMO entende que o decreto para prover a salvação segue a:

- 1 - Criação
- 2 - Queda
- 3 - Eleição Social

Existem implicações significativas em cada uma das diferenças destas sistematizações.

A Observação de Arminio

Arminio observou que, em alguns destes sistemas, Cristo ocupava um segundo plano e tornava-se virtualmente desnecessário por estes decretos, não importando em que ordem apareciam. Segundo estes decretos, os homens são salvos, não por Cristo, mas pelo desígnio ou vontade de Deus. Ademais, neles, a provisão para a salvação aparece como uma reflexão tardia da parte de Deus. Para justificar o ato de Cristo, por esses decretos torna-se obrigatório assumir um anta-

gonismo fundamental, por assim dizer, quanto à natureza de Deus, entre Sua santidade e amor, entre Sua justiça e misericórdia, entre Sua vontade e Sua permissão.

Para resolver esta contradição impossível é necessário colocar a integridade moral de Deus por trás do véu do entendimento humano e dizer: "A Deus não se pode pedir contas por seu propósito imutável e inescrutável. Quem somos nós, débeis vermes da terra, para dizer o que Deus pode ou não pode, ou o que Ele deve ou não deve fazer?"

No entanto, é precisamente a natureza moral de Deus, segundo Ele a revela, o que nos proporciona o único indício para qualquer retidão moral que podemos conhecer. Seremos mais justos que Deus ou podemos conformá-LO a alguma ordem moral universal, fora dEle mesmo? É necessário defender Deus por seu fracasso em submeter-se a uma ordem moral que nós temos instituído?

Encontramos a solução ao focar uma vez mais por trás da cortina da história para averiguar, se é possível, qual foi o propósito de Deus ao realizar a criação. É necessário, entretanto, que se recorde que onde a revelação silencia não devemos nos atrever a falar. Isto não significa que devemos permanecer na ignorância. "O Cordeiro que foi imolado desde o princípio do mundo", ensinou o caminho para postular um "decreto", se tal palavra é conveniente, que coloque a Cristo no mesmo centro da existência humana. Ele não é só a Palavra Criadora de Deus, mas também é o Manancial do Amor divino e da graça redentora. O amor é fundamentalmente pronto a sacrificar-se; e o amor que impulsionou a criação de inteligências com o poder de retribuir esse sentimento, foi também o amor que poderia, quereria, perdoaria e redimiria o homem ao terrível preço do sofrimento pessoal. Porém atrás da criação estava o amor pessoal de Deus, expressado mediante a segunda Pessoa da Divindade. Isto é graça

– a graça original que precedeu ao pecado original e o antecipou. A graça preveniente, termo teológico que lhe aplicamos, não é uma reflexão tardia, senão uma efusão benéfica do amor divino circundando cada passo da história da humanidade desde a primeira iminência de vida inteligente até o último da existência humana na história.

Uma complicação interessante e de importância se levantou com relação ao calvinismo. À medida que ia reduzindo o domínio estatal do catolicismo nos Países Baixos, o calvinismo ia ganhando terreno como poder político. As Confissões chegaram a ser uma espécie de constituição, debaixo da qual se concedia a qualquer grupo de cristãos o direito de existir como igreja. As Confissões declaravam a natureza pacífica do grupo, freqüentemente evitavam a perseguição e contribuíam para moderar a interferência política. Porém, nos Países Baixos, não era simplesmente o calvinismo, mas a interpretação que Beza deu que definia a ortodoxia religiosa em grau importante. Desafiar a interpretação feita por Beza sobre a doutrina de Calvino equivalia a opor-se à estrutura política e constituía um delito de traição ao governo. Nesta situação confusa e complexa se introduz Armínio, quem, como bom calvinista refutou a interpretação antibíblica da predestinação. Este desafio desferiu um golpe no coração de uma “rivalidade entre o exército holandês e o governo civil. Neste país, a religião e a política estavam intrincadamente entrelaçadas”.²⁵

O fato desta rivalidade somente necessita ser mencionado neste breve estudo; porém, toda sua história é essencial para uma compreensão adequada do arminianismo. Eventualmente, alguns arminianos foram executados como traidores, em lugar de serem considerados como meros oponentes à posição teológica de Beza. O repúdio emotivo e ambíguo dos arminianos pelos calvinistas produzido por essa confusão de interesses religiosos com os políticos se expressa nas

diferenças teológicas em nossos dias. Grande parte da atitude contemporânea dos calvinistas contra os evangélicos arminianos terminaria, se melhor fosse compreendida a verdadeira natureza do conflito original.

4 – Conceito de Arminio sobre os Decretos Divinos

Tiago Arminio nasceu em Oudewater, Holanda, em 1560. As necessidades econômicas obrigaram sua mãe viúva a deixar o filho debaixo da tutela de outros. Foi adotado por um sacerdote católico convertido, que o enviou à escola em Utrecht. Com a morte de seu benfeitor, o brilhante jovem foi levado à universidade luterana local por um professor de Marburg. Em pouco tempo, os espanhóis tomaram Oudewater e assassinaram a maior parte de seus habitantes por negar-se a retornar ao catolicismo. Entre os mortos estavam a mãe e os irmãos de Arminio. Seu coração se encheu de amargura por tanta impiedade política, o que provavelmente explica sua resistência à intolerância religiosa que mais tarde teria que experimentar.

O triste e destituído jovem encontrou refúgio no lar de Pedro Bertius, pastor da Igreja Reformada em Roterdã. Ele o enviou à nova universidade de Leiden, onde se distinguiu como estudante. Finalmente, os patrocinadores da grande igreja em Amsterdã “o adotaram”, assegurando-lhe a melhor educação possível a troco de sua promessa de retornar a eles como pastor, se assim o desejasse. Imediatamente Arminio foi enviado à Universidade de Genebra para sua preparação ministerial; ali estudou teologia com Beza e outros. Alguns se perguntam se Arminio chegou a aceitar completamente a ideologia de Beza; porém, pelo menos, se familiarizou com sua “elevada posição calvinista”²⁶

Ao concluir sua educação em Genebra, Arminio foi nomeado pastor da Igreja de Amsterdã. Era um pregador brilhante, dotado exegeta bíblico, cristão humil-

de e consagrado. Suas mensagens expositivas lhe deram especial celebridade e sua oratória o fez popular, atraindo muitos ouvintes.

Em 1589, um leigo instruído, Koornheert, da Holanda, levantou uma tormenta nos círculos teológicos por suas dissertações e escritos em refutação da teoria supralapsariana dos decretos divinos. É significativo que o tremendo descontentamento gerado com a posição de Calvino e Beza, tenha levado um leigo a fazer tal coisa. Koornheert argumentava que, se como Beza argumentava, Deus causaria o pecado; então, em realidade, Ele é seu autor. A Bíblia, não ensina tal monstruosidade. Koornheert atraía um número cada vez maior de ouvintes e como polemizasse de forma tão brilhante, chegou-se a temer que seu pensamento solapasse a estrutura total do calvinismo, e mesmo a estabilidade política dos Países Baixos. Parecia que nenhum ministro era capaz de refutá-lo e, por isso, Arminio foi incumbido desta tarefa.

Para poder fazê-la, começou uma séria revisão da doutrina da predestinação, na mesma Bíblia, particularmente na Epístola aos Romanos. Concentrou-se no capítulo 9, baluarte calvinista de seu dogma. Porém, quanto mais se aprofundava Arminio, mais lhe convinha sua investigação de que o ensinamento de Paulo estava em oposição à classe de predestinação que Beza ensinava. Os judeus criam que eles haviam sido divinamente predestinados para serem salvos e que nada poderia mudar este ato. Eles sustentavam que Deus seria injusto se rejeitasse a qualquer judeu. A Epístola aos Romanos foi escrita precisamente para mostrar a distinção entre a histórica soberania absoluta e as condições da salvação pessoal. Esta última sempre é pela fé, não por decretos. Nisto se apoia a justiça de Deus²⁷. Arminio nunca abandonou sua crença na predestinação divina; porém, viu a posição bíblica sob uma luz diferente do ensinamento de Beza.

A mente erudita de Arminio se encontrava agora diante do desafio de investigar o assunto até às últimas conseqüências. Leu os escritos dos Pais da Igreja. Em uma obra mestra de investigação, compilou evidências demonstrando que nenhum "Pai" fidedigno havia ensinado jamais os critérios de Beza, nem a dupla predestinação particular de Calvino jamais havia sido oficialmente aceita pela igreja. Para sua surpresa, descobriu que o mesmo Agostinho, não só antes da controvérsia com Pelágio, como principalmente depois, havia ensinado a completa responsabilidade moral²⁸. Jamais se realizou a refutação da "heresia" de Koornheert.

Como resultado deste estudo, Arminio começou a pregar uma série de sermões expositivos da Epístola aos Romanos. Não atacou os pontos de vista extremados de seus colegas, senão que abriu o verdadeiro e rico significado desta epístola ao povo. Finalmente, seus críticos notaram sua falta de ênfase sobre o supralapsarianismo. Em lugar de questionarem abertamente, começaram uma campanha de ciladas. Diziam que Arminio havia voltado a ser católico, um semipelagiano, por seu primeiro contato com o sacerdote na primeira parte de sua vida. Por acaso a viagem que fizera mais tarde a Roma com um amigo, não revelava sua secreta inclinação ao catolicismo? A ênfase católica que empregava era séria, não tanto do ponto de vista teológico, mas porque o protestantismo estava lutando contra os abusos do sistema hierárquico católico e sua esmagadora dominação política.

Cada vez que Arminio tinha oportunidade de defender publicamente sua exposição das Escrituras, seu talento seguro e tranqüilo ganhava todos os argumentos. Ninguém pôde jamais lhe refutar sobre a base da interpretação bíblica. Por fim, como ninguém se atreveria a opor-se a ele abertamente, seus inimigos tomaram suas palavras fora do contexto e procuraram de todas as maneiras possíveis deteriorar sua influ-

ência. Arminio era um homem pacífico e lastimou a tormentosa perturbação originada na Igreja, especialmente pelo fato de que ele mesmo poderia ter sido seu causador. Solicitou ser ouvido por uma corte pública, porém lhe foi negado, enquanto viveu. Após a sua morte, o Sinodo de Dort foi a resposta à sua súplica. No entanto, a ocasião foi muito diferente da que ele havia pedido, quando a oportunidade para o debate livre foi completamente negada.

Arminio foi eventualmente empossado como professor de teologia da Universidade de Leiden, com pleno conhecimento de sua posição teológica. Ali chocou-se diretamente com o “elevado calvinismo de Gomar”. Este último, professor de Novo Testamento, desafiou Arminio sobre o fundamento da autoridade bíblica. Arminio negou-se a submeter sua interpretação escriturística aos credos. No calor da controvérsia, postulou-se que “as Escrituras deviam ser interpretadas segundo as Confissões e o Catecismo”. Embora essa fosse uma declaração extrema, era a posição que estava no fundo da controvérsia. Arminio respondeu sobre essa base.²⁹

Ninguém jamais acusou Arminio de manobrar as Escrituras, mas somente de fracassar em seu ofício para defender uma posição predeterminada. Arminio insistia em que a autoridade devia fundamentar-se na Palavra de Deus e não nas opiniões dos homens. Então, incumbe a eles, averiguar o que disse o Livro divino. Os líderes da Igreja virtualmente queriam que Arminio deixasse de pregar a Bíblia como Autoridade final. Argumentavam que o Credo Calvinista devia ser considerado como a real autoridade conclusiva. Todavia, permaneceu pendente qual dos credos devia ocupar esse lugar.

A linha supralapsariana queria que cada pastor subscrevesse anualmente a Declaração de Fé para manter seu vínculo com a Igreja. Isto seria um meio para assegurar sua conformidade e a estabilidade à

religião e ao governo. Arminio lhes recordou que eles não poderiam concordar quanto a qual dos credos devia ser considerado como autoridade final. Ele queria que a Bíblia fosse o único fundamento para a ortodoxia e destacou sua opinião pressionando com duas perguntas incisivas:

- ♦ Deve prevalecer a palavra do homem sobre a Palavra de Deus?
- ♦ Deve estar ligada a consciência do homem cristão pela Palavra de Deus ou pela Palavra do homem?

O assunto não era primordialmente a predestinação como tal, mas “também a função do magistrado e a tolerância”. Existia perigo, um receio de que o ministro “se arrogasse o poder de Cristo e deste modo se desenvolveria um novo papado”.³⁰ As teorias da predestinação estiveram a ponto de arrasar os mais vitais assuntos que estavam em ebulição para debaixo delas.

Não há espaço para se comentar a história por completo, porém deve-se enfocar os princípios que foram implicados.

Arminio rejeitou o conceito supralapsariano dos decretos de Deus porque:

- ♦ Não era sustentado pelas Escrituras.
- ♦ Não havia sido apoiado por cristãos doutos e responsáveis durante mil e quinhentos anos e nunca fora aceito pela totalidade da Igreja.
- ♦ Deus se tornava o autor do pecado.
- ♦ O decreto da eleição se aplicara ao homem ainda não criado.

Se, como ensinavam Beza e Gomar, Deus impele os homens a pecar, então, Ele é o autor do pecado. Arminio insistiu em que a lógica supralapsariana não podia escapar a esta conclusão e não poupou palavras para denunciar este erro.

De todas as blasfêmias que podem proferir-se contra Deus, a mais ofensiva é aquela que O declara autor do

pecado; o peso dessa imputação é aumentado seriamente se lhe agrega que, segundo essa perspectiva, Deus é o autor do pecado cometido pela criatura, para poder condená-la e lançá-la à perdição eterna que lhe havia destinado para ela de antemão, sem ter relação com o pecado. Porque, desse modo, “Ele seria a causa da iniquidade do homem para poder infligir o sofrimento eterno.”.. Nada imputará tal blasfêmia a Deus, a quem todos concebem como bom... Não pode atribuir-se a nenhum dos doutores da Igreja Reformada, que eles “abertamente declarem Deus como autor do pecado”... No entanto, “é provável que alguém possa, por ignorância, ensinar algo do qual fora possível, como claro resultado, deduzir que, por essa doutrina, Deus permaneça declarado autor do pecado”. Se tal for o caso, então... (os doutores) devem ser admoestados a abandonar e desprezar a doutrina da qual se tem tirado tal inferência.³¹

Tal coisa faria de Deus, inevitavelmente, o único pecador verdadeiro no universo. Ninguém ensinou um ponto de vista tão extremo; Arminio porém, chamou a atenção para o fato de que uma teologia determinada pela lógica e não pela Palavra de Deus, ao fim faria forçosa esta conclusão. Somente fundamentando a teologia sobre a Palavra de Deus poderiam ser evitados os equívocos do juízo humano, que por sua vez podem conduzir a conclusões capazes de destruir o coração da fé cristã.

Arminio faleceu em 1609, antes que os problemas teológicos chegassem a uma solução. Seus seguidores, cada um à sua maneira, seguiram a batalha. Alguns foram fiéis ao espírito evangélico de Arminio (Episcopus). Outros chegaram a implicar assuntos tais como a separação da igreja e do Estado e as raízes da democracia (Hugo Gratius, o “Paí da Lei Internacional”). Limborch interpretou o conflito arminiano numa maneira teologicamente liberal e fez com que o arminianismo parecesse destruir a fé cristã.

Devemos agora, resumir os ensinamentos de Arminio com referência a nossos problemas (em relação à santidade). Seu princípio começa a demonstrar como as teorias da predestinação conduzem para a posterior doutrina wesleyana da santidade ou se afastam dela. Arminio colocou fundamentos para uma doutrina bíblica da santidade ainda que ele mesmo não a tivesse desenvolvido.

Os Princípios de Arminio Concernentes à Predestinação

- ♦ A doutrina da predestinação deve ser bíblica e não principalmente lógica ou filosófica. (Este ponto de vista chegaria a ser mais tarde, na história, o princípio de Wesley).
- ♦ A predestinação deve ser entendida cristologicamente. Cristo, não os decretos, é a Fonte e Causa da salvação.
- ♦ A salvação deve ser evangélica, isto é, pela fé pessoal em Cristo.
- ♦ Se, por um lado, nenhuma teoria da predestinação é bíblica se faz que seja logicamente necessário dizer que Deus é o autor do pecado; porém, por outro, não pode ser logicamente possível afirmar que o homem pode ser o autor de sua própria salvação.³²

*A teoria de Arminio sobre a predestinação expressa em quatro decretos:*³³

Decreto 1

“Deus determinou constituir a seu Filho, Jesus Cristo... para destruir o pecado pela Sua própria morte.” Cristo é o Escolhido. As pessoas não são eleitas individualmente para salvação, porém é Cristo quem foi nomeado como o único Salvador dos homens. O caminho da salvação está predestinado. Desta maneira é mudado todo o conceito da predestinação:

- ♦ da ênfase sobre o indivíduo humano específico para Cristo; e

- ♦ dos decretos divinos para as condições da salvação, a saber: que Cristo é o Salvador e a Porta antes que a eleição ou os decretos divinos, fossem o Salvador e Porta como se tem dito.

“Bem ancorado estava o temor (de Arminio) de que Beza e Gomar, os intérpretes supralapsarianos de Calvino corriam o perigo de separar a doutrina deles da cristologia e de fazer de Cristo um mero instrumento ou meio para a realização de um decreto prévio e abstrato. Arminio procurou estabelecer a doutrina à luz das Escrituras e em relação intrínseca com a cristologia.”³⁴

A crítica de Karl Barth sobre os calvinistas é que tendem a excluir Cristo de sua teoria da eleição. A análise de Bromley da crítica de Barth é: “Começa com o decreto prévio de Deus, que em realidade pouco tem a ver com Cristo. Ele é meramente (injetado) como se fora um agente para o cumprimento deste decreto, que é um decreto totalmente desconhecido, segundo a interpretação calvinista”. Bangs manifesta que nesta declaração inicial não há menção da fé do homem ou do conhecimento prévio de Deus. Entretanto, toda a ênfase está colocada no “decreto absoluto com Cristo como seu objeto”.³⁵

Decreto 2

Deus tem determinado que, todos aqueles que se arrependem e crêem, sejam recebidos ao favor de Deus. A maior ênfase está “em Cristo”. Por Sua causa e por Ele, a salvação se assegura aos que perseveram.

Decreto 3

Deus tem designado os meios (o poder) pelos quais pode alcançar Seu propósito. A graça tinha de ser dada a todos os homens, sendo possível a qualquer deles voltar e confiar em Cristo. Esta é a graça preveniente, que mantém os seres humanos com capacidade para serem salvos. Por esta graça, os homens recebem poder para crer. A capacidade provém de Deus, porém o ato de crer deve ser ação própria do homem.

Decreto 4

Deus predestina com base no pré-conhecimento divino. Ele sabe quem são os que vão ou não crer e predestina em conformidade. Bangs observa, novamente, que isolar quaisquer destas quatro declarações das demais e tratá-las particularmente é perder a totalidade do ponto que Arminio está apresentando. Cristo, como o eleito e único Salvador, deve ser o Fundamento de todo o sistema, com os outros três arraigados nEle, e derivando dEle o seu significado.³⁶

No contraste entre a posição calvinista e a arminiana sobre a predestinação se apoia o resto das diferenças nos conceitos atuais sobre a santificação.

Resumo dos Conceitos Arminianos

Arminio não rejeitou o ato da predestinação ou o ensino bíblico a seu respeito; porém, demonstrou por meio de uma cuidadosa exegese, que a interpretação dada por Beza não era biblicamente ortodoxa. O fundamento da teoria supralapsariana sobre os decretos (ou qualquer sistema de decretos que oferecia direção específica a um sistema teológico) era duplo:

1. Dava por assentado certas coisas quanto a Deus e seu método de operação, acerca dos quais a Bíblia não dá revelação alguma. Neste ponto, a sabedoria humana sempre deve inclinar-se humildemente diante de Deus; porém, precisamente aqui é onde os homens são pequenos, mas dogmáticos;
2. O erro relacionado fazia supor:
 - que Deus operava por meio de decretos, e
 - que os homens podiam conhecer a ordem na qual Deus os havia disposto.
 - Presume-se que o que tenha sido feito “no eterno conselho secreto da mente de Deus” é revelado pela inteligência humana, o que chega então a transformar-se na norma de ortodoxia.

O conceito da predestinação “particular” naturalmente sugere a necessidade de decretos, de outro modo como poderia Deus predestinar algo? A noção de decreto revela o conceito que o teólogo tem de Deus. Foi neste ponto que Arminio se deu conta de que a filosofia de Beza era deficiente. O que é um decreto? Deus pode ou não ordenar os assuntos do universo por meio de decretos ou, pelo menos, pela interpretação que o homem faz deles. Porém, é absolutamente certo que a Bíblia não nos fornece nenhum indício quanto à natureza ou ordem de sucessão de seus decretos. Assim, as diferenças teológicas que se levantam das diversas ordens não são causas corretas de diferenças teológicas ou interrupções na comunhão cristã.

Um calvinista mais moderno, o Dr. A. A. Hodge tem modificado o conceito mais extremista dos decretos divinos: “Cremos que o Decreto de Deus é uma única e eterna intenção. Não pode haver uma ordem de sucessão em seu desígnio. A totalidade é uma decisão... O assunto, portanto, no que diz respeito à Ordem dos Decretos, não é um assunto quanto à ordem dos atos na determinação de Deus, mas também que se trata de uma questão quanto à verdadeira relação que sustenta as diversas partes do sistema que Ele ordena que haja entre uma e outra”.³⁷

Como quer que seja, isto esclarece que a relação das partes com o todo é um problema teológico e não bíblico. Os sistemas teológicos que emanam de um conceito supralapsariano ou sublapsariano dos decretos resultam em contradições soteriológicas significativas e irreconciliáveis.

As diversas ordens dos decretos de Deus, quando filosoficamente definidos, obscurecem a verdade da doutrina bíblica da predestinação. Esta verdade monta guarda contra qualquer teoria proposta da capacidade do homem natural, cuja intenção seja guardar a absoluta soberania de Deus em oposição ao ensinamento de Pelágio (onde o homem não é absolutamente

dependente da graça de Deus). Deus é soberano. Esta verdade tem sido compartilhada pelos reformadores Calvino, Beza, Armínio e, mais tarde, João Wesley.

A doutrina calvinista da predestinação se ergueu contra o erro católico da salvação por meio da igreja³⁸ e dos próprios méritos ou boas obras.³⁹ Sem dúvida esta é uma razão correta. Porém, pela intromissão do conceito humano nos decretos divinos, a predestinação se transforma numa doutrina especulativa que pretende conhecer os segredos íntimos da mente de Deus, não servindo aos interesses da teologia cristã.

O ensino de Armínio era um juízo crítico ético do conceito supralapsariano da predestinação. As implicações desta teoria contribuem para debilitar a integridade moral. Se Deus é o autor do pecado tanto quanto da salvação, por que o homem deve procurar trocar seus maus caminhos? As inferências intrínsecas no supralapsarianismo tendem a privar a religião cristã de seu evangelismo dinâmico, assim como da elevada disciplina ética.

Armínio enfatizava uma interpretação da doutrina da predestinação que compreendeu a graça de Deus como fortalecendo a vida moral em vez de debilitá-la. A graça é o amor de Deus e a energia moral disponível para todos os homens. A graça não é, discerniu Armínio, uma imposição arbitrária da vontade de Deus sobre o homem passivo. A graça não é uma causa divina arbitrária, mas o dom de Deus que capacita o homem.

Para Armínio, a predestinação deve estar, como nas Escrituras, centrada em Cristo, como também deve ser em toda a teologia. Esta ênfase em Cristo se constituiu na maior correção aos erros do calvinismo e no maior baluarte do arminianismo.

A Palavra de Deus é autoridade final para a fé cristã e a verdade teológica. Realmente, ela deve ser o magistrado supremo dos credos. Portanto, nem estes, nem a teologia podem fazer declarações autoriza-

das sobre a natureza e a obra de Deus antes de ter sido realizado um trabalho exegético consumado nas Escrituras. Somente nelas deve encontrar-se esta classe de revelação. A teologia sempre deve submeter-se ao juízo da Palavra de Deus.

NOTAS

- ²⁰ João Calvino, "Syllabus" *Institutos de la Religion Cristiana*, trad. John Allin (6th. Amer. Ed; Philadelphia: Presbyterian Board of Christian Education, 1932), I, 41.
- ²¹ Ibid.
- ²² Ibid, L. III, p. 1
- ²³ Ibid, p. 6-7
- ²⁴ *The Poetical Works of John and Charley Wesley*, G. Osborn, ed., (London: Wesleyan Methodist Conference Office. Paternoster-Row, 1869), III, 34ff.
- ²⁵ A. W. Harrison. *Arminianism* (London: Duckworth Press, 1937, p. 23).
- ²⁶ Carl Bangs. "Arminius and The Reformation," *Church History*. Vol XXX, nº 2, Junho, 1961, p. 7-8
- ²⁷ Cf. *The Works of James Arminius*, trans. Wn. Nichols (London: Thomas Baker, 1875), III, 527 ff.
- ²⁸ Cf., ibid, II, 354-74.
- ²⁹ Cf. Caspar Brandt, *The Life of James Arminius*. Trans. John Guthrie (London: Ward and Co., 1854), p. 217-18.
- ³⁰ Bangs, op. cit., p.5-6
- ³¹ Arminius, op. Cit., III, 645-55
- ³² Ibid, II,392-93
- ³³ Ibid., I, 247-48
- ³⁴ Carl Bangs, "Arminius: An Anniversay, Report", *Christianity Today*, Oct, 10, 1960, p. 18.
- ³⁵ "The Debate over Divine Election", *Christianity Today*, Oct. 12, 1959, p. 16.
- ³⁶ Ibid., p. 13
- ³⁷ A. A Hodge, *Outlines of Theology* (New York: A. C. Armstrong and Son, 1905), p. 230.
- ³⁸ Em comum com os primeiros reformadores, ele (Arminio) se opôs à pretensão exclusiva da Igreja Romana., apelando à autoridade única das Escrituras (Bangs, Arminius, an Anniversay Report, em *Christianity Today*, Oct. 10, 1960, p. 18)
- ³⁹ Calvino e seus discípulos haviam usado figuras bíblicas de eleição e predestinação para expressar a verdade de **sola gratia** com o fim de combater a doutrina romana das obras" (Ibid).



Características Teológicas

Calvinismo, Arminianismo e Wesleyanismo

1 – O Sínodo de Dort

As diferenças específicas do mundo teológico evangélico da atualidade começam a surgir mais significativamente enquanto avançamos com esta breve história, baseando-nos nos alicerces dos relatos históricos precedentes.

Depois da morte de Arminio, Simon Episcopius, um competente erudito e fiel cristão, pegou e levou adiante a obra incompleta de Arminio. Ele e seus amigos, a quem os chamou “Remonstrantes” formularam a posição arminiana em preparação para a audiência pública que por fim chegou a ser realidade. Para contrapor os pontos arminianos, o Sínodo formulou o que na atualidade se conhece com o nome de “Os Cinco Pontos do Calvinismo”. O seguinte quadro mostra o contraste entre os pontos de vista:

Cinco Proposições dos Remonstrantes

Eleição Condicional – sobre a base do conhecimento prévio.

Expição Universal – limitada pela fé particular do homem.

Inabilidade Natural – de qualquer homem de fazer o bem, à parte da graça divina.

Graça Preveniente – que explica tudo o que há de bom no gênero humano. Pode-se resistir a esta graça e torná-la ineficaz pela perversa vontade de um pecador.

Perseverança Condicional – ainda que Deus proveja graça suficiente para fazer frente a qualquer emergência, os homens podem negligenciar esta provisão, cair da graça e perecer eternamente.

Resposta Calvinista

Eleição Incondicional ou **Predestinação Particular**.

Expição Limitada – somente para os eleitos.

Inabilidade Natural ou **Depravação Total** – a regeneração deve preceder a conversão.

A graça Irresistível ou o **Chamado Eficaz** – o homem a quem Deus outorga graça será salvo; não pode resistir a ela.

Perseverança Final – segurança eterna incondicional.

Tendências Teológicas

O Sínodo de Dort iniciou-se a 13 de novembro de 1618 e continuou durante 154 sessões, finalizando-se a 9 de maio de 1619. Cento e dois calvinistas holandeses ortodoxos foram membros oficiais da conferência junto com 28 delegados de países estrangeiros. Estiveram presentes 13 representantes arminianos, porém eram presos do estado, condenados por traição por causa de seus conceitos teológicos e da tolerância no concernente às relações entre a igreja e o estado; por isso, não tinham voz nem voto. Como resultado, os Cinco Pontos do Calvinismo foram declarados unanimemente a posição oficial do calvinismo e os Cinco

Pontos dos Remonstrantes foram tachados como heréticos.

O Sínodo definiu o calvinismo em sua forma infralapsariana e permanece como a declaração de autoridade do "ultracalvinismo" de nossos dias. Na atualidade, esta classe de calvinismo considera que seus pontos de vista são os do cristianismo com tal, dizendo: "Uma pessoa não é calvinista só porque 'foi criado no sistema', nem porque 'agrada sua estrutura emocional', nem porque é 'desejável socialmente'. A pessoa segue o calvinismo porque é a única verdade... O que não é por nós, é contra nós".⁴⁰

Teologicamente falando, qualquer coisa abaixo da plenitude dos Cinco Pontos é rejeitada não somente como anticalvinista, mas, de fato, como anticristã.

Arminio viveu e morreu como calvinista. O arminianismo de Arminio não é pelagianismo nem uma derivação dele. Existem muitas correntes de teologia e ideologia políticas com o nome de arminianismo que conduzem muitos leigos aos ensinamentos de Arminio. A maior parte do calvinismo de hoje é um calvinismo "arminizado". É evangélico e evangelístico. Porém o ultracalvinismo não é nem um nem outro. Mas existem muitas classes de calvinismo, algumas tão liberais como o liberalismo arminiano. Nem "calvinismo" nem "arminianismo" são termos que podem ser usados significativamente sem uma definição adequada.

Características das Tradições Protestantes

Isto posto, devemos notar as características tradicionais particulares teológicas destas três principais tradições protestantes. Deveria recordar-se, em primeiro lugar, que o "ismo" que segue a esses nomes pode representar ensinamentos completamente diferentes daqueles apresentados pelas pessoas que originalmente lhes deram seus nomes. Uma vez que estes grandes pensadores forjaram, por assim dizer, a golpes suas posições em meio à controvérsia, foram mais extremistas do que seriam em outras circunstâncias. Pelo

menos, o maior ponto da controvérsia muitas vezes era freqüentemente exaltado a uma posição vulnerável sem a defesa de uma erudição cuidadosa e objetiva. Também os seguidores, amiúde, selecionaram certas ênfases dos ensinamentos do mestre para desenvolver os deles próprios, colocando-os deste modo em diferentes conteúdos e alterando, de alguma maneira, seus significados originais.

Tendo presente estas tendências, é agora nosso propósito examinar brevemente aquelas tradições teológicas que contribuíram com movimentos contemporâneos, nascidos de uma mistura deles. A seguinte classificação será útil:

Ultracalvinismo, arminianismo, arminianismo wesleyano; calvinismo moderado, baixo ou modificado (chamado às vezes, neo-calvinismo); e duas interessantes mesclas: (a) o calvinismo wesleyano e (b) o wesleyanismo calvinista. O primeiro desconhece qualquer relação essencial com Wesley ou Armínio; o segundo rejeita qualquer vinculação com o calvinismo. Se isto parece confuso, podemos estar seguros que existe mais confusão quando não se reconhecem e entendem algumas classificações como as anteriores.

2 – Ultracalvinismo

O chamado ultracalvinismo ou calvinismo extremo se define pelos Cinco Pontos do Sínodo de Dort e se detalha na Confissão de Fé de Westmister. Declara que certos homens e anjos estão predestinados por Deus para o fim de manifestar Sua glória, uns para salvação e outros para a condenação. Em cada caso, o número está absolutamente estabelecido e é imutável. Os destinados para salvação e escolhidos antes da fundação do mundo foram eleitos pela livre vontade de Deus e sem nenhuma obrigação da parte daquele que há de ser salvo. A salvação destas pessoas eleitas é aplicada incondicionalmente e se lhes assegura de

todos os benefícios da expiação. Todos os demais foram omitidos.⁴¹

Os Cinco Pontos são logicamente compatíveis. Se a absoluta soberania de Deus se interpreta à maneira de Agostinho e Calvino (a premissa), então o resto do sistema é uma consequência por necessidade lógica. Nenhum ponto pode manter-se só. Na realidade, qualquer desvio destrói a totalidade do sistema. Mas, se Deus não é como este sistema presume que Ele seja, existe a possibilidade de que nenhuma das proposições seja verdadeira e que a totalidade do sistema entre em colapso como um castelo de cartas. Tudo está apoiado ou fundado na sua doutrina característica de Deus.

O Conceito Calvinista da Soberania de Deus

O conceito calvinista da absoluta soberania de Deus está interpretado de tal maneira que, qualquer vontade contrária em qualquer criatura constitui uma ameaça a essa soberania. Portanto, por necessidade lógica, a absoluta soberania de Deus faz impossível qualquer iniciativa genuína da parte do homem. Ainda que este conceito não permita nenhum sentimento de companheirismo com Deus, apoia o sentido de estabilidade que os homens buscam. Os calvinistas afirmam que o que eles fazem e o que vem para eles provém diretamente da mão de Deus. As ações dos homens não devem ser explicadas como realizadas pela vontade permissiva de Deus, mas por seu arbítrio governante. A única liberdade é a liberdade para fazer a vontade de Deus. Ele pode ser a causa do pecado do homem, porém não peca por ele. Deus não está sujeito a nenhuma lei que não a Sua própria vontade. A vontade de Deus é criadora e causativa, de modo que Sua vontade o põe na necessidade de realizá-la. Portanto, nada do que Ele faz pode ser chamado pecado, porque o que Ele faz emana de Sua própria natureza santa. Disto se deduz que os conceitos de justiça em Deus e no homem não têm necessariamente uma relação. O cará-

ter de Deus é insondável; em consequência, não está sujeito ao juízo humano nem é um modelo para os conceitos que os seres humanos têm da justiça, do amor, da misericórdia ou qualquer das virtudes.

A Posição de William Shedd

William Shedd, erudito calvinista, disse: “A doutrina da predestinação é demasiado dura para os crentes novos. Não as ensinamos nunca aos bebês em Cristo. A predestinação é somente para cristãos maduros, convictos”.⁴²

Em outro lugar, Shedd revela sua posição relativa ao valor do Credo sobre as Escrituras. Sempre que se encontra um texto que diga que todos os homens estão incluídos na expiação, ele declara que significa “todos os homens escolhidos”. Aquelas Escrituras nas quais lemos que Cristo morreu por todo o mundo, se referem a um segmento particular e seletivo de pessoas disseminadas por toda a terra. O texto que diz “o que quer” ou “todo aquele que crer”, realmente “alude àqueles a quem lhes tenha sido concedida a fé”.⁴³

Desta maneira, um conceito a priori de Deus conduz a um princípio de interpretação bíblica que, há seu tempo, determina a direção da teologia e proporciona um entendimento da soteriologia.

Esta teologia “fatalista” se reflete na falta de urgência evangelizadora. Ou não tem programa algum de evangelização (posto que oferecer um convite aos homens constituiria um desafio à vontade soberana de Deus) ou bem a instância da mensagem se faz com a convicção de que somente os eleitos – e todos eles – responderão. Tal classe de pregação, a princípio, carece da petição bondosa, angustiada, compassiva e atrativa do pregador, para quem, como Paulo, faz toda classe de sacrifícios pessoais para recomendar-se aos homens como mensageiro de Cristo a fim de poder ganhá-los para o Senhor (1 Co. 9:16-22). Alguns dos ultracalvinistas se negam a cooperar com Billy Graham, porque este convida os homens a apresentarem-se a Cristo,

e isto faz dele “um arminiano”. Nada ilustra melhor a confusão mental engendrada pela ignorância da realidade histórica.

As Duas Correntes do Ultracalvinismo

Duas correntes extremas e teologicamente opostas fluem do ultracalvinismo. Uma é a “ortodoxa”, já descrita. A outra corre até os chamados movimentos neo-ortodoxos. Não é este o lugar para descrevê-los; somente diremos que a “ortodoxia” é luterana ou calvinista. Simplesmente notaremos duas ou três características significantes. Deus é o Outro Absoluto, o Inacessível, o Desconhecido, que predestina cada movimento do universo. Entretanto, a predestinação teológica não é seletiva, senão universal. A pregação não é para persuadir os homens a que se voltem a Cristo, senão para ajudá-los a dar conta de que o perdão de Deus os inclui a todos. Nesta perspectiva, a salvação é concedida com um sentido “além da história” e “o universalismo” prevalece nessa armação mitológica de raciocínio.

Muitos “calvinistas” se encontram entre as correntes clássica e contemporânea. Em cada caso, a interpretação da santidade é compatível com a filosofia predominante que estrutura o enfoque teológico.

3 – Arminianismo

Já se tem dito o suficiente, neste estudo, acerca do Arminianismo para “situá-lo” na corrente teológica. Armínio era evangélico de coração e seus próprios pontos de vista – que Wesley e outros adotaram dele – não têm a mais ligeira insinuação de heresia teológica. No entanto, alguns de seus seguidores se extraviaram no racionalismo pelagiano. Desta maneira, os ensinamentos de Armínio foram pervertidos e conduzidos ao liberalismo teológico que exalta o homem, negando sua necessidade de um Salvador. Não existe evangelismo no liberalismo mais por razões diferentes do que pelo ultracalvinismo e a neo-ortodoxia. No caso do arminianismo

liberal (e aqui o “ismo” deve servir para fazer distinção entre liberalismo e Arminio), se considera que os homens não estão tão atados ao pecado que necessitem confiar num Salvador. A educação e a correção das injustiças sociais tornam possível “redimir” o homem de sua condição. Neste contexto de pensamento, o evangelismo é um esforço superficial e quimérico para resolver os problemas humanos e tem sido relegado como totalmente antiquado e irrelevante.

O arminianismo evangélico está baseado nos Cinco Pontos dos Remonstrantes. Um evangélico arminiano é uma pessoa que acredita que Deus, em Cristo, estende seu amor para todos os homens e que cada homem deve aceitar a responsabilidade pessoal para sua atitude em relação àquele amor.

Wesley respondeu a interrogação: “O que é um arminiano?” (em um ensaio com este título) dizendo que os arminianos afirmam o ensino sobre o pecado original tão fortemente como os calvinistas, e ensinam a justificação pela fé. Sustentam que Cristo morreu por todos os homens, porém que eles podem resistir ao amor de Deus e os crentes podem perder-se eternamente na fé. Os calvinistas crêem que a predestinação é absoluta; os arminianos, que a salvação está condicionada à fé em Cristo. Wesley estava seguro de que muitos dos que se opunham aos arminianos não entendiam a que estavam se opondo. Wesley tinha sumo interesse em que a erudição cuidadosa acompanhasse o ministro cristão que procurava interpretar posições teológicas e que desejava empregar determinados “rótulos”.

Fundamentalmente, o arminianismo é um protesto ético contra as tendências antinominianas de Calvino. Se os homens, em todas as coisas, estão determinados pela predestinação, as demandas éticas da santidade não são pertinentes à vida cristã.⁴⁴

4 – Wesleyanismo

A maior contribuição à teologia realizada por João Wesley foi a correção de uma noção da fé popularmente sustentada, e o desenvolvimento e projeção desta doutrina por toda a extensão da teologia e da vida cristã.

Arminio havia libertado a fé da “prisão” dos decretos, porém ficou para a Wesley tomar esta “fé” emancipada e pô-la no coração da religião. Agora, “a justificação pela fé” de Lutero teria uma verdade gêmea: “a santificação pela fé”. Isto lhe dá um novo tom de significado – uma dimensão ética refletida pela palavra santificação.

Wesley professava uma fé que não era meramente uma afirmação intelectual ou um dom especialmente adicionado por Deus aos eleitos, mas um novo modo de vida, a entronização de um novo Mestre.

Calvino havia posto a ênfase sobre a perfeição na fé. Wesley ensinou que a plena salvação é perfeição de amor e obediência. Uma é estática, a outra é dinâmica, em que a fé resulta em fidelidade e obras de amor. A fé não é o fim, mas o meio para chegar ao fim de restaurar o homem ao amor de Deus derramado no coração (ver o sermão de Wesley “Righteousness of Faith”, “Justiça de Fé”). “Não conhecemos outra fé senão a que opera pelo amor” (“An Earnest Appeal”, “Uma Fervorosa Instância”). “A fé chega a ser o instrumento cujo fim é o amor” (“A lei estabelecida mediante a fé”). “Ser cristão significa ter uma fé que é ativa em amor” (“Natureza do Entusiasmo”).

A fé não é a causa da salvação, mas a condição para recebê-la. Nossa fé não nos salva; porém, somos salvos somente por Cristo, em quem temos fé.

Wesley também sustenta que a fé não pode ser um substituto da santificação. A doutrina da salvação pela fé não deve fomentar nenhuma perda de amor ou obediência. “Imaginar que a fé ultrapassa a santidade é a essência do antinomianismo.”⁴⁵

As boas obras seguem a fé, porém não podem precedê-la ("Farther Appeal"). Existe uma tendência na Europa Ocidental de considerar Wesley como um moralista, e não digno de interesse teológico sério. Wesley, ainda que estivesse interessado na conduta, não pode dizer-se com propriedade que sua teologia ficou obscurecida ou negada por sua ênfase sobre a experiência, quando se enfoca todo o significado de seu ensinamento.

"Porém, é esta a fé da certeza ou a fé da adesão?" pergunta Wesley. Ele mesmo responde que não existe referência nas Escrituras de tal diferença. Não existem diferentes classes de fé, somente diversidade em graduações. "Por esta fé somos salvos, justificados e santificados; tomando essa palavra em seu sentido mais elevado" (Sermões, "O Caminho Escriturístico da Salvação"). Em outras palavras, seja o que for, a fé é o que conduz de um ponto a outro da salvação. Deixar de exercer a fé equivale a renunciar a todo privilégio cristão. Continuar na fé é ser conduzido desde o nível mais baixo até às mais elevadas experiências da graça.

Para Wesley, então, a fé é muito mais do que a mera crença. Dar ênfase à fé não é dar a ela mesma, e sim ao objeto da fé. "Crer em" alguma coisa é um conceito estático. Isto não envolve necessariamente qualquer mudança de ação. "Ter fé em algo" não envolve um relacionamento. Por isso, para Wesley, a fé não podia salvar ninguém; porém, a fé em Cristo, sim, porque por ela, Cristo é o Objeto central do amor e obediência de alguém.

A fé, então, tem um sentido ético. Significa um alinhamento da vida para agradar Deus. A fé em Deus é tremendamente importante, porque o pecado começou no momento em que se quebrou a fé nEle. À perda da fé em Deus, segue uma vida de pecado porque a incredulidade mata o amor. A fé evangélica é o fundamento para o novo amor e para a obediência. E estes

dois são o que a santidade é. A fé não faz desnecessários o amor e a obediência, pelo contrário, os nutrem. A perfeição cristã é o amor e a obediência que a fé em Cristo inicia e desenvolve.

João e Carlos Wesley viveram um século depois da morte de Arminio. Tiveram que afrontar duas correntes de erro na religião britânica. Uma, que brotava do arminianismo liberal; a outra, do frio ultracalvinismo. Nenhuma delas respondia às necessidades dos corações famintos ou podia levantar-se a desafiar os males sociais que estavam minando a fortaleza da nação.

As Respostas de Wesley aos Erros

Em resposta a esses erros, os Wesley levantaram uma enérgica exortação bíblica:

- ♦ A necessidade de uma experiência pessoal transformadora da graça divina que perdoa os pecados cometidos;
- ♦ o poder purificador do Espírito Santo que remove as manchas do pecado inato, e
- ♦ uma vida digna de Deus para ser vivida neste mundo e que responda às necessidades de uma sociedade ferida pelo egoísmo e pela avareza.

5 – Arminianismo Wesleyano

João Wesley encontrou os escritos de Arminio e ficou sumamente impressionado pela sua leitura. Durante muitos anos editou uma revista intitulada “O Arminiano” onde se proclamava a doutrina da santidade. Wesley, entretanto, levou um passo mais adiante a posição teológica de Arminio. Este último susteve uma visão elevada da santificação; porém não viu, como Wesley chegou a fazê-lo, que essa obra se recebe pela fé e é administrada pelo Espírito Santo. O wesleyanismo é o arminianismo ortodoxo inspirado pelo poder e favor do Espírito Santo. Arminio somente viu obscuramente o que Wesley vislumbrou com clareza. Ambos eram homens da Bíblia e estavam dominados por ela. Neste

aspecto, chegaram a ser nossos antepassados. Nenhum deles havia tolerado um movimento designado por seu próprio nome. Em certo sentido historicamente novo, ambos cimentaram sua teologia sobre a palavra de Deus e não sobre a filosofia.

O arminianismo wesleyano se opõe ao liberalismo pelagiano ao insistir em nossa necessidade de Cristo o Redentor, que deve salvar-nos de nosso pecado atual e do inato. Também se opõe ao antinomianismo do ultracalvinismo por causa das doutrinas da liberdade da depravação e da graça, que capacita ao homem viver sem pecado voluntário nesta vida.

Wesley não pôs ênfase no livre-arbítrio como muitas vezes se supõe.⁴⁶ Insistia, isto sim, na livre graça ou graça preveniente ao alcance de cada um e de todos os homens, e responsável por tudo o que é bom que se encontra no mundo. O homem natural é diabólico, mal e completamente corrupto. Se há algo de bom em qualquer dos seres humanos, isto deve-se somente à graça de Deus. O homem está completamente pervertido e impossibilitado em si mesmo. A graça é responsável por todo o bem ou por qualquer habilidade no homem.⁴⁷ Nem mesmo o cristão, seja qual for o seu nível, possui a bondade nele mesmo.

O cristão, explicava Wesley, não é como uma árvore que vive dependendo de seu próprio sistema de raízes. Para expressar isto melhor, “é como um ramo em Cristo”, o qual, se for separado da árvore, morre e é destruído. Cristo é nossa Vida e nossa Justiça. Devemos estar cobertos a cada momento pelo sangue da expiação do Cordeiro de Deus.⁴⁸ A pessoa humana é ainda humana. Sim, mais verdadeiramente humana do que quando não era convertida. É débil, ignorante, falível, sujeita às tentações. Sempre necessita de uma nova provisão da graça de Deus – não para reprimir o humano do homem, mas para fortalecer o ser interior pelo Espírito Santo.

Wesley acrescentou um elemento essencial à percepção arminiana: a obra do Espírito Santo. E esta dinâmica é o que constitui um elemento novo e de grande alcance na teologia evangélica de nossos tempos. As implicações desta ênfase serão tratadas na última seção deste estudo.

NOTAS

⁴⁰ Justus M. Van der Kroef, "Calvinism as a Political Principle." *Calvin Forum*, feb., 1950.

⁴¹ Cf., Benjamin Warfield, *The Westminster Assembly and its Work* (London: Oxford University Press, 1931), p. 148-50.

⁴² *Dogmatic Theology* (New York: Charles Scribner's Sons, 1884-94), II, 460.

⁴³ *Ibid.*, II, 464-70.

⁴⁴ Lowell Alkinson, "The Achievement of Arminius", *Religion in Life*. Verão de 1950. p. 422.

⁴⁵ Sermão, "On the Wadding Garment", *A Compend of Wesley's Theology* (New York: Abingdon Press, 1944), p. 167.

⁴⁶ Robert E. Chiles em um artigo intitulado "Methodist Apostasy from Free Grace to Free Will" (*Religion in Life*, Vol. XXVII, nº 3, 1958), dá um claro e convincente artigo sobre esta transição e nos mostra a verdadeira ênfase de Wesley. Vê-se também no sermão de Wesley sobre "Free Grace" (Graça livre).

⁴⁷ Leo George Cox, *John Wesley's Concept of Perfection* (Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1964) p. 30-31.

⁴⁸ John Wesley, *A Plain Account of Christian Perfection*, (Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1966), p. 53-54.



Influência Wesleyana na Teologia Clássica

1 – Neo-Calvinismo (Calvinismo Moderado ou Baixo)

Sob o impacto bíblico da pregação de Arminio e Wesley, a doutrina da predestinação “individual” ou pessoal começou a se esmigalhar no maior número de segmentos do calvinismo. Quando a ênfase na doutrina do Espírito Santo enfraqueceu a totalidade da rígida estrutura do calvinismo, sobreveio um novo impulso na evangelização. Em tempos contemporâneos, homens tais como Wilbur Smith (*The Word of God and the Life of Holiness*) e Bernard Ramm (*The Witness of the Spirit*) estão injetando na posição calvinista o mesmo dinamismo evangelizador que inspira ao wesleyanismo.⁴⁹

Temos visto que a doutrina da predestinação particular é um passo lógico necessário até a conclusão de que os eleitos estão incondicionalmente seguros pelo tempo e pela eternidade. A segurança eterna incondicional é o passo final em um sistema lógico. Não se pode mantê-la só sem ser sustentada pela totalidade do sistema dos decretos.

Porém, por estranho que pareça, alguns calvinistas guardam só dois dos Cinco Pontos (e ignoram, ou mesmo rechaçam o resto), especialmente:

- ♦ A absoluta depravação humana
- ♦ A segurança eterna incondicional do cristão

O significado da segurança eterna geralmente aceito é, que uma pessoa que tem confiado em Cristo, ou “aceitado a Cristo” (que não é um termo bíblico), nunca pode se perder, não importa o que faça subsequentemente.

Já que estamos tratando de analisar a estrutura teológica que realça as diferenças entre calvinistas e wesleyanos, é de grande interesse notar a mudança sutil efetuada no calvinismo. O ponto de vista dos calvinistas moderados não é que os decretos eternos divinos põem limite e asseguram a salvação, mas que o próprio ato momentâneo da fé do homem chega a ser o fundamento de certeza e segurança. Como pecador, o homem é livre para aceitar ou rejeitar a Cristo; mas, como cristão, perde o poder da eleição contrária. Como pecador, é moralmente responsável pela sua obediência; mas, quando chega a ser cristão, Deus não condena mais seu pecado, mas o indulta, fecha seus olhos a ele. Donald Barnhouse afirma que nem mesmo fidelidade é requerida depois daquele momento de fé que muda eternamente nosso relacionamento com Deus. A obediência está classificada como obras e como tal “trapos de imundície”.⁵⁰ George E. Ladd escreveu o seguinte em um artigo titulado “Justificação”:

Cristo tomou nosso inferno; só fica para nós o céu. Cristo pagou minha dívida. Deus não vai cobrá-la duas vezes. Todos nossos pecados, passados, presentes e futuros estão cobertos. Não temos por que temer; não podemos nos perder. Quando um homem recebeu a obra de Cristo sobre a cruz exerceu uma forte fé; para ele, o juízo futuro já se realizou... Isto não é restauração à inocência... A justificação nos libera da culpa não apenas dos

anos antes de crer em Cristo, mas também de toda nossa vida até o dia do juízo... O homem de fé está no lado do céu no dia do julgamento... É como se já tivéssemos entrado no céu.⁵¹

Barnhouse acrescenta: "Uma vez que você tenha penetrado na grande verdade de Deus, não pode negar-se a Si mesmo, que você está a salvo e seguro em Cristo e que Deus não pode nos separar dEle, nesse momento começa a verdadeira santidade".⁵² Wesley preocupava-se profundamente com qualquer filosofia religiosa que nos dirigia do pecado ao céu "*sem qualquer santidade interposta entre eles*". De qualquer forma, um setor do calvinismo moderado está arraigado numa filosofia que faz deste pulo da conversão para o céu não somente possível, mas inevitável.

Os cristãos calvinistas, em geral, vivem melhor do que sua teologia e, pelas suas vidas profundamente espirituais, fervorosas, sacrificiais e pelo dinâmico testemunho para Cristo, muitas vezes envergonham aos cristãos wesleyanos. Porém, segue sendo certo que uma crença numa má natureza humana, que não pode ser mudada nesta vida ligada com uma crença na segurança eterna incondicional, ajuda para que se roube aos cristãos, a vitória espiritual cuja possibilidade nos ensina a Bíblia.

2 – Calvinismo Wesleyano

Wesley causou um profundo impacto sobre a religião e a teologia. Sua ênfase sobre a obra do Espírito Santo e o cuidado evangelizador que acompanhou seus avivamentos despertaram insatisfação nos cristãos de todas as partes. Tem-se reconhecido que a corrente de vitalidade espiritual que fluiu desde os avivamentos wesleyanos explica os movimentos missionários modernos. Parte do calvinismo foi vivificado profundamente pela potência espiritual da ênfase wesleyana.

Temos nos referido a um calvinismo wesleyano e a um wesleyanismo calvinista. Não existem movimen-

tos conhecidos por esses nomes, evidentemente; porém, existem com essas características, sendo nelas que se fundamentam as tensões entre a santidade e a predestinação, coisa que precisamos reconhecer.

Casamento de Idéias

O calvinismo com uma ênfase wesleyana é o resultado de juntar as doutrinas de Calvino da depravação humana e da segurança eterna incondicional, com o ensino wesleyano sobre a obra do Espírito Santo. A verdade concernente à vitória sobre o pecado e o poder dinâmico para o serviço se funde com o conceito calvinista sobre a natureza humana, que diz que é antagônica à graça e pode não ser reformada nesta vida.

Este casamento estranho, ilógico e antinatural de idéias termina numa teologia estranha e confusa, que ensina que a natureza humana não pode ser mudada nesta vida, mas pode ser controlada – não pelo homem em si, mas pelo Espírito Santo. O cristão pode escolher entre:

- ♦ Render-se à sua própria e baixa natureza ou
- ♦ Render-se ao Espírito Santo.

Com esta alternativa, se reconhecem pelos menos dois níveis da vida cristã. Diz-se que ambos são compatíveis com a vida cristã. O Espírito Santo causa um conflito com “a carne” ou natureza humana; e este conflito, que dura toda a vida, é o símbolo, a marca do contraste, o sinal da cristandade. Essa guerra interior é uma espécie de segurança da presença do Espírito Santo.

Com esta perspectiva, a natureza humana é um inimigo que deve ser vencido. Cada uma de suas atividades e desejos está sob suspeita. Cada ato está infectado por um mal inconsciente. Seria pretensão declarar que temos motivos corretos, porque nenhum homem pode se conhecer a si mesmo. O Espírito Santo coloca-se na posição de Mestre do escravo sobre a natureza humana, reprimindo suas manifestações e

demonstrando seu poder para o serviço cristão, não pelo uso da natureza humana, mas apesar da natureza humana.

O calvinismo que tem sido “invadido” pela doutrina wesleyana do Espírito Santo e ao que estamos chamando calvinismo wesleyano, fala de “rendição” ao Espírito Santo – de estar “possuído” por Ele. “Render-se” tem uma conotação que não é bíblica, à parte da noção da mordomia ativa. O rendição bíblica não consiste em alguém retirar as mãos, mas em apresentá-las a Deus para a mais completa extensão da obediência ativa e responsável.

No calvinismo wesleyano, geralmente se dá pouca ênfase à crise de rendição; mas somente na atitude de rendição, que pode ou não aprofundar e amadurecer durante a vida. Geralmente, rendição é enfatizada somente como ajuda para a vida vitoriosa e serviço. Não se considera essencial para a salvação, porque nada pode mudar a segurança eterna do cristão. “Possuídos” é outro termo que não é bíblico e que encerra perigo. Posto que sugere a ação de expulsar o “eu” da personalidade, para que o seu lugar seja ocupado por outro eu, o Espírito Santo, é fácil ver a natureza pecaminosa deste conceito.

No último capítulo deste ensaio, tentaremos apresentar uma análise mais detalhada do ponto de vista do calvinismo wesleyano sobre a natureza humana; porém, nesta conjuntura, alguns pontos-chave nos ajudarão a compreender esta posição. O conceito calvinista sobre a natureza humana pecadora é fundamental para o calvinismo wesleyano. Disse Leo George Cox, em O Conceito de Perfeição de João Wesley:

Com certeza pode se concluir que, desde o ponto de vista dos Reformadores, todos os atos de um pecador são pecados, porque procedem de um coração mau; e, sendo que o crente continua sendo pecador na sua natureza, todas suas ações estão manchadas pelo pecado; portanto, ele peca. De modo que não existe ne-

*nhum sentido em que possa dizer que deixa de pecar quando crê.*⁵³

“Deus não pode melhorar a natureza humana”, disse Barnhouse. À noção desta natureza humana pecadora, os calvinistas wesleyanos acrescentam um sério conceito bíblico de vitória espiritual pelo fato da presença de Cristo que habita em você e da obra do Espírito Santo.

O Espírito Santo e a Natureza Humana

A vida cheia do Espírito é *sobreposta* à dos pecadores resgatados. É uma vida que se desenvolve em nossa propriedade, porém, de alguma maneira, é uma vida externa a nosso verdadeiro ser. É uma vida de vitória que expulsa nossas faculdades na qual a obediência ativa a Cristo se substitui, como princípio, mas não na prática. “O manto de justiça do cristão tem sido tecido por Cristo. A perfeita obediência realizada pelo Filho do Homem é colocada na conta daqueles que têm fé nEle.”⁵⁴

O calvinismo wesleyano é capaz de fazer uma ponte entre a natureza humana pecaminosa e a vitória em Cristo por um conceito sobre a natureza humana que não é completamente calvinista nem wesleyano. É uma noção que tem-se introduzido na igreja em diferentes ocasiões, porém sempre tem sido rejeitada pelos cristãos da “linha principal”. Tem servido de base para um grande número de muitas heresias, sendo uma delas, a Cristologia.

A fonte deste conceito é o gnosticismo, mistura de ideologia que inclui elementos da filosofia grega. É provável que tenha surgido do pensamento platônico sobre a realidade. Tem-se aceito que a natureza humana é formada por três entidades diferentes ou independentes: corpo, alma e espírito. Cada uma delas, com vontade, caráter, uma afinidade própria independente do resto da pessoa. A partir desta perspectiva, o corpo é considerado essencialmente mau, porém o es-

pírito é, pelo menos, capaz de pureza. O corpo é um inimigo da natureza espiritual e, de fato, constitui a prisão do espírito. Enquanto o espírito e o corpo permanecem juntos, o primeiro será impedido e aprisionado pelo corpo mau. Somente a morte pode libertar o espírito da sua pecaminosa prisão.

É interessante saber que esta classe de dualismo tinha infectado as igrejas as quais Paulo escreve no Novo Testamento. Notamos especialmente os problemas éticos resultantes desta crença das epístolas aos Tessalonicenses e aos Coríntios. Estes cristãos gregos supunham que seus espíritos podiam ser salvos, porém seus corpos não eram livres de pecado. Portanto, permitiam transgressões físicas nas suas vidas e entre os cristãos, sem nenhuma convicção de estarem pecando. A fornicação, o grande mal cultural da vida grega, tinha adentrado na comunidade cristã por causa da filosofia que ensinava que as ações do corpo não tinham relação com a vida espiritual. O corpo não podia “infectar” a pureza do espírito e ao mesmo tempo não podia restaurar o primeiro.

Ao entender o fundamento deste problema, podemos captar melhor o verdadeiro significado da passagem de 1 Tessalonicenses 5:23: “O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”. Paulo não estava ensinando que o homem estava composto por estes elementos desconexos da personalidade. Indicava-lhes que a graça de Deus traz a pureza a toda pessoa humana. Esta é uma *unidade* e a graça de Deus concentra todos os *poderes* da pessoa em uma unidade coesa ao redor do domínio de Cristo. Paulo utilizava a linguagem da filosofia grega para aqueles que pensavam dentro dos seus termos; porém, o uso de suas palavras destruiu a filosofia pagã em si.

A filosofia de Paulo não era pagã, mas hebraica. Ele sustentava o ponto de vista hebraico da unidade

da pessoa. Quando vemos isto, estamos em condições de entender a grande preocupação do Apóstolo com referência aos cristãos gregos. Em 1 Coríntios 6:19, diz-lhes: “vosso corpo é templo do Espírito Santo”. E em Romanos 12:1, a exortação de Paulo a “que apresenteis vossos corpos em sacrifício vivo”, sugere o sublime e espiritualmente conceito digno que ele tinha do corpo como instrumento, mas não como inimigo do espírito. A ênfase paulina sobre a santidade do corpo era significativa, quando se considera em relação com o erro filosófico do pensamento helênico.

A doutrina calvinista se junta à irremediável pecaminosidade de toda pessoa. O calvinismo, como tal, sempre tem rejeitado a noção tripartida da natureza humana. Porém, no verdadeiro critério calvinista, a solução aplica-se à totalidade do homem pecador que está “coberto” com as vestiduras brancas da justiça de Cristo. Porém, no que temos chamado de wesleyanismo calvinista, o conflito básico da personalidade é considerado normal para o cristão, por causa do ponto de vista sobre a pessoa. O espírito pode ser salvo, porém não o corpo ou a natureza. Desta forma, pode-se falar de uma experiência de vitória e, de qualquer forma, não ter sido liberto do pecado. No último capítulo deste estudo encontraremos uma aplicação mais detalhada sobre esta noção.

3 – Wesleyanismo Calvinista

Estamos denominando wesleyanismo calvinista, a uma tendência dentro dos círculos da santidade de enlaçar um critério calvinista sobre a natureza humana ao conceito de “erradicação” da natureza carnal. O calvinismo wesleyano ressalta uma sujeição da natureza humana pelo Espírito Santo, porque não distingue entre natureza humana e natureza carnal. Considerando assim, a natureza carnal não pode ser “erradicada” porque é a mesma natureza humana. O wesleyanismo calvinista, por outro lado, concebe uma

espécie de natureza humana dual – isto é, quase duas entidades ou egos. Uma pergunta muito freqüente é: “que diferença existe entre a natureza humana e a natureza carnal?”. A erradicação, então, é a extirpação de uma das naturezas: a carnal. E deste ponto depende o problema referente ao emprego do termo “erradicação”.

Por causa de um conceito deficiente sobre a natureza humana, não se compreende devidamente a obra do Espírito Santo. O calvinismo wesleyano tende a salientar exageradamente o aspecto do crescimento ou a subjugação gradual da natureza carnal. Por outro lado, o wesleyanismo calvinista se inclina a salientar o aspecto da crise de santificação e descuida da parte do crescimento. Seu ponto de vista mais bíblico sobre a natureza humana permitiu a Wesley relacionar crise e processo e conservá-los juntos numa forma criativa.

Os primeiros teólogos wesleyanos ilustram o sentido anterior. Ricardo Watson enfatizava o aspecto de crescimento na santificação, o que levou outros wesleyanos, mais tarde, a negligenciar o aspecto da crise. Pope e Adam Clarke, por outro lado, insistiram sobre o aspecto da crise de santificação e se inclinaram a descuidar do lado do processo ou crescimento. Neste último caso, não tiveram êxito em distinguir com clareza entre os conceitos calvinista e wesleyano de pecado original. Portanto, quando se ensinou a liberdade total do pecado como uma experiência de crise e se usou a palavra *erradicação* para descrevê-la, suscitou-se o perigo de achar que a mesma natureza humana de alguma maneira se faria impenetrável ou não susceptível ao mal, ou que se “extrairia” essa total tendência ao pecado. Não houve suficiente ensino quanto às fraquezas e falibilidade da natureza humana, que permanece depois da santificação. Perdeu-se a noção do lugar tão essencial, na vida santificada, do crescimento, da disciplina, do processo e do alcance do amor.

O movimento moderno de santidade tende a enfatizar mais o aspecto da crise do que o processo da maturidade.... Geralmente cometem-se dois erros: (1) quando se emprega a palavra santificação, ao se referir invariavelmente à crise da santidade cristã. (2) O conceito de santificação progressiva está... restrito ao período anterior à crise. Como resultado, a inteira santificação tem sido geralmente concebida como um ponto terminal, com resultados desanimadores.⁵⁵

Este ensino tende a forjar cristãos introspectivos. Cristãos que geralmente estão mais interessados em preservar sua própria graça do que em viver criativamente. Considera-se santidade como algo que possuímos. Wesley tinha palavras fortes para essa idéia. Na sua obra **"Perfeição Cristã"**, o pregador inglês enfatizou a necessidade de depender, momento após momento, do sangue purificador de Cristo. Não há santidade alguma que resida num homem à parte da presença de Cristo. E não há santidade que não resulte em amor e boas obras. A santidade de alguém que estiver tão obcecado no exame do seu próprio estado emocional está declarando que já não restam energias para esquecer o eu no serviço cristão, e, para Wesley, essa não é a verdadeira santidade.

Os Termos "Crise" e "Experiência"

"Crise" e "experiência" são termos que, quando entendidos e empregados de forma adequada, são sumamente importantes para a teologia wesleyana. Foi precisamente esta relação prática das verdades da teologia à vida humana o que distinguiu a contribuição de Wesley à religião. No entanto, devemos notar dois pontos importantes, como segue.

O primeiro é que a ênfase *espiritual* e *ética* de Wesley tem fundamento sobre sólida teologia. A falha em deixar de observar isto:

- ♦ Tem resultado em um desdém quase depreciativo nos círculos teológicos europeus. (Diz-se que

ele não tinha conteúdo intelectual – que apenas se preocupava com moralismos superficiais e irrelevantes.)

- Nos Estados Unidos, existiu a tendência de escolher dentre as obras de Wesley, só aquelas com ênfase sobre a experiência, o que tem contribuído para o empobrecimento teológico do movimento wesleyano.

O segundo ponto importante que devemos notar é que os significados essenciais de crise e experiência podem se desvanecer só quando se confundem com meras reações psicológicas. Há um perigo de fazer sinônimos a emoção com a experiência e/ou uma reação específica com a crise. Ainda esta última, quando limita seu significado a um ponto no tempo, pode desviar a atenção do seu sentido básico e crucial, que é uma total e permanente mudança de direção, resultante de um ato de discernimento e determinação. O sentimento religioso passa pelos mesmos "trilhos" que outros sentimentos. A "crise" é essencialmente um compromisso total de vida, com ou sem emoções. "A experiência" enterra profundamente este compromisso no centro do eu, e daí surgem todos os princípios da vida.

A Ênfase no Wesleyanismo Calvinista

No wesleyanismo calvinista há uma ênfase exagerada sobre "a experiência" especial. Se houve um fracasso na vitória cristã, a tendência é a de procurar uma outra "experiência", que impossibilite a tentação. A "experiência" tão válida como é na vida cristã, é substituída pelo igualmente válido "andar em obediência", o crescimento na graça e todos os demais aspectos de uma crescente e disciplinada vida humana em Cristo. É tão grande a preocupação pela experiência subjetiva que fica pouco ou nada de energia para o evangelismo dinâmico e o avanço missionário. As congregações que crêm dessa maneira geralmente são pequenas, isoladas das necessidades espirituais de suas comunidades, algumas vezes de seus próprios lares e, com

freqüência, tornam-se excessivamente críticas quanto às formas externas de mundanismo, seja na vestimenta como nos passatempos. Também esquecem facilmente que amar ao próximo é tão essencial quanto o amor total a Deus.

Certamente que nem Calvino nem Lutero devem ser culpados por esta situação anormal. Mas este é outro dos resultados de procurar unir o calvinismo com o wesleyanismo sem ter um entendimento completo do profundo significado de cada um deles.

Calvino estava sumamente interessado no alcance social do evangelho, embora ele não o relacionasse com a santidade no sentido teológico. A mais profunda preocupação de Wesley era a extensão do amor, que ele vinculava essencialmente à santidade. Esta última, separada da vida, para Wesley não era santidade bíblica. O amor não se pode divorciar da santidade, porque esta, consiste precisamente, em amar Deus e ao homem. A santidade deve manifestar-se no fruto do Espírito.

Sumário

Temo-nos referido ao provincialismo teológico. Usamos esta expressão para indicar qualquer verdade parcial elevada ao status de verdade completa, ou a qualquer ênfase exagerada de um segmento de teologia que, por sua vez, redunde no descuido de outros aspectos. Quando um conceito filosófico da soberania de Deus se torna o alicerce para um sistema teológico logicamente consolidado, no qual a responsabilidade humana está limitada além do ensino bíblico e a ética correta, pode se dizer que é provincial. Ao invés, quando o humanismo se torna a premissa de um sistema que supera o homem da necessidade absoluta da graça divina, resulta num provincialismo teológico igualmente sério.

Qualquer sistema do pensamento humano limitado por uma lógica estrita conduzirá a provincialismos intelectuais, porque a lógica é necessariamente sele-

tiva. Por este motivo, conceitos não-bíblicos sobre a predestinação e a santidade são mutuamente exclusivos. Dizemos "conceitos não-bíblicos" porque conceitos "bíblicos" incluem a ambos; e numa teologia verdadeiramente bíblica, um e o outro têm de ser completamente considerados.

4 – Diferenças Doutriniais à Luz da Interpretação Bíblica

Os problemas teóricos até aqui discutidos têm conseqüências muito práticas. Pode ser que o aspecto teórico das nossas diferenças religiosas não tenha parecido importante. É possível que pensemos que não estamos implicados nas diferenças teóricas que parecem ser importantes para outros. Mas o fato permanece que, onde não compartilhamos um entendimento na religião prática, geralmente vamos descobrir não termos sido conscientes da natureza das nossas filosofias básicas e da importância das nossas pressuposições fundamentais.

A Doutrina de Deus e a Responsabilidade do Homem

Surgem claramente duas interrogações de fundamental importância, que apoiam-se no ponto onde se cruzam as teorias da predestinação e da santidade. Uma, é um problema teórico que pergunta quanta responsabilidade moral podem possuir os homens sem ameaçar a absoluta soberania de Deus. Esta preocupação é correta. A soberania de Deus é minada, a estrutura total da fé cristã é derrubada. Portanto, quaisquer que sejam as conclusões lógicas que possam brotar da doutrina da absoluta soberania de Deus, devem ser aceitas sem hesitação, sem lamento ou sem meio-termo. Esse absolutismo de Deus deve ser preservado, não importa o que custe à autonomia moral do homem.

A segunda pergunta é de ordem prática. De quanta responsabilidade moral dotou o Deus soberano ao homem criado por Ele? Até que ponto é responsável o homem? Isto muda nossa atenção dos interesses

especulativos para os sumamente práticos. Devemos considerar três verdades:

O Aspecto Pessoal da Responsabilidade Humana

A primeira é um assunto pessoal. Todos os homens sabem que são moralmente responsáveis. Têm que fazer decisões reais, não meramente fictícias; decisões exigidas pela consciência e das quais resultam consequências de vital realidade moral. O simples fato de existir a inteligência é um testemunho do poder de tomar decisões e de sua realização na prática. Tire-se a responsabilidade moral e haverá como resultado o caos da personalidade.

O Aspecto Social da Responsabilidade Humana

A segunda verdade é um assunto social. Temos que contar com a realidade fria e dura de que, a menos que os homens pratiquem controle moral sobre si mesmos e sobre a sua existência na sociedade humana, esta ficará corrompida e sua continuidade ameaçada. Todas as afinidades inteligentes dos homens baseiam-se na suposição de que eles são moralmente responsáveis. Sobre ela baseia-se o castigo pela quebra da lei humana. Os juízos práticos que se fazem dos homens – isto é, que são bons, maus, honestos, negligentes, fracos, indiferentes, nobres, etc. – estão baseados nesse postulado. Retire-se a responsabilidade moral e sobrevirá o caos social. Mesmo o libertino mais consumado reconhece que existe uma estrutura moral. Não se trata de um padrão que ele deseja aplicar a si mesmo, mas um padrão que exige dos outros. Qualquer filosofia que desculpe os homens da sua responsabilidade moral, madura e completa causará sua própria destruição e também a das pessoas que se relacionem com ela. A tarefa do filósofo é dar razão, justificar e esclarecer esta realidade da liberdade moral e sua necessidade de aperfeiçoamento.

O Aspecto Moral da Responsabilidade Humana

A terceira verdade em relação à responsabilidade moral confronta cada um quando lê a Bíblia. A Bíblia em todo lugar parece dar por estabelecido que o homem é capaz de fazer escolhas corretas, e é obrigado a fazê-lo. Não existe uma passagem bíblica que dê ao homem a menor desculpa para pecar. A Bíblia parece saber que os seres humanos são pecadores, fracos, ignorantes, rebeldes, maus. Mas sempre fala da graça de Deus, que faz com que o pecado seja desnecessário. Quando o pecado abundou, superabundou a graça (Romanos 5:20). Todo pecado é condenado, sem restrição, pela Bíblia. Não é permitido qualquer padrão duplo, nem qualquer teoria de redenção que deixe o homem no pecado, enquanto Deus os considera livres do pecado. A Bíblia não reconhece a “teoria das duas naturezas”, que apoia a natureza pecaminosa vivendo no mesmo “ser” com a natureza humana. Remova-se a responsabilidade moral do homem e a Bíblia torna-se um campo de extermínio intelectual. A tarefa do teólogo é de prestar contas disso e fazer os ajustes teológicos necessários.

Temos notado que os problemas já mencionados surgem de alguma combinação das duas maneiras opostas de explicar Deus. Uma diz que a soberania de Deus não pode tolerar uma vontade contrária em Seu universo. O fato de fazê-lo (segundo eles) destruiria todo o significado de soberania. A outra observa que um Deus soberano mantém Sua soberania em companhia com outras vontades. Temos certeza que a resposta a este dilema jamais poderá se encontrar na filosofia como tal. Com certeza, nós como cristãos, devemos checar a exatidão correta de nossas suposições quanto à Palavra de Deus.

Pressuposições Humanas

Isto dá origem a outra pergunta: Podemos ler objetivamente a Bíblia? Nenhum de nós é intelectualmente neutro. Estamos envolvidos. Nossos preconceitos

pessoais podem nos cegar à verdade, e o fazem. Nos inclinamos a encontrar na Bíblia, ou na natureza, em todas as partes, aquilo que queremos encontrar. Nosso próprio ponto de vista específico “filtra” e não deixa passar nenhuma das verdades que ouvimos. Na realidade, nossos preconceitos são “o filtro” e, em consequência, o juiz da verdade. Mudando a comparação, a sombra de nosso próprio provincialismo cai sobre a verdade e nós interpretamos o material de acordo com o molde formado pelos nossos preconceitos.

Isto apresentaria uma barreira pela qual a verdade jamais poderia atravessar não fosse pelo fato de que a mente não é algo passivo, encarcerado ou imobilizado pela sua própria estrutura. A mente do homem é dinâmica – cresce, se expande, se ajusta, discrimina, expulsa, cria. Quando este fluido “eu” permite a si mesmo ser detido em qualquer ponto da sua vida de expansão, de maneira que já não aceita nenhuma verdade nova, ou tolera perguntas sobre suas experiências passadas, sua personalidade começa a desmoronar. A totalidade da ciência moderna é um testemunho da capacidade da mente humana de ser autocrítica e de seu poder para livrar-se do cativeiro do preconceito. Podemos ler objetivamente a Bíblia? Teríamos que nos envergonhar em admitir, se é que não podemos fazê-lo. A Bíblia foi dada precisamente para desafiar, criticar e corrigir os preconceitos humanos deficientes quanto aos assuntos espirituais e morais. Alguns de nós encontramos apenas a soberania de Deus nas Escrituras, outros, só “a liberdade” do homem. Há quem somente ache a predestinação, e outros, a santificação. Mas, a verdade é que todas elas estão no Livro.

A Bíblia jamais nos dá respostas fáceis, logicamente convincentes para os tremendos questionamentos da vida, porque esta não é fácil nem simples. Deus é demasiadamente grande para estar fechado num “pacote” de declarações teológicas. Ele é maior do que a

lógica do homem e devemos incluir tudo o que a Bíblia diz, com referência a Ele, em nossas teologias. A Bíblia é revelação. Nunca defenderá uma teologia. Sempre se ergue como Juiz sobre todas as nossas teologias, a fim de nos incomodar quando nos sentimos demasiadamente seguros de nós mesmos, corrigindo-nos e instruindo-nos nas verdades pertinentes a Deus e da nossa relação com Ele.

Um cientista pode se tornar o mestre do mundo natural somente se ele abandonar suas opiniões infantis e preconceituosas sobre a natureza e humilhar-se bastante para ser um aprendiz. A natureza permanecerá oculta para o homem que se nega a ser ensinado por ela. Ela é, antes de tudo, e sempre será, o amo a quem primeiro servir, antes que se submeta à vontade do homem de ciência. O mesmo princípio é verdade quanto à teologia e às Escrituras. Todos nós, calvinistas e wesleyanos, devemos fazer uma distinção cuidadosa e honesta entre a Palavra de Deus e as opiniões e interpretações com que a abordamos.

A Bíblia e a Experiência Humana

Um dos maiores problemas da teologia é a tendência a simplificar exageradamente e tornar “abstrata” demais a verdade cristã – ao reduzi-la a declarações lógicas, nítidas e compatíveis. Ao fazê-lo, abrimos uma lacuna entre a teologia e a rica e variada verdade tão necessária para as vidas complexas que nós devemos viver. A Bíblia foi dada no fragor da experiência humana. A Palavra não deve ser separada da vida.

A lógica de Calvino satisfaz a mente, mas não o coração; porque a vida como um todo é maior que os sistemas lógicos. Søren Kierkegaard injetou um poderoso corretivo à teologia ao indicar o fato de que há uma tensão correta entre conceito e conduta. Wesley estava a par deste problema. Ele se preocupava mais em ser prudentemente bíblico que meramente lógico, embora Wesley fosse um pensador sumamente racional. Por exemplo, para ele, o amor que coloca o homem

no centro dos relacionamentos e problemas da vida dá sentido a essa separação do mundo e do pecado, e é o que se pede de alguém que queira ser cristão. O amor mesmo não pode ser verdadeiro a menos que se aborreça com o mal e o repudie. Mas, por sua vez, aborrecer o pecado, sem a compensação do amor a Deus e aos homens, causa um vazio moral que terminará por destruir a vida espiritual. Para Wesley, a santidade não era algo abstrato, mas sumamente prático. A perfeição cristã é compatível com as limitações e fragilidades humanas.

Estes exemplos da complexidade da verdade deveriam nos ajudar a abordar as diferenças entre as tradições cristãs com um espírito compreensivo e maduro. Temos esboçado as diferenças em princípio entre as teologias relevantes para o nosso estudo sobre a santidade. No restante deste ensaio seria de proveito apresentar algumas das várias doutrinas específicas que nos separam e examiná-las crítica e biblicamente.

Existe um grupo de doutrinas relacionadas entre si, ao redor das quais existe tensão entre calvinistas e wesleyanos. São elas: A soberania de Deus versus a liberdade do homem; a vontade de Deus e a graça de Deus; salvação por decreto divino ou pela fé; a obra do Espírito Santo; e a eterna segurança e a certeza cristã.

NOTAS

⁴⁹ Em um "Debate sobre a Eleição Divina", publicado em *Christianity Today*, (12 de outubro de 1959) a resposta do Dr. Orton Wiley à pergunta: "Calvinismo se direciona aos resultados preditos pelos arminianos?", não tem sido refutada. Ele disse: "o que passa por calvinismo hoje não é calvinismo. Está arminianizado... A verdade é que presbiterianismo neste país (USA) está arminianizado... Eu penso que poucas pessoas ensinam o calvinismo."

⁵⁰ Donald Gray Barnhouse, "Eight Things God Cannot Do." *Eternity*, Janeiro 1958, Vol. 9, nº 1, p. 27.

⁵¹ *Eternity*, Julho 1958, Vol 9, p. 12

⁵² Loc. Cit.

⁵³ Op. Cit., P. 46.

⁵⁴ L. Nelson Bell, "Righteousness," *Christianity Today*, Vol. II, nº 18, 9 de Junho de 1958, p. 19.

⁵⁵ Hollis F. Abbott, "Christian Maturity", in *The Word and the Doctrine*, Kenneth Geiger, ed. (Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1965), p. 301



Tensões Teológicas Levantadas pela Doutrina da Predestinação Particular

1 — A Vontade de Deus e a Vontade do Homem

A tensão mais evidente levantada pela predestinação calvinista é a que existe entre a vontade de Deus e a do homem. É o homem moralmente responsável? Se o é, como se pode dizer realmente que Deus é absolutamente soberano?

Esta não é somente uma questão acadêmica. É um assunto real em que está envolvida a natureza de Deus. Sua soberania suprema é o fundamento da totalidade da teologia cristã. Não se pode permitir nenhuma teoria filosófica que admita a mais leve brecha nessa soberania. Cada doutrina cristã depende desse ensinamento. A crença sobre a liberdade moral do homem não tem absolutamente sentido algum, desligada da soberania de Deus. Se Deus não é completamente soberano não pode sustentar a fé cristã.

Por outro lado, como temos visto, o negar em qualquer sentido a cabal responsabilidade moral do homem, provoca sérios problemas com relação à fé cristã. Nós temos visto que a predestinação particular é

tanto uma *consequência* de uma teoria no tocante à soberania de Deus, como uma defesa dessa doutrina. Por outro lado, para proteger a natureza de Deus contra a pretensão ímpia da Igreja Romana de apropriar-se das prerrogativas de Deus, Lutero e Calvino proclamaram o ensinamento da predestinação individual. Por sua vez, a mesma doutrina da predestinação chegou a transformar-se em princípio de interpretação bíblica. Dentro da trama deste raciocínio circular,^{*} a Bíblia não pode falar por si mesma. Já se sabe de antemão o que deve dizer ou significar, antes de abrir o Livro.

O conceito agostiniano da soberania absoluta de Deus promove uma tensão em soteriologia. Se Deus predestina para salvação certas pessoas em particular, o que faremos com o grande número de trechos nas Escrituras que parecem convidar a todos os homens à fonte da salvação?

O Dr. H. Orton Wiley foi convidado a “dialogar” com vários eruditos representantes das diversas posições calvinistas; pediram-lhe que apresentasse o ponto de vista arminio-wesleyano. No curso da discussão, o Dr. Wiley fez a pergunta acima mencionada, citando muitas Escrituras a respeito. A resposta foi: “Interpretamos estas passagens como bons calvinistas”.⁵⁶

Como “bom calvinista”, o Dr. William Shedd explica esta interpretação em sua obra, *Teologia Dogmática*. Mediante um estudo da preposição inglesa “for”, tal como se usava na Inglaterra no século XVII, e fazendo uma engenhosa distinção entre *expição* e *redenção*, Shedd pode dizer que “Cristo morreu por todos os homens” no sentido do valor intrínseco de seu ato, porém não na intenção do ato. A morte de Jesus foi infinitamente suficiente para a redenção de qualquer e de todos os homens, porém a aplicação da redenção está limitada aos escolhidos.⁵⁷ Em outras palavras, “qualquer” está dirigida somente aos eleitos. Quanto

^{*} Uma das falácias, que consiste em utilizar parte de um raciocínio como argumento para provar sua validade.

à sua extensão, o sacrifício de Cristo é ilimitado; em sua aplicação ou propósito, tem limites.

Os calvinistas moderados”, como Henry Theissen, tomam seriamente o convite bíblico, atribuindo a eleição de certos homens para serem salvos, à presciência de Deus.

A Santificação é uma Doutrina de Deus

Nosso conceito da santificação, enquanto se relaciona com a redenção, será decidido quase completamente por nosso conceito de Deus e seu propósito com respeito à redenção. Se Deus nos salva somente por Sua vontade de seleção; se o homem não pode impedir o ser salvo; se a sua salvação está no propósito de Deus, então a santificação ou é a inevitável consequência da eleição ou algo bem reservado para os escolhidos depois de sua morte. Porém, se a responsabilidade moral do homem é verdadeiramente respeitada, então a santificação é assunto de primordial importância para o cristão. Tanto é assim, que depende de nosso conceito prévio de Deus.

Wesley estava tão atento a este problema, que escreveu um ensaio particularmente enérgico sobre o tema: “Pensamentos acerca da Soberania de Deus”⁵⁸ Primeiro, ele nos recorda que nosso conceito de Deus, fundamental para toda nossa teologia, deve derivar-se das Escrituras e não da filosofia. Em seu critério, o erro da predestinação surgiu de uma noção unilateral acerca de Deus, ou uma falsa ênfase, que é destacar somente o que corresponde à única vontade soberana de Deus. Wesley disse que Deus se tem revelado com um caráter duplo: como Criador e como Governante. Ambos são distintos, porém não incompatíveis. Comenta:

Você nunca deve falar da soberania de Deus a não ser em conexão com os outros atributos; porque as Escrituras, em nenhuma parte a tratam isoladamente, à parte das demais. Muito menos, falam da soberania de Deus

como uma disposição única que decide o estado eterno dos homens. Terminantemente, não nesta tremenda obra. Deus procede de acordo com as regras conhecidas de Sua justiça e misericórdia.

Posição de Wesley quanto a Soberania de Deus

A soberania de Deus jamais deve tomar prioridade sobre Sua justiça, disse Wesley. Como Criador, Ele tem atuado segundo Sua própria e soberana vontade. A justiça não pode ser considerada na criação. Deus começou a criação, quando Ele decidiu fazê-lo". "Ele determinou a duração do universo"; "o número de estrelas"; "os objetos" animados e inanimados da terra, a natureza do homem, "o tempo e a situação do nascimento de cada pessoa; o grau de saúde de cada um, a cultura em que cada um devia nascer". (Poucos de nós seguiríamos Wesley até onde esteve disposto a andar com Calvino!)

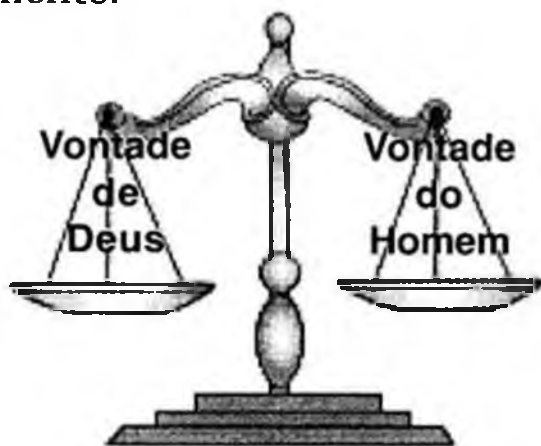
Porém, "temos absolutamente que sustentar", acrescenta Wesley, "de que Deus é galardoador dos que o buscam". Ele não recompensa o sol por brilhar, nem tampouco o faria conosco por permitir a nossa luz resplandecer, produzindo tanto quanto o sol faz.

Mais adiante, segue comentando que, quando Deus atua como Governante ou como Galardoador, não atua como Criador. Se Ele é o Juiz dos homens, tem que operar com justiça, não como um soberano sobre súditos a quem não lhes permite atuar com liberdade. "Ele não vai castigar o homem por fazer algo que lhe foi impossível evitar." Ao manter em equilíbrio estas duas características, a de Criador e a de Governante, "damos a Deus toda a glória de Sua graça soberana sem pôr em discussão de juízo Sua inviolável justiça". Não importa o que pensemos sobre as teorias científicas de Wesley, sua percepção central em relação à distinção entre Deus como Criador e como Governante é valiosa e útil.

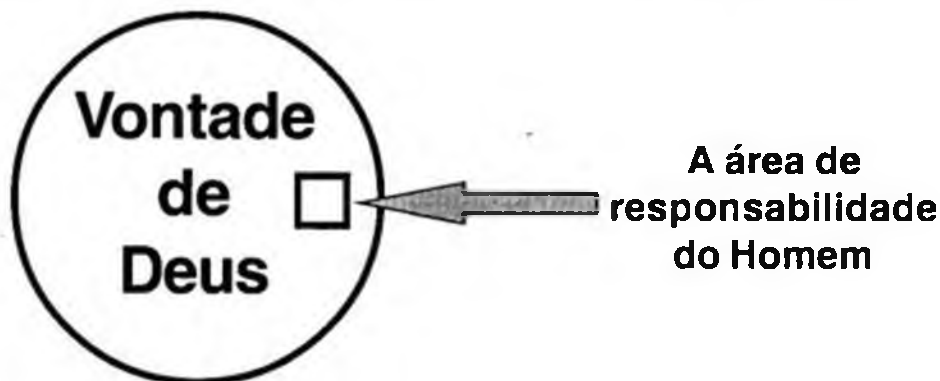
Solução Sugerida

Quando alguém se confronta com um problema relativo à soberania de Deus e à vontade do homem, provavelmente, talvez esteja em posição de pensar que a vontade do ser humano se levanta contra a de Deus, desafiando-o de tal modo, que constitui uma ameaça à Sua vontade e ao propósito de Sua criação. Nenhum cristão evangélico toleraria tal idéia. No entanto, tanto a medida plena da soberania de Deus como a genuína responsabilidade moral do homem devem ser levadas em conta, e incluídas em um sistema sem raciocínios absurdos para explicá-lo. Podemos sugerir uma solução empregando um diagrama?

O conceito insatisfatório da liberdade do homem em relação à soberania de Deus poderia ser comparado aos pratos de uma balança cujos pesos se equilibram mutuamente.



Nesta perspectiva, a vontade de Deus é contrariada pela vontade do homem ou vice-versa. Em ambos os casos, um dos dois é vencedor, o outro, vencido.



Área de Responsabilidade do Homem

Parece-nos que estaria mais de acordo com o ensino bíblico ilustrar a relação correta por meio de um círculo que simbolize a vontade soberana de Deus. O pequeno quadrado que se encontra no interior do círculo representa a liberdade real, ainda que limitada, que Deus tem concedido aos homens de Sua criação. Em seu amor soberano, Ele fez seres moralmente responsáveis. Porém, a liberdade do homem está estritamente limitada por Deus. Ele estabelece as regras. O homem é genuinamente livre dentro dos limites estabelecidos por Deus. O ser humano vive em um meio-ambiente em que Deus é o Senhor. Ele controla a natureza, o universo, as maiores linhas da história. A ordem natural é absoluta (Deus é o Criador). Porém há uma classe de ordem vastamente diferente na base da ordem natural, ou seja, a ordem moral – e as regras são regras morais. Deus concedeu aos homens o poder de discriminação e a capacidade de fazer decisões entre alternativas. A vontade e a misericórdia de Deus sustentam a liberdade moral no homem. Com efeito, Deus fez o homem de tal modo que ele se encontra em constante necessidade de fazer decisões. Não está livre de não fazer constantes decisões morais.

Porém, as decisões que o homem está obrigado a realizar não são irresponsáveis. Sua liberdade é moral, não imoral. O homem não pode escolher o mal e colher o bem, nem ditar suas próprias regras para a vida moral. Não pode assinar os termos de sua própria salvação. Deve escolher que condição (ou consequências) aceitará. Lutero scandalizava os seus ouvintes com sua famosa proposição: “O cristão é o homem mais livre de todos e não está sujeito a nada. Porém também é ele mais obrigado e sujeito a todos”. Josué clamou: “Escolheis hoje a quem sirvais”, (Josué 24:15), Jesus declarou que “ninguém pode servir a dois senhores” (Mateus 6:24). Paulo escreveu: “Não sabeis

que se submeteis a alguém como escravos para obedecer-lhe, sois escravos daquele a quem obedeceis, seja do pecado para morte, ou seja, da obediência para justiça?" (Romanos 6:16). Tudo isto define os limites da liberdade do homem e revela as regras divinas que a regem. Os homens são livres para eleger a quem servirão – porém *não* são livres para escolher as consequências.

Endurecimento do Coração

Segundo as normas divinas, quando uma pessoa escolhe a Deus, isso resulta em certas consequências na vida do indivíduo – um crescimento em espiritualidade, comunhão e sensibilidade no Espírito Santo. Porém, se a decisão tomada é de desobedecer ao Senhor, inevitavelmente enfraquece a sensibilidade ao ministério do Espírito, resultando em "endurecimento do coração". Quando se diz que Deus endureceu os corações dos homens, se faz referência à ordem moral estabelecida por Ele mesmo. Deus não infringe as leis morais que Ele estabeleceu.

Existe uma diferença bem marcada entre um coração endurecido contra Deus com respeito à salvação pessoal e outro empedernido por Ele para realizar um curso específico da história. Quando se tem observado esta clara distinção, desaparecem muitos problemas na tarefa de interpretação bíblica. O coração de Faraó não foi endurecido divinamente contra Deus no concernente à sua salvação, e sim para por em ação certos eventos na história da salvação de Israel.

Também deveria se levar em conta que nem todas as referências às decisões e eleições de Deus têm a ver com a salvação pessoal. Os eruditos calvinistas deixam de fazer esta importante distinção. O Dr. Nicole, no *"Debate sobre a eleição divina"*,⁵⁹ cita a João 15:16: "Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi". É muito significativo que ali terminasse sua opinião. As palavras seguintes especificam com clareza que a eleição tem a ver com a classe de servi-

ção cristão que deveria caracterizar a obra dos discípulos depois da vinda do Espírito Santo. O Dr. Nicole utiliza, então, Romanos 9-11, relacionando o que ele chama “a prioridade da eleição com a comissão de qualquer ato particular”, à eleição para salvação. Arminio demonstra com delicada diligência e perícia que não há maneira de apoiar essa interpretação.

Deve-se tomar enorme cuidado com as exegeses bíblicas para não teologizar indevidamente uma passagem ou “injetar” teologia a uma passagem, cujo propósito não é esse. Se tivesse em conta este consenso, desapareceriam muitos provincialismos teológicos e a teologia seria proveitosa em todas nossas denominações tradicionais.

2 – A Vontade de Deus e a Graça de Deus

Levanta-se uma tensão pelo conceito de Deus como absolutamente soberano à luz do conceito bíblico sobre a graça. Um conceito da soberania de Deus, que não tenha tido o benefício da crítica bíblica, conduz à idéia de um Deus que está sob o cativeiro de Sua própria vontade. O que Ele quer, tem que suceder. A definição de graça deve cair dentro desta estrutura de pensamento. A graça, então, só pode ser o poder de Deus para fazer com que suceda o que é Sua vontade.

A consequência desta posição é um panorama da personalidade humana que está por debaixo do mínimo básico exigido pela racionalidade e integridade moral, como também da expectativa bíblica do homem em seus requisitos no que a ele concerne.

A Posição Agostiniana sobre a Graça

O ensinamento de Agostinho expressa muito bem este significado da graça. Ele raciocina que, se Deus queria que todos os homens fossem salvos, nenhum se perderia; portanto, a graça é o poder seletivo da vontade divina, já que todos os homens não são salvos.

Este conceito inevitavelmente expõe um atributo de Deus contra o outro. Por exemplo, a graça de Deus

deve chocar-se com Seu amor. Seu amor se estende a toda a criação, porém a graça seleciona e assim limita o objeto de Seu amor.

William Shedd argumenta que a eleição não brota do amor divino (ἀγάπη) do qual se fala em João 14:23, e sim da bondade e benevolência divinas (χρηστότητα e ἀποτομίαν), mencionadas em Romanos 11:22. Esta bifurcação na natureza de Deus conduz Shedd a dizer em resposta à objeção, de que a sinceridade de Deus é impugnada por uma oferta universal de salvação a algumas pessoas a quem Ele não vai salvar, que:

- ◆ Deus, por causa de Sua compaixão inerente pode desejar com sinceridade a conversão de um pecador... ainda que Ele saiba que nunca sucederá... como um pai deseja a mudança de um filho, porém não a pode conseguir.
- ◆ O decreto de Deus nem sempre é a expressão de seu desejo, senão que algumas vezes é ao contrário. Deus decretou o pecado, e todavia, o proíbe.⁶⁰

Existe uma classe de Escrituras, disse Shedd, que ensinam que o desejo benevolente de Deus é que todos os homens se voltem contra o pecado. Outra classe indica que, por razões desconhecidas para o homem, porém suficientes para Deus, Ele determina em algumas circunstâncias, não satisfazer seu próprio desejo. Não existe nada contraditório nisto, argumenta Shedd, porque uma situação paralela se encontra na ação humana.⁶¹ Deus não trata de evitar que um homem se volte a Ele, senão que o ajude completamente pela “graça comum”. Eleitos e não eleitos resistem à graça de Deus, porém, “no caso de eleição, Deus dá seqüência à graça comum que tem sido rechaçada, com a graça regeneradora que vence a resistência”.⁶²

Graça Comum

A doutrina da “graça comum” foi formulada por Abraham Kuyper no século dezenove, para completar a lógica de tais doutrinas caracteristicamente calvinis-

tas, como a da soberania divina e a eleição, a depravação total e outras semelhantes. A Igreja Cristã Reformada adotou este conceito sob três pontos:

- ◆ Deus está bondosamente inclinado a todos os homens;
- ◆ Deus encerra, limita o pecado em indivíduos e na sociedade;
- ◆ Os não regenerados são capazes de justiça cívica.

Tantos problemas resultam desta doutrina que os teólogos debatem interminavelmente sobre os resultados. Um interessante “diálogo” está em andamento entre as interpretações de Cornelius Van Til em *“Graça Comum”* e a da James Daan em *Uma Teologia da Graça*, ambas sobre a natureza da graça.

A Noção de João Wesley sobre a Graça

Wesley acreditava que a Bíblia ensinava outro significado da graça brotando de um diferente conceito de Deus. Em contraste com o calvinismo, que punha a ênfase sobre o sublime poder de Deus (Ele cria e redime porque pode e quer fazê-lo), e Armínio, que insistiu na justiça de Deus (Ele não somente é bom, mas também igual com todos os homens), Wesley enfatizou o amor de Deus que inclui e unifica todos os atributos divinos em uma personalidade total. Os atos de Deus não surgem de Sua vontade criadora ou de uma necessidade íntima de qualquer classe, mas de seu amor. A graça divina é o amor de Deus em ação. A graça é a expressão da liberdade moral de Deus.

A graça é a expressão majestosa do grande amor de Deus. A criação é a revelação de seu amor; por isto, é graça. A graça é a explicação de tudo o que é o homem. Este, ainda recém-saído da mão de Deus, não tem capacidade natural à parte da aplicação imediata da graça de Deus. Foi a livre graça que “formou o homem do pó da terra”, e o fez à Sua própria imagem e lhe deu poder de domínio. A mesma “graça livre” con-

tinua sustentando-nos na vida e todas as capacidades e virtudes humanas podem ser nossas.

Anteriormente, notamos que Wesley não ensinou “livre arbítrio”, mas “livre graça” em Deus. A graça é cristocêntrica – uma efusão da natureza pessoal de Deus mediante Cristo. É intensamente pessoal; por isso, não pode haver distinções quanto à graça, tais como a “comum” e a “salvadora”. Em seu *“Debate sobre a Eleição Divina”*, Wiley declara sucintamente: “Sustentamos que não existe distinção na natureza da graça, isto é, entre preveniente e salvadora; somente existe uma e é da mesma natureza. Conseqüentemente, não deduzimos a diferença tão freqüente no calvinismo, entre graça comum e graça salvadora. cremos que uma se funde na outra”.⁶³

Deveria notar-se, pela mesma lógica, que não pode haver distinção na graça entre a justificação e a santificação. Nem todos os que ensinam a santidade atentam a isto. Isto não significa que não há diferença entre justificação e santificação, mas que se relacionam de uma maneira que nem sempre se faz. Nenhum pregador ou mestre da santidade pode rechaçar justificadamente a distinção calvinista entre graça comum e graça salvadora, se ele mesmo faz diferença entre “graça salvadora” e “graça santificadora”. Realmente, não há tais distinções na Bíblia.

Posto que o amor e a graça são qualidades da personalidade de Deus, o broto destas qualidades constitui-se efusão do mesmo Deus. Não há diferentes classes de graça para conseguir diferentes resultados. De preferência, teríamos que dizer que a favor do homem há diferentes apropriações dos benefícios da graça. Isto explicaria as diferenças na experiência cristã. A graça não é um poder impessoal ou uma coisa que se deve receber. É Deus colocando-se ao alcance de todos nós. É a plenitude da medida de seu amor redentor que nos é oferecida sem reservas. Porém os resultados da graça no homem estão limitados pela compreensão que

o homem tem de Deus. Cada passo em direção a Deus e cada passo dentro do círculo de Seu amor requerem a mais elevada e nobre atuação, da qual o homem é capaz a qualquer momento. Tratam-se de etapas no caminho do ser humano, não de diferentes "dons" da parte de Deus.

3 – A Graça de Deus e o Pecado do Homem

É neste ponto onde a tensão entre o calvinismo e o arminianismo wesleyano chega a elevar-se. Sem o entendimento básico de como cada tradição chegou à sua postura, nossa discussão cairia em nível de recriações mútuas. Deveríamos agora ser capazes de comparar os dois pontos de vista com uma boa compreensão, porque as diferenças existem.

Todos os cristãos estão de acordo em que o homem foi criado à imagem de Deus. No entanto, segundo o calvinismo, essa imagem ficou totalmente destruída, deixando o homem, nesta vida completa e irrevogavelmente corrompida, incapaz de qualquer ato, palavra ou pensamento que não esteja contaminado por essa corrupção. O pecado penetrou de maneira tão profunda na natureza humana que não pode ser erradicado, nem no pecador nem no santo. A graça cobre o pecado, porém não o pode curar.

Para Wesley e seus seguidores, a imagem de Deus está danificada por todos os lados, porém não destruída, posto que destruir a "imagem" privaria o homem de sua humanidade. Porém, no critério de Wesley, a livre graça de Deus é a única causa pela qual é preservada qualquer imagem de humanidade. Sem a graça, os homens "estampariam a semelhança do diabo".

Para o calvinismo, a vontade do homem é movida pela graça anterior à consciência que dela pode ter, e independentemente dela. A regeneração precede a toda fé e obediência e se aplica somente aos eleitos. Para o wesleyanismo, "a graça, ou o amor de Deus,

donde provém nossa salvação, é livre em todos e grátis para todos" (Sermão "Graça Livre"). A graça salvadora começa com a graça preveniente que se estende a todos os seres humanos. Nenhum homem se encontra no "estado de natureza". A própria consciência é proveniente da graça. "Nenhum homem peca porque carece de graça, e sim porque não usa a que tem" (Sermão "Working Out our Own Salvation"). Os ímpios têm uma medida da graça. O poder para resistir à graça vem da graça. Também o é o poder para não pecar. "A santidade começa anteriormente à justificação e à regeneração, pelo poder da graça" (Ibid).

Todos os homens estão debaixo da cobertura da graça gratuita de Deus. Cristo morreu por todos (Lucas 19:10; Mateus 18:14; João 3:16-17; 2 Coríntios 5:14-15; 1 Timóteo 2:4-6; 1 João 2:2; 4:4; Hebreus 2:9). É verdade que wesleyanos e calvinistas interpretam estas passagens de maneira diferente. A filosofia fundamental dos primeiros permite tomar estas declarações bíblicas em seu valor nominal; os últimos, por igual razão, se sentem obrigados a uma exegese predeterminada. No "Debate sobre a Eleição Divina", ao qual já nos referimos, o Dr. Henry perguntou: "Sobre que princípios gerais respondem os calvinistas?" O Dr. Nicole respondeu: "Alguns destes textos indicam somente o cumprimento de certas condições... As pessoas que as cumprem em absoluto... Têm sido guiadas pela graça específica de Deus, que neste caso (é) graça eletiva". Em defesa desta interpretação, o Dr. Nicole disse simplesmente: "Eu aceito de todo coração a posição de Calvino".⁶⁴

A Imagem de Deus

Talvez uma exegese e exposição mais segura poderia ser feita do assunto completo da habilidade do homem de cooperar com a graça de Deus, se nós fizéssemos a distinção cuidadosa nas Escrituras entre "a imagem de Deus no homem" e "o homem feito à imagem de Deus".

Pode servir de ajuda notar que as Escrituras firmemente se referem à “imagem de Deus” não como algo que está no homem, e sim como um molde do que está feito. Se perdesse uma parte de si mesmo, deixaria de ser homem.

“Criado à imagem de Deus”, acrescenta Wiley, “podemos dizer então, que o homem foi dotado de certos poderes conhecidos como a imagem natural... (que é) indestrutível e indelével e que existe em cada ser humano”.⁶⁵ “Esta semelhança natural com Deus é inalienável... Esse primeiro elemento da imagem divina, o homem não pode perdê-lo jamais, até que deixe de ser um ser humano. Bem diz São Bernardo que não poderia ser destruída nem mesmo no inferno”.⁶⁶

O Novo Testamento ajuda a clarear as abstrações relativas ao significado da expressão “imagem de Deus”. Diz-se que “Cristo é a imagem de Deus” (2 Coríntios 4:4; Colossenses 1:15; Hebreus 1:3). Então, podemos concluir que Cristo nos disse algumas coisas acerca de nós mesmos que não poderíamos sabê-las de outra maneira. G. Campbell Morgan diz: “Quando Jesus continuamente se autodenomina Filho do Homem, ressalta Sua identificação com a humanidade e sugere a verdade de que o entendimento final da natureza humana deve resultar de um conhecimento de si mesmo”.⁶⁷ A imagem, à qual somos feitos, é precisamente a de Cristo. Olhando a Ele, vemos não só nossa espiritualidade potencial, mas também nossa responsabilidade diante de Deus por essa potência.

Sendo esta a verdade, estamos preparados para compreender a diferença que Wesley faz entre o homem feito sob o padrão de Deus, em sua imagem natural (uma natureza espiritual correspondendo à de Deus), o homem feito à semelhança de Deus em sua imagem política (capacidade para governar) e o homem feito especialmente conforme o padrão de Deus em sua imagem moral (“justiça e verdadeira santidade”,

Efésios 4:24). (Veja seu sermão “Sobre a Queda do Homem”.)

É com isto em mente que Wesley define a imagem moral, não como uma possessão, mas como o uso que o homem faz dos poderes com que foi dotado na criação. Assim tem significado Romanos 8:29; 2 Coríntios 3:18 e Colossenses 3:10, onde a aproximação à imagem de Cristo está relacionada com:

- ♦ a predestinação [o caminho de salvação é predestinado];
- ♦ A dedicação ao Senhor [“trocados à mesma imagem de glória em glória”];
- ♦ ao “homem novo”, do qual devemos vestir-nos.

Poderes humanos, sim, que nos foram dados por Deus e que uma vez empregamos para nossa própria destruição, agora, porém, usados de modo que “Cristo seja formado” em nós (Gálatas 4:19).

Se nada da humanidade essencial do homem jamais se perde e todos estes poderes essenciais são evidência do modelo de Cristo do qual somos feitos, então, devemos chegar à conclusão de que não importa quão abaixo nos temos permitido cair no pecado: a obrigação moral de empregar nossos poderes para retornar e obedecer a Deus é imperiosa. Quer dizer que o pecado não pertence à natureza humana. É estranho a ela, e é como uma sanguessuga. O que impede que sejamos “transformados” à Sua imagem, deve ser abandonado. Acima de tudo, pode ser abandonado pela graça de Deus.

Wesley pergunta: “Se não somos salvos do nosso pecado pela graça de Deus, então, do que somos salvos? Por que Cristo morreu?”.

4 – Salvação por Decreto ou pela Fé?

Uma das maiores tensões entre o calvinismo e o wesleyanismo se encontra no significado da fé, segundo o expressado no *dictum* da Reforma, de que “a salvação é somente pela fé”. Aqui temos o âmago da

diferença entre as doutrinas da predestinação e da santidade. A doutrina acompanhante, “somente por graça”, causa a tensão. Se a salvação é por graça, então, não pode ser somente pela fé. Porém esta tensão básica está escondida sob a cobertura da predestinação pessoal ou eleição. O decreto divino faz com que a graça seja a causa da fé; porém, ao fazê-lo, origina a pergunta: O que é a fé evangélica? O calvinista interpreta o conceito wesleyano de fé como uma forma de obras. O wesleyano interpreta o conceito da fé calvinista pela graça eletiva como faltando o conceito bíblico da responsabilidade moral.

Estas confusões chegaram a emaranhar-se tanto que, quando Wesley rechaçou a salvação por eleição ou decreto, foi acusado de pregar a salvação por obras pelos seus próprios amigos. Para muitos, o decreto divino se transformou em um substituto para a salvação por fé e graça. A clara mentalidade de Wesley esteve confundida acerca destes pontos, até que, como ele disse, “passou pela minha mente um pensamento que, de imediato, resolveu toda a questão: Esta é a chave, pois os que sustentam que cada um está predestinado para ser salvo ou condenado, não vêem o meio termo entre a salvação por obras e a salvação por decretos absolutos. Segue que, qualquer que nega este último método... sustenta a salvação por obras”.⁶⁸ Salvação por decreto (predestinação), então, é completamente oposta à salvação pela fé, e o defeito do conceito calvinista de fé é revelado.

À objeção de que a fé, separada das condições da predestinação, é uma forma de obras, Wiley responde com as palavras de Adam Clarke:

Não é a fé um dom de Deus? Sim, no que toca à graça pela qual é produzida; porém, a graça ou poder para crer e o ato de crer são duas coisas distintas. Sem a graça ou poder para crer, nenhum homem, jamais pôde ou pode crer; porém, com esse poder, o ato de fé é próprio do homem. Deus nunca crê por um

homem, nem tampouco irá se arrepender em lugar dele... O poder para crer pode estar presente muito antes que seja exercido; de outra maneira, por que as advertências solenes que encontramos em todo lugar na Palavra de Deus e as ameaças contra aqueles que não acreditam? Não é isto uma prova de que tais pessoas têm ao seu alcance o poder, porém não o exercitam? ⁶⁹

Wiley continua: "A lei de Deus está escrita em nossas mentes e corações – nas primeiras, para que possamos conhecê-las; em nossos corações, para que a amemos. É a união das duas que faz possível uma verdadeira obediência de fé".⁷⁰

Wesley se manteve firme na doutrina bíblica e da Reforma acerca da salvação pela fé. Esta faz com que a salvação por decretos ou por obras seja impossível. Porém, a fé bíblica, segundo Wesley, deve operar por amor.⁷¹ Aqui é onde encontramos a distinção vital entre os conceitos calvinistas de salvação e os wesleyanos. A fé do calvinismo não implica no amor como elemento essencial. A de Wesley (e cremos que é a fé escriturística) está tão intimamente ligada com o amor e a obediência, que não poderia existir à parte delas. A fé como conhecimento, por uma parte, e a fé como confiança, por outra, não podem estar desvinculadas e seguir sendo fé bíblica. A fé calvinista está presente no momento da conversão, porém não penetra no tecido da teia da vida. A fé bíblica é a orientação nova e total rumo a Deus, que fortalece cada momento da vida cristã.

Leroy E. Lindsey disse que Wesley se cuidava tanto do racionalismo pelagiano como do antinomianismo calvinista ao compreender a fé como uma qualidade em vez de uma entidade.

Como aquilo que existe, a fé poderia isolar-se em um momento ou estado particular do ser. Porém, não é assim. É, antes, uma qualidade que penetra em toda nossa vida espiritual, fazendo o possível e dando sen-

tido a essas experiências que constituem a vida. Neste sentido, a fé, em qualquer estado particular da vida não diferiria em qualidade, mas também não em grau, daquela que se teria em outra circunstância da existência. A qualidade da fé que produz “fé para justiça” e que resulta na salvação do indivíduo é a mesma que guia o crente à santificação.⁷²

Ademais, a fé é a condição conveniente para a salvação, não a causa dela. O calvinista praticamente rouba todo o significado à fé ao desvinculá-la dos atos pessoais e morais dos homens. Parece que os calvinistas moderados dificilmente referem-se à fé como obras, ainda que esse ato de mérito esteja limitado ao momento único da “aceitação” inicial de Cristo. Para Wesley, a fé era exatamente oposta às obras. É cessar das próprias obras e colocar a absoluta confiança pessoal somente em Cristo. Portanto, esta classe de fé é um novo andar contínuo com Cristo, que terá as características da obediência e do amor. Como a fé de Abraão que foi contada por justiça demonstrada pela obediência (Hebreus 11:18), a nossa deve mostrar os mesmos traços.

Para Wesley, a fé não era um fim em si mesma, senão o meio para chegar ao fim, ou seja, o amor. O tudo da religião é o amor, não meramente a fé. O princípio da fé é o começo do amor. No calvinismo, a fé é perfeita no instante da justificação. No wesleyanismo, há graus de fé, desde a muito débil, até a perfeita. Conforme a fé cresce, cresce também o amor. Porém, ainda a fé débil pode ser verdadeira. Devemos avançar de fé em fé, tanto como devemos progredir em amor. Porém, ainda a fé débil pode ser verdadeira. Wesley fala da fé justificadora e fé santificadora. Isto não implica que existam duas classes de fé e, sim, que é a fé terna e aperfeiçoada pela qual se entra na santificação. Há uma fé débil (por exemplo, a fé de um servo), outra, que é forte (a de um filho), porém todas as etapas agra-

dam a Deus e salvam da ira divina e da culpa do pecado.

O verbo “crer”, no Novo Testamento em grego, se encontra sempre em presente contínuo, indicando uma responsabilidade continua da parte do crente de manter o novo “andar de fé” que inclui obediência e amor (Veja João 1:7; 3:16-17; Atos 13:39; Romanos 10:9; João 20:31).

Existe uma relação real e necessária entre a fé e as boas obras, o que pode ser estabelecido sem colocar estas últimas como condição para ser salvo. O wesleyanismo não ensina que a salvação é parte de Deus e parte do homem. A fé é precisamente o fim do esforço próprio. Porém, ela é uma confiança contínua caracterizada por amor e obediência ativos, e sujeita a desenvolvimento infinito.

As diferenças cruciais no conceito de fé salvadora, surgindo como o fazem de importantes discrepâncias em filosofia, conduzem a disparidades práticas no conceito de santificação. Uma fé que é concedida a pessoas escolhidas pela graça soberana sob os termos de decreto divino não pode conduzir a uma noção dinâmica de santificação. Leva a um conceito de segurança eterna incondicional que não tem implicados elementos éticos essenciais. Uma fé que inclui obediência e amor, e que é em si uma resposta dinâmica e contínua da graça de Deus envolve a totalidade do homem em amor completo rumo a Deus, e a um envolvimento ético total com os outros. Este é o “amor perfeito” ou a santidade.

NOTAS

⁵⁶ Debate over Divine Election, "Christianity Today, oct. 12, 1959. p. 3

⁵⁷ Op. Cit., II, 464-70

⁵⁸ As citações seguintes pertencem a este sermão e se encontram em suas Obras V. 361-63.

⁵⁹ Op. cit., p. 15

⁶⁰ Op. cit., II, 451-52

⁶¹ Ibid., p. 453.

⁶² Ibid., p. 432.

⁶³ Op. cit., p. 4

⁶⁴ Ibid., p. 16

⁶⁵ *Christian Theology*, II, 32

⁶⁶ Augustus Strong, *Systematic Theology* (Philadelphia: Briffith and Roland Press, 1907, II, 515).

⁶⁷ *The Teachings of Christ* (Grand Rapids: Fleming H. Revell Co., 1913), p. 113.

⁶⁸ Works, VI, 48

⁶⁹ *Epístola aos Hebreus* (Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1959), p. 358 (Inglês)

⁷⁰ Ibid

⁷¹ Wesley foi influenciado em grande parte, por Lutero. Diz-se deste último: A força motivadora de toda a ética cristã, é o amor de Deus. "O homem recebe o amor de Deus pela fé e o passa a seu próximo." A fé é ativa em amor em direção ao próximo. "A fé traz você a Cristo e faz Ele seu, com tudo o que Ele tem." Então, "esse amor, faz com que você se entregue a seu próximo com tudo o que você tem" (George W. Forell, Faith Active in Love, N. Y. : The American Press, 1954, p. 100-101).

⁷² *The Word and the Doctrine*, p. 287.



Influência da Doutrina Wesleyana Do Espírito Santo sobre a Teologia

1 – A Obra do Espírito Santo

Todo o estudo precedente nos ajuda a entender melhor a tensão existente entre os conceitos wesleyanos e calvinistas moderados sobre a santificação e a obra do Espírito Santo no cristão. Não existe aqui desejo algum de intensificar qualquer antagonismo que possa existir. O fato é que alguns calvinistas contribuíram com uma ênfase sumamente valiosa para a vida espiritual. Relativamente pouca literatura sobre o processo de maturidade cristã foi produzida pelos escritores armínio-wesleyanos. Os escritores de Keswick, por exemplo, encheram o vazio com muito material proveitoso. No entanto, há ênfase nos ensinamentos calvinistas e de Keswick que tendem a minar a dinâmica bíblica da santificação.

Nos casos em que grande parte dos ensinamentos armínio-wesleyanos destacam o aspecto de crise da santificação, com descuido dos problemas e desenvolvimento depois da santificação, a Escola de Keswick se inclina a enfatizar o aspecto da separação (diferen-

ça entre natureza e graça e o conflito entre elas) ou o aspecto do crescimento, e conseqüente negligência do aspecto da crise decisiva. Ambos os grupos tendem a retirar-se de qualquer responsabilidade social séria e insistem em realizar retiros espirituais freqüentes para a vida espiritual da pessoa.

Um estudo sobre a obra do Espírito Santo no crente, segundo entende cada grupo, revelará o significado da tensão entre eles. Não tem por que existir alguma tirania teológica, porque as Escrituras citadas por um e outro apelam e sustentam tanto a crise como o processo em sua unidade criadora, e estimulam o cristão a envolver profundamente sua vida. Nossa tarefa, então, é examinar cuidadosamente as preocupações de nossos respectivos pontos de vista e criticá-los à luz das Escrituras. Aqui, podemos somente esboçar um plano geral desta tarefa.

A tensão entre as duas tradições teológicas se concentra na psicologia da personalidade. Geralmente, o calvinista moderado e o que ensina a posição de Keswick interpretam que a natureza humana está tão corrompida pelo pecado original, que seus efeitos são experimentados inevitavelmente em cada pensamento, palavra e obra do homem, seja este cristão ou incrédulo. Brotando do inconsciente estão os pecados que devem ser cobertos "com as vestiduras brancas da justiça de Cristo".

Os wesleyanos responsáveis também reconhecem os problemas apresentados pela vida inconsciente (ou "o plano da infraconsciência"). Wesley mesmo se deu conta de tal coisa e disse que "o mais perfeito tem a necessidade contínua dos méritos de Cristo para suas transgressões atuais... porque Cristo não dá vida à alma separada dEle, mas à que está *em* e *com* Ele mesmo... Nossa perfeição não é como a de uma árvore que floresce pela seiva derivada de suas próprias raízes, mas a de um ramo que unido à vide, produz fruto; porém, separado dela, seca".⁷³

A Natureza Humana e a Vida Vitoriosa

Enquanto os wesleyanos e o povo de Keswick se preocupam igualmente pela vida vitoriosa, a natureza e a base dessa vitória são distintas em cada caso e conduzem a diferentes expectativas do que pode produzir a vida cristã. As atuações emocionais do indivíduo variam amplamente de pessoa para pessoa em todos os grupos religiosos, e as reações psíquicas com a vida não são determinadas essencialmente pela teologia à que cada um pertence. Porém, apesar de tudo, o que alguém crê acerca de si como ser humano e acerca da graça de Deus tem muito a ver com a classe de vida cristã que espera produzir, e que, conseqüentemente, experimenta. A presença do Espírito Santo pode, e freqüentemente o faz, surpreender o cristão com um modo de vida totalmente inesperado. Porém, o “complexo” teológico do indivíduo, pode levantar um obstáculo a essa surpresa que às vezes é difícil de vencer, porque a fé está paralisada pelo preconceito. Se crer que deve ser vítima do pecado, sua consciência não vai se levantar para condená-lo, e sua ânsia de santidade sucumbirá.

Em outras palavras; o incentivo à santidade deve ser nutrido pela certeza que tal experiência está no propósito divino para as pessoas humanas falíveis. Entender a adaptabilidade da psique humana à santidade que o Espírito Santo produz – sim, mais ainda, a demanda essencial de que existe no homem por esta santidade que não somente está em harmonia com a saúde mental e psíquica, mas também que é o único recurso efetivo para essa sanidade – é tirar os estorvos do caminho com a experiência dessa vida de vitória.

De modo que, o que se crê acerca da natureza humana e a graça de Deus terá relação direta com o tipo de vida cristã que se experimenta. Pode-se levar uma vida cristã objetiva, alegre, transbordante, otimista, ou estar bastante preocupado com o aspecto

subjetivo da experiência emotiva pessoal. Um complexo de “isolamento”, de exame próprio como este, e de retirar-se da sociedade vão acompanhados geralmente por uma atitude bem mais pessimista para a vida.

Uma terceira alternativa é igualmente possível e algo comum: a de escusar-se da responsabilidade de vitória espiritual e de serviço cristão dinâmico, alegando que nenhum ser humano pode viver a vida de vitória e conquistas, a qual é meramente um ideal.

O calvinista moderado trata deste problema dividindo o EU* em várias partes, geralmente, em carne e espírito, afirmando um antagonismo básico entre essas duas entidades, ou melhor, distinguindo sutilmente na experiência cristã entre o abstrato “em Cristo” e o real “em nós mesmos”. “Em Cristo, somos perfeitos, sem pecado; enquanto que em nós mesmos permanecemos impuros.”⁷⁴ Em qualquer dos casos, é menosprezada ou negada a unidade essencial da personalidade. Para eles, o cristão não é “uma pessoa em conjunto”, mas que está dividido até o íntimo de seu ser. Isto não é somente teologia duvidosa, mas também psicologia deficiente.

O calvinista moderado, incluindo o calvinista wesleyano, está sinceramente preocupado com a ética cristã e a vitória espiritual. Ele enfatiza o papel do Espírito Santo nas lutas do cristão com sua própria natureza pecadora. Porém, segundo este ponto de vista, o Espírito Santo não “limpa” o coração, nem “troca” o coração. Quando o cristão “se rende” ao Espírito Santo “é possuído” por Ele. O Espírito Santo restringe, subjuga, reprime as manifestações da natureza humana. Enquanto isto o Espírito Santo nos possui, Cristo reina e “*mantém submissa*” a natureza pecaminosa. “O princípio e a essência da vida de vitória é que Cristo é vencedor e nós somos conquistados por Ele. Cristo deve conseguir a vitória sobre nós e em nós.”⁷⁵

* Assim se traduz neste capítulo o termo self.

A Obediência de Cristo e a Justiça do Homem

Muito se tem falado da obediência ativa e passiva de Cristo. Com Sua morte, não somente paga as culpas de todos nossos pecados passados, presentes e futuros, mas também que Sua vida ativa de obediência é transferida para a nossa “conta”, de modo que nossa justiça de “trapos imundos” está coberta e substituída pela justiça pessoal de Cristo.

O tema da “substituição” está impresso em cada parte desta teologia. Sobressai tanto, que a limpeza pelo sangue de Cristo está quase obscurecida e a liberação do pecado praticamente é negada. A substituição é uma verdade bíblica, porém sua própria esfera de significado deve ser exegeticamente determinada a fim de que seu verdadeiro sentido e vinculação com outras verdades não se percam. Jamais se disse nas Escrituras que a santidade de caráter pode transferir-se de uma pessoa a outra – nem tal coisa é possível. A morte de Cristo é substituição pelo nosso castigo, não por nossa santidade.

Grande ênfase é colocada na “obra consumada por Cristo no Calvário”. Mas, dado o conceito de substituição exagerado e sem crítica existe uma confusão. Jesus vive para que a Sua vida possa ser revelada em relação ao que é consumado. Considera-se que a justificação e o caráter cristão estão incluídos na obra consumada de Cristo que nos é aplicada, de modo que nossa justiça pessoal e completa santificação são derivadas incondicionalmente de Cristo. Em outras palavras, não somente nossa justificação é “em Cristo”, mas também que Sua própria obediência pessoal vem a ser a minha justiça pessoal, sem ter que ver com a vida que levo ou com os pecados que cometo.

A fragilidade deste critério salta à vista pelo emprego de expressões tais como “rendição ao Espírito Santo”, “a morte do eu”, “a transferência da justiça de Cristo para nossa conta”, “a repressão da natureza pecaminosa”, e outras semelhantes. Esta terminolo-

gia indica uma relação completamente superficial do Espírito Santo com o homem e um conceito psicologicamente falso da natureza humana. Nada disto se encontra em absoluto nas Sagradas Escrituras. Não diz “*rendei-vos*”, mas “*apresentai-vos*”; não “*possuídos por*”, mas “*cheios*”; não “*reprimidos*”, mas “*fortalecei-vos*”; estas são as palavras do Novo Testamento. Os conceitos contidos ou expressos nestes contrastes são pólos opostos e resultam de interpretações completamente diferentes da natureza do homem e da graça.

É sumamente significativo que “*render-se*” ou um dos seus equivalentes, jamais se usa no Novo Testamento para designar a relação com o Espírito Santo. Em nenhuma parte a Bíblia diz que os homens “*estavam possuídos pelo Espírito Santo*” “O Espírito de Jeová veio” (“*vestiu*”) sobre Gideão (Juízes 6:34). De maneira semelhante, o Espírito “*veio sobre*” os profetas. O Novo Testamento é ainda mais específico. Em suas páginas lemos que “os homens são cheios do Espírito Santo”, guiados por, “confortados com a potência de seu Espírito no homem interior”, etc., porém, nunca “*possuídos pelo Espírito Santo*”.

É irônico que uma ênfase exagerada sobre o Espírito Santo, acompanhada do descuido da centralidade de Cristo, pode conduzir à perda tácita do conceito correto sobre o Espírito Santo. A obra do Espírito é revelar Cristo, apresentar as exigências de Cristo ao coração humano, guiar os homens a Cristo, glorificá-lo (João 14:16). O Espírito Santo é luz. Luz para andar nela e não só para olhá-la. A preocupação verdadeira do Espírito Santo é Cristo. Nunca se deve perder de vista esta grande verdade; de outro modo, cairemos no fanatismo que tanto prejuízo tem causado à Igreja através da história.

O Espírito Santo e a Natureza Humana

O Espírito Santo deve ser honrado como Deus; porém, a maneira de dar-lhe mais honra é obedecendo-Lhe e andando na luz que Ele nos tem concedido.

Wesley foi sumamente cuidadoso nestes pontos. Entre os muitos termos empregados por ele para a inteira santificação, nunca usou o de *batismo do Espírito Santo*, nem usou vocábulos semelhantes, a fim de evitar o perigo de buscar o Espírito Santo por algum dom ou emoção concomitante em lugar de buscar a Cristo e à Sua vontade. Pode-se ver o discernimento ético de Wesley no fato de que não nos guia em direção aos dons do Espírito, mas para os frutos do Espírito. (Vide sermão sobre “Os primeiros frutos do Espírito”.) O maravilhoso equilíbrio das Escrituras entre a obra do Pai, do Filho e do Espírito Santo deve ser mantido em nossa pregação e na teologia.

O Novo Testamento não ensina a supressão da natureza humana. Esta deve ser consagrada, purificada e disciplinada, nunca suprimida. Muito se tem falado quanto ao papel do corpo na experiência cristã: “...Apresentai vossos membros a Deus como instrumentos de justiça; porque o pecado não terá domínio sobre vós” (Romanos 6:13-14). “...apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus...” (Romanos 12:1). “Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo... glorificai a Deus no vosso corpo” (1 Coríntios 6:19-20). “Levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo... para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal” (2 Coríntios 4:10-11). “Também agora, será Cristo engrandecido no meu corpo... (Filipenses 1:20). Em 1 Coríntios 9:26-27, Paulo diz que “põe seu corpo em servidão”, porém esta é uma analogia da preparação que um atleta dá ao seu corpo para conquistar a vitória (v. 25), não uma analogia de uma luta mística para livrar-se das restrições impostas por seu corpo físico.

O “eu” dividido não é a marca do cristão cheio do Espírito. Sua marca é um coração que ama Deus por completo – e que resulta em uma personalidade inte-

gra. Não existe parte da psique humana que possa ser excluída. Os efeitos da regeneração e a purificação da graça de Deus penetram até os lugares mais profundos do “coração”, do qual saem os “princípios da vida”.

Deus requer que todos os poderes do ego e da natureza humana sejam colocados à disposição do Espírito (1 Coríntios 12). Ele não invade, nem passa por cima do ser humano. Ele nos ajuda para que façamos com que Cristo seja nosso Senhor (1 Coríntios 12:3), e que cada um de nós com sua própria e singular personalidade, seja feito “um membro do corpo” (v. 27) de Cristo, e o Espírito Santo se manifeste através de nós para algum propósito específico de Sua própria seleção. A passagem muita usada para provar que Paulo sustentava a tricotomia da natureza humana é, efetivamente, seu argumento para provar a unificação - no sentido de integridade - da personalidade: “O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis” (1 Tessalonicenses 5:23). A ênfase desta escritura não está sobre a divisão da personalidade, sustentada pelos tessalonicenses, e sim sobre a unidade que a santidade estabelece.

Um dos passos desta integridade espiritual é a morte de si mesmo ou “negação de si mesmo” (Mateus 16:24). Este é um conceito muito diferente ao da “morte do eu” da qual falam alguns pregadores. “Porque se o “eu” morre, existe lugar para que Cristo viva em nós”, comenta Cummings em *A Vida Vitoriosa de Keswick*. Qualquer coisa que queiram significar tais palavras, deixa a impressão de que o “eu” pode sair do centro da personalidade para deixar lugar a outro Eu; ou que o próprio “eu” pode até deixar de existir. Tal literalismo se inclina a afrouxar o sentido de responsabilidade pessoal, que é absolutamente indispensável para a saúde da mente e o caráter moral. A personalidade é o “eu”. Elimine-se o “eu” e a personalidade desaparece.

O “eu”, com todas as suas faculdades já redimidas, poderoso em autoconsciência e autodeterminação deve apresentar-se a si mesmo a Deus, não passivamente, mas como “um sacrifício vivo”. Ao falar de limpeza, o wesleyano não concorda com F. B. Meyer, quando diz que a natureza humana é limpa do “eu”. O Novo Testamento ensina que é o “eu” o que deve ser limpo do duplo ânimo (Tiago 1:8) e do pecado (1 João 1:9).

O “eu”, como tal, não é pecado, porém pode ser pecador. Não podemos ser limpos do “eu”, porém este pode ser purificado de sua inimizade contra Deus. O “eu” não pode abdicar de sua autonomia e identidade moral. Não pode ser suprimido. O intentar fazê-lo é intrometer-se no delicado equilíbrio da personalidade feita por Deus, e tais tentativas freqüentemente resultam em desastre moral e mental. Porém o “eu” pode ser “fortalecido com poder no homem interior pelo Seu Espírito; para que habite Cristo pela fé em vossos corações” (Efésios 3:16-17).

O ponto central e crucial deste estudo focaliza outra fragilidade da posição calvinista wesleyano, ou seja: quando se fala do conceito da transferência de caráter de Cristo para o cristão, ou de que a justiça de Cristo pode substituir a minha justiça, ou de que a obediência de Cristo será aceita por Deus em lugar da minha obediência. Apesar das inumeráveis declarações publicadas a respeito, é improvável que um teólogo responsável creia tal coisa ao pé da letra. A justiça e o caráter não são mercadorias que podem passar de uma pessoa para outra. Tratam-se de qualidades que não podem ser nem derivadas de ninguém, nem compartilhadas com alguém. O caráter repetimos, é o “eu” no encontro dinâmico com a vida e com Deus.

O único raciocínio possível desta teoria da “transferência do caráter” é:

- ◆ Proteger a verdade bíblica de que não é possível que a bondade pessoal de qualquer homem possa recomendá-lo a Deus.

- ◆ Deus é a Fonte e a Causa de toda justiça. Sob o conceito calvinista da natureza humana, a única maneira de poder considerar a justiça no homem é separá-la do indivíduo atual, de modo que não resida nele ou lhe toque; mas, não obstante, que lhe permita descansar na segurança de “uma posição”, sob a justiça real do outro.

A dupla norma que isto cria é um assunto sério e se levanta como uma das diferenças mais significativas entre os conceitos calvinista e wesleyano da santificação. Na tradição calvinista, a santificação é um aprimoramento gradual da natureza carnal e a reposição gradual da natureza espiritual; uma parte inevitável da segurança predeterminada do cristão, que pode afetar ou não afetar o caráter moral nesta vida; ou uma “posição” em Cristo que constitui a “perfeição”, enquanto que em si mesmo, o cristão é impuro. Em todos estes casos, se trata precisamente da dupla norma que a Bíblia e o cristão wesleyano responsável rejeitam como sendo a própria condição de pecado pelo qual Cristo morreu para nos salvar. Se os homens não são realmente salvos do pecado, pergunta Wesley, de que realmente Cristo nos salva?

Wesley sustentou que mediante o novo nascimento pelo Espírito Santo é outorgada uma nova vida ao cristão. Esta vida crescerá e se desenvolverá até a perfeição (ver seu sermão sobre “A Salvação pela Fé”). Wesley afirma que por salvação quer dizer:

*não meramente a liberação do inferno, ou a ida ao céu, de acordo com o conceito vulgar, mas uma liberdade presente do pecado, a restauração da alma à sua saúde primitiva, sua pureza original; uma recuperação da natureza divina, a renovação de nossas almas à imagem de Deus, sua retidão e verdadeira santidade, em justiça, misericórdia e verdade.*⁷⁶

Wesley afirma que a salvação pela fé não deve ser reduzida a ser livre do amor e da obediência. A salvação pela fé carece de sentido, se desligada da fé que opera pelo amor.

Quando dizemos, “Crês e serás salvo”, não pretendemos expressar “Crês e saltarás do pecado ao céu sem a santidade entre ambos, tomando a fé o lugar da santidade”; porém, “Crês e serás santo; crês no Senhor Jesus e terás paz e poder; terás o poder que vem daquele em que tem crido, para pisar o pecado abaixo dos teus pés; poder para amar o Senhor teu Deus com todo o coração e servi-lo com todas as tuas forças”.⁷⁷

A idéia de transferir a justiça de Cristo ao homem (ou justiça imputada) é a antítese exata da noção bíblica da santidade. Isenta o homem da necessidade de qualquer troca verdadeira de coração. Wesley disse que tal coisa era

um golpe na raiz, a raiz de toda santidade, de toda verdadeira religião...se assim for. “Cristo é apunhalado na casa de seus amigos, daqueles que fazem a maior profissão de amá-lo; todo o propósito de Sua morte, principalmente para destruir as obras do diabo, é derubado “o propósito” em um só golpe. Por isso, donde quer que se receba cordialmente esta doutrina não há lugar para a santidade.”⁷⁸

A Diferença Básica

Não podemos nos colocar mais perto da corrente fundamental que separa o calvinismo do wesleyanismo. A teoria da soberania de Deus, que requer uma visão da graça divina que não pode ser resistida, produz um conceito do homem, que a seu tempo, deve ser incondicionalmente salvo, quer seja por decreto divino ou em virtude de sua fé, sem uma verdadeira transformação moral.

A filosofia que sustenta a predestinação individual incondicional, por necessidade lógica, deve rechaçar

o conceito wesleyano de santificação. Além do mais, se descobrirá que os argumentos comumente ouvidos contra a doutrina wesleyana da santidade surgem de uma filosofia calvinista, ainda que quem a proclame não pretenda pertencer a essa escola. A filosofia básica é tão antiga como o pensamento humano e pode-se seguir seus rastros até suas raízes gregas e orientais. Não é hebraica nem bíblica.

No ponto de vista wesleyano, que se fundamenta nas Escrituras e que não está ligado com a filosofia, a santificação é um elemento essencial da salvação e deve implicar na totalidade da natureza do homem. A justificação não esgota a mensagem do evangelho. Não é sua meta. É o primeiro passo em direção à meta de completa liberação do domínio do pecado, amor de Deus e obediência à Sua lei nesta vida. A santificação é o método de Deus para curar a alma; é o meio de renovar a corrupta natureza do homem. A renovação do homem à imagem de Deus se volta ao objeto da religião. (Ver o sermão de Wesley *"O Pecado Original"*).

Quando a tentativa ilógica é cimentar a doutrina wesleyana da santidade sobre um ensinamento calvinista da natureza humana resultam tensões insolúveis. Muitas pessoas buscam uma escada rolante para uma vida santa, separadamente da atuação plena de seu inteiro ser moral. Para eles, a chegada do Espírito Santo deve significar liberdade da tentação, liberação de todas as debilidades e extravagâncias das batalhas do corpo, liberdade deles mesmos, da necessidade de disciplina, dos fracassos no serviço cristão, liberação de responsabilidades sociais, espirituais e intelectuais para com os nossos semelhantes. Porém, a vinda do Espírito Santo implica no despertamento da reserva total da natureza humana, sua limpeza do duplo ânimo, sua dedicação radical a Deus. Equivale a tornar afiadas até o ponto mais agudo as energias e capacidades humanas para cumprir a missão que Deus lhes designou na vida.

2 – O Espírito Santo e a Certeza Cristã

Não existe lugar na teologia onde seja mais evidente o caráter diferente dos dois sistemas que estamos estudando em relação com a obra santificadora, do que na área da garantia da salvação pessoal. Da mesma forma que a segurança eterna incondicional é a conclusão lógica e necessária dos Cinco Pontos do calvinismo, a prática lógica wesleyana (se é lógica no sentido formal) leva ao conceito de segurança condicional. É estranho, porém ambos os sistemas se acusam mutuamente de ensinar a insegurança. O calvinista diz que o wesleyano deve viver em temor de que sua fé seja inadequada e suas "obras" insuficientes para assegurar a salvação. O wesleyano lembra ao calvinista que a eleição é secreta e que ninguém pode saber com absoluta segurança se é salvo.

Quando o calvinista se confronta com a necessidade de se afirmar que tipo de Deus apresenta sua teologia, ele pode projetar sua lógica em outra direção, não somente para compensar um aspecto não atraente de Deus, mas também para formular uma filosofia de segurança. Se o Deus predestinador deve ser livrado do cargo de injustiça e se o seu amor há de se considerar seriamente, por que não poderia eleger escolher a todos? Posto que nenhum homem pode merecer a salvação e esta somente se obtém pelo decreto de Deus, não existe problema filosófico ou religioso na suposição de que Deus escolhe a todos os seres humanos. A isto se denomina universalismo. Esta teoria, então, pode tomar seriamente as afirmações bíblicas de que o sacrifício de Cristo inclui a todos os homens. O potencial do universalismo jaz no coração da filosofia calvinista.

O universalismo não pode logicamente surgir do arminianismo wesleyano, porque este último não postula um Deus cuja vontade é casual e, portanto, limitadora da liberdade moral dos homens. Partindo de sua própria premissa, não pode dar nenhuma segu-

rança de que todos os homens se renderam a Cristo. Somente um sentimentalismo irracional poderia chegar a semelhante conclusão.

Começando com o conceito de uma absoluta soberania de Deus que não pode tolerar medida alguma de uma genuína vontade contrária no homem, e colocando junto a ela a verdade central de que Deus é santo, logicamente somos impelidos até a predestinação individual incondicional. Se, por outro lado, dizemos que a natureza de Deus é amor, a lógica nos leva à salvação universal incondicional. Ambas nascem de um conceito de Deus que não permite a liberdade moral genuína ao ser humano.

Porém, entre os dois extremos jaz o conceito de um Deus cuja natureza intrínseca é santidade e amor, ambos em perfeita harmonia e cooperação. Pode assegurar-se que é uma equivocada interpretação das Escrituras falar de um Deus com seus atributos em discordância: Sua santidade contra Seu amor; Sua ira contra Sua misericórdia, Sua vontade contra Seu desejo.⁷⁹

O tempo subjuntivo grego que indica condicionalidade se torna uma barreira silenciosa, porém implacável às duas noções calvinistas que acabamos de mencionar. No português, iniciamos a condição com a respectiva conjunção “se” para nos ajudar. Mais frequentemente, no grego, a contingência está oculta. Notemos umas poucas ilustrações:

PARTE DO HOMEM
(Condição)

A. Perdão, misericórdia

“Deixe o perverso,...e converta-se.” (Isaías 55:7)

“Se andarmos na luz... Se confessarmos nossos pecados.” (1 João 1:7-9)

PARTE DE DEUS
(Promessa)

“Jeová... terá misericórdia.”

“O sangue nos limpa.”

B. Segurança de Aceitação

"Vinde a mim, todos os que estais cansados." (Mateus 11:28)

"O que vêm a mim." (João 6:37)

"E eu os farei descansar."

"De maneira nenhuma os lançarei fora."

C. Segurança de Salvação

"Se confessares com tua boca... e creres (seguindo crendo) em teu coração." (Romanos 10:9)

"Serás salvo".

D. Segurança de Filiação

"Mas a todos os que o receberam... aos que crêem (continuam crendo)." (João 1:12)

"Lhes deu poder de serem feitos filhos de Deus."

E. Segurança da Vida Eterna

"Todo aquele que nEle crer (continua crendo)." (João 3:16)

"Não pereça, mas tenha vida eterna."

F. Segurança do Contínuo Favor de Deus

"Se... permaneceis fundados e firmes na fé." (Col. 1:23)

"Para apresentar-vos santos e sem mancha... diante dEle." v. 22

O subjuntivo grego é usado regularmente com referência à salvação. Indica possibilidade, porém também uma condição – que sigamos crendo. O subjuntivo se levanta entre predestinado e decisões morais. Faz acessível a possibilidade, porém não determina o resultado. Mantém a porta aberta para Cristo, porém não empurra qualquer pessoa a cruzá-la contra sua vontade. Todas as barreiras entre Deus e o homem são removidas, porém, ele deve usar os poderes que Deus lhe concedeu para entrar.

Outro fato interessante é que todos os verbos que significam crer estão no presente contínuo. Não é suficiente somente o ato de fé, mas sim toda uma vida

de confiança persistente em Deus e obediência a Ele; esta é a declaração do Novo Testamento.

Esta é a maneira pela qual a Bíblia evita o universalismo (ou a crença de que todos os humanos serão salvos porque Cristo morreu por todos os homens). O hipercalvinista (calvinista extremado ou ultracalvinista) resolve este problema dizendo que Deus escolhe certas pessoas para serem salvas e que Cristo morreu somente por elas. O calvinista moderado procura dar solução respeitando a responsabilidade moral até que se chega a ser cristão (então a responsabilidade moral termina e os homens não podem perder-se). A Bíblia evita tanto os problemas lógicos como morais do pensamento humano ao postular a responsabilidade moral dos seres humanos dentro do arcabouço da soberania de Deus. Ele pode outorgar uma medida precisa de liberdade moral de uma maneira que não limite a Sua soberania. Deus disse: "Se fores por este caminho, terás certos resultados. Se fores por este outro, os resultados serão diferentes. Não podes escapar das leis morais que eu tenho predestinado". A gramática bíblica não pode ser passada por alto ao desenvolver uma teologia cristã.

A própria condicionalidade da salvação bíblica nos conduz, então, a uma compreensão séria e profunda da santificação. A certeza (que o cristão tem de sua salvação) não é uma "posição" estática, amoral nem um posicionalismo antinomiano. A certeza é positiva e dinâmica, uma vida arraigada em Deus, Aquele que não pode falhar. É uma fé que cresce, se aprofunda e expande-se em Cristo, medida por um crescimento em amor e obediência, e que olha (para cima) para Ele, e não para trás, para algum ponto do passado, mesmo que isso seja marcante em nossa santificação.

A verdadeira antítese do calvinismo é o conceito wesleyano e (a nosso ver) bíblico da santificação com seu sentido dinâmico, que inclui toda a vida. O wesleyanismo, livre da filosofia fundamental do

calvinismo, acha que a doutrina da santificação não é somente bíblica e prática, mas também absolutamente indispensável para a salvação.

O Dr. Neve nos relembra anteriormente neste estudo, que a doutrina da predestinação incondicional e pessoal surgiu de uma necessidade de segurança interior. A predestinação pessoal é a raiz da segurança eterna. Entretanto, a ironia desta noção reside em que, divorciada de sua doutrina original, a escolha, não pode prover segurança. Ainda que acorrentado à predestinação, ninguém pode saber se é ou não um dos escolhidos.

A segurança desvinculada da eleição, como postulam os calvinistas moderados, descansa sobre a qualidade da fé do cristão. De modo que se deve perguntar constantemente: a minha fé era verdadeira? Um conhecido pastor calvinista disse em uma ocasião: "Naturalmente se você continua em pecado, é evidente que sua fé era deficiente, que nunca foi salvo, porque um cristão não peca". Isto oferece pouco consolo à alma ansiosa. Em que ponto chega a proporcionar certeza a doutrina da eterna segurança? Que vantagem tem este ensinamento sobre o suposto temor em que vive o wesleyano? Sobre que fundamento descansa a segurança eterna incondicional? Por outro lado, em que consiste a segurança do wesleyano? Confia em Deus ou deve depender de seus próprios esforços? Um esboço do ensino bíblico sugerirá as respostas para estas perguntas.

A Bíblia ensina com muita clareza duas coisas concernentes ao cristão:

- ◆ Existe absoluta segurança eterna "em Cristo".
- ◆ A responsabilidade de continuar em obediência é obrigatória para o cristão.

O evangelho requer muito mais do que a "aceitação" de Cristo como Salvador pessoal. Além disto, esta maneira de expressar o começo da vida cristã, não somente é antibíblica em terminologia, mas também

antibíblica em significado. Quem somos nós para ter o direito de “aceitar” a Cristo? É Ele quem nos aceita segundo suas condições, principalmente, a de crer. E crer é obedecer-lhe. A responsabilidade moral não termina com a fé. Esta começa o processo de toda a vida real, espiritual e maturidade de nossa obediência.

Existe segurança “em Cristo”. “Quem nos separará do amor de Cristo?... (nada) nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, Senhor nosso” (Romanos 8:35-39). “Ninguém as arrebatará da minha mão” (João 10:28). “Pode salvar perpetuamente aos que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Atos 7:25). Ele “é poderoso para vos guardar de tropeços” (Judas 24).

Examinemos com mais cuidado estas passagens. Os textos de Romanos acentuam quão completamente adequado é o pródigo amor para qualquer e todas as necessidades humanas. Porém, estas são ocasionadas pelos perigos externos. Subentende-se o desejo do homem de ser guardado. Ao mesmo tempo, se afirma que o amor de Deus é inesgotável. Não termina por nenhuma razão, mesmo que o homem rechace voluntariamente a Deus. A mesma verdade está expressa em João 10. Não diz que nenhum homem pode escapar da mão do Pai, mas que enquanto estamos nessa mão, nenhum poder externo poderá tocar-nos. Hebreus 7 comenta que a condição para “sermos salvos perpetuamente” é que nós confiantemente nos aproximemos dEle. A passagem de Judas acerca de ser guardado sem tropeço depende do conselho do v. 21: “Conservai-vos no amor de Deus”.

Qualquer noção séria de responsabilidade moral deve incluir o poder do cristão para rechaçar tanto como para ratificar sua lealdade a Deus. O pecador não pode ter uma medida maior do poder de decisão moral que o cristão. A graça fortalece a estrutura moral; não a debilita. Esta opinião está plenamente apoiada na Bíblia. Em totalidade, porém especialmente no

Novo Testamento, repetidamente aconselha e ordena ao filho de Deus que dê passos positivos em direção à recuperação moral. Estes requisitos são absolutos. Estas são coisas que o cristão deve fazer. Deus não o faz – e não pode fazê-las – por ele. O destino eterno, não meramente os galardões, está em perigo. O perdão de Deus não elimina as obrigações do evangelho: ele inicia a vida de obrigações. Notemos umas poucas passagens:

“Considerai-vos mortos para o pecado... porém vivos para Deus” (Romanos 6:11),

“Não reine pois, o pecado em vosso corpo mortal”, v. 12;

“Vos oferecerdes por servos... seja do pecado para a morte ou seja da obediência para a justiça” (v. 16).

Para o cristão não existe *tertium quid*, ou meio termo entre estes extremos. O cristão (porque é deles de quem fala Paulo) que rende seu corpo ao pecado vai rumo à morte. Parece que a idéia de Paulo sobre a segurança se baseia na entrega do cristão para obedecer a Deus.

As únicas alternativas do cristão são: semear para o Espírito ou para a carne, segundo Gálatas 6:7-8. As conseqüências desta escolha são para vida ou para morte. Esta lei não muda para o pecador ou para o cristão. Geralmente se usa este texto para pregar aos não-convertidos, porém Paulo dirige esta verdade aos convertidos. Isto é significativo.

A passagem de Hebreus 2:3-4 é igualmente importante para os cristãos, porque também está dirigida a eles e não aos não-convertidos. Para que não nos afastemos da salvação prevista, o autor admoesta solenemente para que não a tratemos com negligência ou não lhe demos atenção. Se os que foram desobedientes à palavra dos anjos se encontraram com a devida retribuição, como escaparemos se não fizermos caso da palavra do próprio Senhor, que a confirmou com sinais, milagres e dons do Espírito Santo?

Não somente estes tipos de admoestações acima são fornecidas para o cristão, mas também são dadas ordens diretas. Um exemplo típico temos em Efésios 4:22-24: “Despojai-vos” da velha natureza e “vesti-vos” da nova criatura, que é criada em verdade e santidade. Estes mandamentos não são admoestações suaves às quais podemos prestar atenção ou não, segundo nossos desejos ou inclinação. Não são ordens para ir ao longo da vida destruindo, pedaço a pedaço, a natureza carnal. O aoristo grego nos indica que esta tarefa deve ser efetuada conclusivamente e de todo coração.

A certeza cristã está baseada pelo menos em duas importantes verdades. A primeira é o fato de que o amor de Deus O move a rodear-nos de toda a ajuda possível para fazer frente a qualquer emergência. O amor e o poder de Deus constituem um escudo protetor contra as forças espirituais que nos oprimem, as quais não podemos ver, nem mesmo conhecer. Somos encorajados a “fortalecer-nos no Senhor”, revestindo-nos de “toda a armadura de Deus”, para “poder estar firmes contra todas as ciladas do diabo” (Efésios 6:10-18).

Existe segurança “em Cristo”. Todos nós experimentamos tempos de provas; tempos que sacodem a alma até os seus fundamentos. Algumas vezes, as trevas nos fazem perder nossa âncora das verdades espirituais. Outras vezes, nossa fé é provada bem além de nossas possibilidades. Então, no abismo e nas trevas, quando nos encontramos sem esperanças e solitários, começamos a sentir a presença de um Amigo, o Amigo que nunca nos abandonou, o Amigo que é poderoso para revelar-nos algo mais de Si nesta hora do que aquilo que Ele poderia jamais ter feito, quando tudo estava indo bem conosco. É difícil que o cristão verdadeiro caia da graça. Para fazer isto, ele deveria resistir e rejeitar todos os “salva-vidas” da graça lançados para ele, e todo o amor que o cerca. Naquela que parece ser a última prova, nós experimentamos a graça

mais rica. Jamais poderemos esgotar o perdão, a misericórdia, o amor e o poder de Deus, pois é adequado a cada necessidade.

O segundo fator importante é a natureza da santidade. A perseverança na fé não é o resultado da força derivada da quantidade da própria fé de cada um, mas da qualidade do amor que se tem por Deus. Despertar a tensão da própria fé e fixar nela a atenção é agarrar-se na fonte errada de ajuda em tempos de necessidades. Não somos salvos pela força de nossa fé, mas pelo Objeto dela – Cristo. Estamos unidos pelo amor mútuo.

NOTAS

⁷³ *A Plain Account of Christian Perfection* (Kansas City, Beacon Hill Press of Kansas City, 1966, reimpresso) p. 52-3.

⁷⁴ Edward Carnell, *Philosophy of the Christian Religion* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1952), p. 77

⁷⁵ J. Elder Cummings, "What This Teaching Is", *Keswick Week*, 1890, p. 40.

⁷⁶ Sermões, "A Father Appeal."

⁷⁷ *Ibid.*, "Sermon on the Mount", I (O Sermão do Monte), I.

⁷⁸ *Ibid.*, "A Blow at the Root", 1762

⁷⁹ Ver Wiley, *Christian Theology*, I, 365 p., onde existe uma excelente análise do amor santo.

CONCLUSÃO

O amor é uma força positiva. A santidade é positiva; é algo vivo, que cresce. Na vida natural não nos preocupamos obstinadamente por prevenir as enfermidades, mas por fortalecer o corpo, para que chegue a ser bastante saudável e rechace as enfermidades. Não gastamos tempo e energias em tratar de seguir confiando em nosso melhor amigo. O amamos e o amor se encarrega dessa confiança.

Em nossa vida cristã, quanto mais nos entregamos, mais confiamos em Deus, mais o amamos e cremos nEle. O "sim" constante a Deus debilita a tentação para desobedecer-lhe. Não necessitamos viver sob a tensão de resistir ao pecado e escapar dele, se corremos até Deus e chegamos mais estreitamente à Sua presença. A fé e o amor crescem juntos. Conforme a fé se aferra mais e mais às promessas de Deus, e a determinação traz o "eu" em conformidade com a Sua vontade, o amor vai se aperfeiçoando; e quando isto vai sucedendo, a fé também se fortalece. "O perfeito amor lança fora o medo" (1 João 4:18). O amor é o

antídoto para o temor cair. O amor confia em Deus, nos aproxima dEle, que é onde está a segurança.

Tudo o que é necessário para uma vida cristã edificante, forte, positiva é o significado e o conteúdo da santidade. A santidade é amor. O amor não é uma salvação abstrata, imputada e irreal, que nos salva no princípio, mas não de fato. O amor é precisamente a graça de Deus, operando no nosso eu essencial e interagindo nele, trazendo cada elemento do nosso ser e personalidade sob o domínio do Nosso Senhor Jesus Cristo pela presença interior do Espírito Santo. Isto se levanta como um contraste absoluto para a salvação por decreto divino, que ignora a reabilitação da alma, a qual, de outra maneira, está desesperadamente perdida no pecado.

BIBLIOGRAFIA

Livros

- ARMINIUS, James. *The Works of James Arminius*. Wm. Nichols (Trad.). London: Thomas Baker, 1875.
- BRANDT, Caspar. *The Life of James Arminius*. John Guthrie (Trad.). London: Ward and Co., 1854.
- BURTNER, Robert W. e CHILES, Robert E. (Ed.). *A Compendium of Wesley's Theology*. New York: Abingdon Press, 1944.
- CALVIN, John. *Institutes of the Christian Religion*. John Allin (Trad.). Philadelphia: Presbyterian Board of Education, 1932.
- CARNELL, Edward. *Philosophy of the Christian Religion*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1952.
- COX, Leo George. *John Wesley's Concept of Perfection*. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1964.
- FORELL, George W. *Faith Active in Love*. New York: The American Press, 1954.
- GEIGER, Kenneth E. (Ed.). *The World and the Doctrine*. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1965.
- HARRISON, A. W. *Arminianism*. London: Duckworth Press, 1937.

- HODGE, A. A. *Outlines of Theology*. New York: A. C. Armstrong and Son, 1905.
- McGIFFERT, Arthur Cushman. *A History of Christian Thought*. New York: Charles Scribner's Sons, 1953.
- NEVE, J. L. *A History of Christian Thought*. Philadelphia: The Muhlenberg Press, 1946.
- MORGAN, G. Campbell. *The Teachings of Christ*. Grand Rapids: Fleming H. Revell Co., 1913.
- NAGLER, A.W. *The Church in History*. New York: Abingdon Cokesbury Press, 1929.
- NEVE, J. L. *A History of Christian Thought*. Philadelphia: The Muhlenberg Press, 1946.
- ORR, James. *Progress of Dogma*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1952.
- OSBORN, G. (Ed.) *The Poetical Works of John and Charles Wesley*. London: Wesleyan Methodist Conference Office, 1869.
- RICHARDSON, Cyrill. (Ed.) *Early Christian Fathers*. Philadelphia: Westminster Press, 1943.
- SHEDD, William. *Dogmatic Theology*. New York: Charles Scribner's Sons, 1888-94.
- STRONG, Augustus. *Systematic Theology*. Philadelphia: Griffith and Roland Press, 1907.
- WARFIELD, Benjamin. *The Westminster Assembly and Its Work*. London: Oxford University Press, 1931.
- WESLEY, John. *A Plain Account of Christian Perfection*. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1966.
- _____. *The Works of the Rev. John Wesley*. Vol 14. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, n.d.
- WILEY, H. Orton. *Christian Theology*. Vol. I Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1940.
- _____. *The Epistle to the Hebrews*. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1959.

Artigos

- ATKINSON, Lowell, "The Achievement of Arminius", In: *Religion in Life* (Summer, 1950), p. 422.
- BANGS, Carl. "Arminius and the Reformation", In: *Church History*, XXX (June, 1961), 7-8.
- _____. "Arminius: An Anniversary Report", In: *Christianity Today* (October 10, 1960), p. 18.
- BARNHOUSE, Donald Gray. "Eight Things God Cannot Do", In: *Eternity*, IX (January, 1958), 27.
- BELL, L. Nelson. "Righteousness", In: *Christianity Today*, II (June 9, 1958), 19.
- CHILES, Robert E. "Methodist Apostasy from Free Grace to Free Will", In: *Religion in Life*, XXVII (Fall, 1958).
- CUMMINGS, J. Elder. "What this Teaching Is", In: *Keswick Week* (1890).
- LADD, George E. "Justification", In: *Eternity*. IX (July 1958), 12. "The Debate over Divine Election", In: *Christianity Today* (october 12, 1959).
- VAN DER KROEF, Justus M. "Calvinism as a Political Principle", In: *Calvin Forum* (February, 1950).

**Impressão e Acabamento
na Gráfica Imprensa da Fé**